

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA  
ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVEZAMENTO DO EXERCÍCIO DO  
PODER EM PATOS-PB

HIGOR PORFÍRIO FERREIRA DE OLIVEIRA

CAJAZEIRAS - PB

2019

HIGOR PORFÍRIO FERREIRA DE OLIVEIRA

**A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA  
ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVEZAMENTO DO EXERCÍCIO DO  
PODER EM PATOS-PB**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Dra. Maria Lucinete Fortunato

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

O482g Oliveira, Higor Porfírio Ferreira de.  
A genealogia do poder patoense: a formação de uma elite política local e o revezamento do exercício do poder em Patos-PB / Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. - Cajazeiras, 2019.  
122f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Política - Patos - Paraíba. 2. Política patoense - história. 3. Política paraibana - história. 4. Relações de poder. 5. Elite familista. I. Fortunato, Maria Lucinete. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 32(813.3)

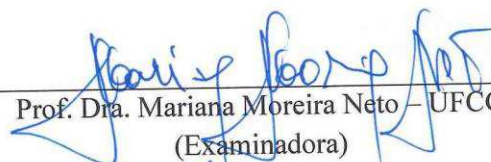
HIGOR PORFÍRIO FERREIRA DE OLIVEIRA

A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA  
ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVEZAMENTO DO EXERCÍCIO DO  
PODER EM PATOS-PB

Aprovado em: 03 / 12 / 2019



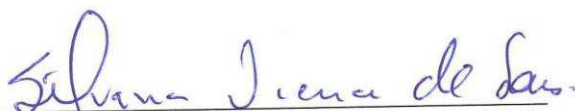
Prof. Dra. Maria Lucinete Fortunato  
(Orientadora)



Prof. Dra. Mariana Moreira Neto – UFCG  
(Examinadora)



Prof. Ms. José Dário dos Santos – UFPE  
(Examinador)



Prof. Dra. Silvana Vieira de Sousa – UFCG  
(Examinadora – Suplente)

## RESUMO

Este trabalho objetiva historicizar as práticas políticas oligárquicas no município de Patos-PB, assim como, analisar a formação e consolidação de uma elite política com base familista. Neste sentido, problematiza como se deu o movimento de revezamento entre as famílias que se mantiveram no exercício do poder neste espaço, por meio das correlações de forças que compõem o jogo de poder estabelecido por essas famílias dentro do campo político patoense. Busca-se, apreender a formação dessa política elitista/familista, suas permanências/mudanças no exercício do poder político local, no período em que há uma espécie de “dança de cadeiras” entre as principais famílias do mundo político patoense, as quais se revezaram historicamente no exercício do poder no município. A pesquisa dar-se-á por meio de uso de fontes bibliográficas e de entrevistas temáticas. Do ponto de vista teórico, estabeleceremos um diálogo direto entre as fontes aqui trabalhadas com algumas produções acadêmicas, relevantes para este trabalho, sobre as relações de poder; as teorias das elites e da política oligárquica; que determinam diretamente a formação do jogo de poder político no município, por meio da perspectiva analítica de Michel Foucault sobre o dispositivo do poder e a análise de discurso.

**Palavras-Chave:** Relações de poder, Poder local, Elite familista.

## ABSTRACT

His paper aims to historicize oligarchic political practices in the municipality of Patos-PB, as well as to analyze the formation and consolidation of a family-based political elite. In this sense, it problematizes how the relay movement occurred between the families that remained in the exercise of power in this space, through the correlations of forces that make up the power game established by these families within the political field of Patos-PB. It seeks to apprehend the formation of this elitist / familist politics, its permanences / changes in the exercise of the local political power, in the period in which there is a kind of “chair dance” among the main families of the political world of Patos-PB, who took turns historically in the exercise of power in the municipality. The research will take place through the use of bibliographic sources and thematic interviews. From the theoretical point of view, we will establish a direct dialogue between the sources worked here with some academic productions, relevant to this work, about power relations; the theories of elites and oligarchic politics; which directly determine the formation of the political power game in the municipality, through Michel Foucault's analytical perspective on the power device and discourse analysis.

**Keywords:** Relations power, Local power, Familial elite.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. DO SÍTIO PATOS-PB À ‘CAPITAL’ DO SERTÃO PARAIBANO: O PRIMÓRDIO DO JOGO DE PODER PATOENSE E A GÊNESE DO PODER POLÍTICO LOCAL DE HOJE.....</b>	<b>15</b>
1.1. O QUE É ELITE? A FORMAÇÃO DO PRINCIPAL GRUPO POLÍTICO-FAMILIAR PATOENSE E AS TRAMAS E CORRELAÇÕES DO JOGO POLÍTICO LOCAL.....	19
1.2. AS RAMIFICAÇÕES DO PODER PATOENSE: POR UMA ÁRVORE GENEALÓGICA DO PODER POLÍTICO LOCAL .....	36
<b>2. A DANÇA DAS CADEIRAS E OS SÍMBOLOS DE PODER NO MUNICÍPIO DE PATOS-PB: POSSIBILIDADES E INVIABILIDADES.....</b>	<b>41</b>
2.1 O (IN)VISÍVEL PODER DA ELITE PATOENSE: A LEGITIMAÇÃO DO QUE NÃO SE VÊ POR TUDO QUE SE ACREDITA .....	45
2.2. O GRANDE RETORNO DOS QUE NUNCA SE FORAM: A CULTURA POLÍTICA PATOENSE E A BUSCA PELO PODER LOCAL .....	49
<b>3. O PODER E A CULTURA POLÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO POLÍTICO PATOENSE E A MANUTENÇÃO DE UMA ELITE NO PODER .....</b>	<b>54</b>
3.1. O PODER LOCAL E O VOTO: A DIVISÃO SOCIAL PELAS “CORES DO PODER” E A RELAÇÃO REPRESENTATIVA ENTRE ELITE-MASSA .....	60
3.2. O HISTÓRICO OLHAR DO JOGO DE PODER POLÍTICO PATOENSE ATRAVÉS DAS ELEIÇÕES DE 2016: O PAPEL DA MÍDIA NA (RE)CONDUÇÃO DOS PRINCIPAIS NOMES POLÍTICOS AO EXERCÍCIO DO PODER.....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE (ENTREVISTAS) .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>108</b>

## DEDICO

- De modo especial à minha amada avó, Francinete Maria Ferreira de Oliveira (Dona Neta), que com todo esforço do mundo pôde me proporcionar, do seu jeito, uma educação de qualidade, que me possibilitou vir a realizar meus sonhos. Com todo amor e carinho, mãe, tudo que eu conseguir daqui em diante será pelo seu nome.
- In Memoriam a Francisca de Oliveira Gomes (Litinha), minha querida Tia, que se pôs na minha vida como principal alicerce educacional, dando início ao meu letramento. Por tudo que conquistei e vier a conquistar, serei eternamente grato e lembrarei para sempre do seu nome.
- À pessoa que não se fez presente em 90% da minha vida, que perdeu meus primeiros passos; que não me deu umas broncas necessárias, em momentos difíceis, mas que de longe e sem saber, se tornou um grande espelho para o meu futuro docente e acadêmico, além de ter me ajudado bastante durante a minha caminhada na academia. Eu poderia crescer odiando, poderia nem sequer lembrar do teu nome, mas eu preferi seguir teus passos sem você saber. Você foi um espelho enquanto professor e, eu te amo, Pai. Espero que você fique feliz depois de ver meus primeiros passos na pós-graduação.
- A todos os meus amigos que fizeram parte do *Quarto 15*, por todos os momentos vividos até aqui, pelo acolhimento, por toda irmandade construída e pelas loucuras proporcionadas ao longo de todo esse período em que aqui estive. Levarei todos no coração.
- A toda “*Facção Carinhosa*” e os “*Mazelados*” que proporcionaram as maiores loucuras da minha vida, que me fizeram sorrir em dias tão difíceis e que me fez refletir sobre todo e qualquer “rolê de leve” nessa cidade. Nessa estrada pela qual caminhei, todos vocês que fizeram parte disso, sendo ponto de apoio na minha vida.
- Aos meus queridos professores: Maria Lucinete Fortunato, minha orientadora, pelas orientações, pelos ensinamentos e por toda paciência que teve comigo; aos meus pais *indiretos* Israel e sua esposa Raquel e ao casal do meu terror acadêmico, Viviane e Rodrigo Ceballos, por todo cuidado, pelas brincadeiras, pelos puxões de orelha e por todas as cervejas tomadas em momentos de confraternização; a Isamar Lôbo que comeu o meu juízo ao longo desse tempo todo, mas que me proporcionou grandes momentos de aprendizado, mesmo sugando minha alma. Muito obrigado a todos por cada momento, por cada palavra dita, levarei cada um de vocês para sempre.
- À minha namorada, Millena, que se tornou uma pessoa muito importante durante o processo de escrita do mesmo. Que me acalmou sempre que precisei e que me possibilitou horas de risos fáceis quando tudo parecia dar errado. Obrigado por cada palavra dita e por cada vez que você me aconselhou quando eu parecia estar perdido.



## LISTA DE SIGLAS

**ARENA** = Aliança Renovadora Nacional

**CRAS** = Centro de Referência em Assistência Social

**DEM** = Democratas

**FUNASA** = Fundação Nacional de Saúde

**IBG** = Instituto Brasileiro de Geografia

**LBA** = Legião Brasileira de Assistência

**MDB** = Movimento Democrático Brasileiro

**PB** = Paraíba

**PCB** = Partido Comunista Brasileiro

**PFL** = Partido da Frente Liberal

**PMDB** = Partido Movimento Democrático Brasileiro

**PPS** = Partido Popular Socialista

**PROCON** = Programa de Proteção e Defesa do Consumidor

**PSD** = Partido Social Democrático

**PSDB** = Partido da Social Democracia Brasileiro

**PSOL** = Partido Socialismo e Liberdade

**PT** = Partido dos Trabalhadores

**REDE** = Partido Rede Sustentabilidade

**SAMU** = Sistema de Atendimento Móvel de Urgência

**UDN** = União Democrática Nacional

Você não percebeu que você é o único representante do seu sonho na face da terra? Se isso não te fizer correr, chapa, eu não sei o que vai.

Emicida

## INTRODUÇÃO

A história do município de Patos-PB “é marcada por uma história de dominação política, econômica, cultural e territorial. O espaço fora ocupado [...] cabendo aos agentes das famílias tradicionais o domínio sobre as melhores terras, os melhores espaços físicos e territoriais” (MONTEIRO, 2013, p.150). Neste sentido, a cidade de Patos-PB e seu espaço seriam constituídos por um jogo de poder pré-estabelecido por parte das famílias que se destacavam economicamente e que se impunham na política patoense por meio de práticas fundamentadas na desigualdade e em elementos de hierarquização social, tais como: família, terra, poder econômico, político e cultural (MONTEIRO, 2013, p. 151). Assim sendo, o exercício do poder sempre foi marcado por um revezamento do poder executivo, por parte das famílias "politicamente tradicionais". As famílias Motta, Wanderley, Medeiros e Nóbrega, dominam o cenário político municipal desde a década de 1950, passando por pequenos períodos em que um integrante dessas famílias não esteve no exercício do poder executivo. Contudo, mesmo quando isto ocorreu, os que exerciam o poder eram seus aliados políticos.

Observamos que nenhuma dessas famílias carregara consigo um grande histórico de atuação política no período que precede a década de 1950. Não participaram da emancipação política da cidade, no ano de 1903, nem muito menos da transformação do pequeno sítio/vilarejo à elevação enquanto cidade. Porém, ao longo da década de 1950 e das décadas seguintes, protagonizaram as relações de poder pelo poderio simbólico que carregavam, fruto da sua atuação política naquela época. E, logo começaram a galgar seu espaço no cenário político patoense, consolidando assim, a instituição de uma força política que viria a se destacar na cidade por muito tempo.

Enquanto exerciam todos os meios de dominação da cidade, as famílias ditas tradicionais começaram a se correlacionar politicamente por meio de relações matrimoniais, consolidando uma extensa rede familiar, inclusive envolvendo membros de famílias até então antagônicas no jogo político local. Essa rede familiar foi crescendo ao longo do tempo e aumentando consideravelmente o seu protagonismo no poder político do município, por meio de um jogo de poder e do entrelaçamento de forças distintas e conflitantes que passaram a se unir em prol de um único objetivo: ter o exercício do poder “nas mãos” e, assim, instituir uma extensa família constituída matrimonialmente como “dominante” no cenário político.

Nestes termos, considerando-se que “A união no seio da família é tida como núcleo

central de sociabilidade e perspectiva de consolidação de poder” (FORTUNATO, MOREIRA NETO, 2013, p. 138), pode-se afirmar que ocorreu a formação de uma parentela<sup>1</sup> que até os dias atuais, protagoniza o cenário político patoense.

Portanto, historicamente, o município de Patos-PB viveu “um cenário político marcado pela disputa entre grupos que, de forma geral, tinham como base famílias abastadas e com um grande prestígio político no âmbito municipal” (LEMONS JÚNIOR, 2013, p.120). E foi justamente neste contexto que a predominância de disputas políticas e um revezamento no exercício de poder por parte dos grupos de bases familistas foi possível. Vale salientar que esse tipo de jogo político não é específico da política patoense, mas de muitas outras cidades, principalmente do Nordeste brasileiro, onde as forças oligárquicas se fizeram e ainda se fazem fortes até os dias de hoje.

Como explicar o desenvolvimento de uma força política consolidada, sob bases elitistas, sempre estabelecidas por uma ordem e por um jogo de poder baseado em relações de forças com outros atores sociais instituídos como dominados? Para isso, precisamos sempre deixar claro, que desde seu início conflituoso, o município de Patos-PB foi marcado pela disputa entre grupos que se antagonizaram.

Nos primórdios, brancos e indígenas lutaram pela posse da terra, passando por relações de poder vivenciadas frente aos conquistadores provindos da Bahia, os Oliveira Lêdo. Também ocorreram disputas políticas no seio de uma mesma parentela, que historicamente se confrontou e, ainda continua a se digladiar pelo poder, naturalizando um poder/saber que instituiu a sua ascensão enquanto elite dominante.

Para apreender tal jogo político, precisamos ir bem além das correlações de forças estabelecidas durante todo o tempo em que estas famílias ditas “tradicionalistas” se mantiveram no exercício do poder local, uma vez que as relações de poder simplesmente não se manifestam apenas pelas correlações entre grupos então antagônicos e distintos que buscam tomar posse do exercício do poder municipal, mas, também acontecem como uma forma de buscar uma sociabilização no interior de cada um dos diversos grupos existentes num

---

<sup>1</sup> A família extensa ou parentela, na Paraíba, era coloquialmente referida como a família, da mesma forma como é hoje referido o grupo familiar por todo o país. No limite, a ‘família’ podia incluir apenas a família nuclear ou família conjugal, o casal de pais e seus filhos, mas o termo, na época, aplicava-se mais comumente à enorme família extensa (a parentela ou grande família). O termo ‘parentela’ é aqui usado de maneira intercambial com ‘família extensa’. (Cf. LEWIN, 1993, p.115)

determinado espaço. Assim, cabe-nos analisar e apreender as relações que se instituíram como dominantes na sociedade patoense, as quais se justificam por meio das formas através das quais a população passa a se tornar “dependente” dos seus representantes, fazendo com que o desejo pela representatividade política passe a ser trabalhado diretamente numa relação político-social entre governantes e governados, na qual a elite governante venha a naturalizar o seu poder de dominação pela legitimação dada pela classe governada, em meio a todo poder político e simbólico que essa pequena elite institui.

Por fim, a busca pela compreensão dos jogos de poder no município de Patos-PB, e da uma árvore genealógica cheia de representantes da elite local, se torna imprescindível, como forma de apreender a consolidação de um processo de dominação que se exercita até hoje, por meio da legitimação de tudo que os governantes promovem, problematizando as condições de possibilidade da influencia política da referida elite no decorrer de tantos anos.

Assim sendo, este estudo objetiva problematizar como se deu o movimento de revezamento do exercício do poder político na cidade de Patos-PB, entre as principais famílias que se mantém há muito tempo no exercício do poder político-familiar no município, com a finalidade de apreender e analisar as condições de possibilidade e consolidação dessa formação política dita oligárquica no exercício do poder local.

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória utilizamos fontes bibliográficas e documentais acerca de toda a história política do município, tendo como fundamento principal a obra feita por um dos historiadores mais respeitados da cidade, o Professor Damião Lucena, intitulada *Patos-PB de todos os tempos: a capital do Sertão da Paraíba*, dados do TSE e outras obras sobre poder local, estudos de caso, feitos por diversos acadêmicos, que se assemelham ao que este trabalho propõe. Também serão realizadas entrevistas temáticas com lideranças políticas e de instituições da sociedade civil organizada, as quais serão analisadas com base na análise de discurso, na perspectiva de Michel Foucault<sup>2</sup>.

Diante do exposto, este estudo se apresenta da seguinte forma:

No primeiro capítulo, a discussão será concentrada nos jogos de poder que, historicamente, se exercitaram no município de Patos-PB, a fim de se chegar a uma

---

<sup>2</sup> Para Foucault o discurso é “Um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política”. (Cf. Foucault , 2007, p. 136-137).

problematização das relações de poder ali vivenciadas entre os anos de 1997-2016 - período em que a política de dominação elitista começa a se desenhar, ganhar força e ser naturalizada e legitimada pela grande massa do município. A ideia é de construir uma árvore genealógica do exercício de poder local, para compreender o jogo político e as correlações de forças existentes neste município.

No segundo capítulo, analisaremos a consolidação da então chamada "dança das cadeiras" no exercício do poder executivo do município, tendo como base uma tradição política elitista/familista estabelecida pelos símbolos de poder existentes, que colocaram a pequena elite política patoense nos caminhos da legitimação de tal poder, pela naturalização de uma aptidão dessa elite para comandar as massas, por meio da compreensão de que somente essa elite, teria capital político para governar. A discussão do simbolismo é importante para a compreensão das condições de possibilidade da política oligárquica do município que se acentuou ainda mais entre 1997 e 2016.

Por fim, o terceiro capítulo problematiza o imaginário político da elite local e da sociedade civil organizada sobre os jogos de poder no município de Patos-PB, tendo por base a ideia do voto, da teatralização e da dominação da política e suas implicações para as relações de poder que ali tem se exercitado, tomando como exemplo as eleições de 2016.

## **1. DO SÍTIO PATOS-PB À ‘CAPITAL’ DO SERTÃO PARAIBANO: O PRIMÓRDIO DO JOGO DE PODER PATOENSE E A GÊNESE DO PODER POLÍTICO LOCAL DE HOJE.**

A região do Espinharas<sup>3</sup> teve como primeiros habitantes de suas terras os povos indígenas: Pegas e Panatis, estes pertencentes à Nação Cariri, que “chegaram à região sertaneja após serem afastados da Borborema pelos seus algozes Potiguaras, procedentes do sul do Brasil, que conquistaram, inicialmente, o litoral paraibano” (LUCENA, 2015, p.14). Entretanto, por volta do ano de 1670, a povoação desse território começou a ser estabelecida pela presença dos colonizadores, que passou a se concretizar por meio de doação de uma Sesmaria de grande extensão territorial, situada às margens do Espinharas, que foi dada ao então Capitão-Mor Francisco de Oliveira Lêdo.

Em 04 de Fevereiro de 1670 é concedido pelo governador geral do Brasil, Alexandre Souza Freire, o alvará de doação da primeira Sesmaria das Espinharas, tendo como beneficiários os exploradores baianos da Bacia do Médio São Francisco: capitão Francisco de Abreu e Lima, Capitão-Mor Francisco de Oliveira Lêdo, o capitão Antônio de Oliveira Lêdo, Custódio de Oliveira Lêdo [...] O documento destinava uma faixa de terra dimensionada a partir da Serra da Borborema, com 12 léguas de largura, sendo seis de cada lado no trecho do rio Espinharas, e 50 de comprimento. (LUCENA, 2015, p.14)

A família Oliveira Lêdo, nesse período, tornou-se o primeiro grupo elitista a fazer parte do território aonde posteriormente se “ergueria” a cidade de Patos-PB. Na região do Espinharas, esta família se estabeleceria no topo das relações de poder, impondo sua dominância sobre as populações indígenas presentes nesses locais. “Com a colonização do Cariri, em 1679, as áreas tomadas dos índios foram divididas pelos membros da família, constituindo o período áureo dos Oliveira Lêdo” (LUCENA, 2015, p.14 e 15) que passaram a ser detentores de extensas fazendas e arrojados latifúndios agrícolas na região.

A população indígena que habitava a região do sertão paraibano e a região do Espinharas era composta por índios valentes, ferozes e insubmissos aos brancos que exerciam até ali uma dominação contra seus povos. Numa relação entre dominantes e dominados, a massa, caracterizada nesse momento político da região pela presença dos índios Pegas e Panatis, vão impor aos seus dominantes um contra-poder, na tentativa de acabar com a submissão que até então continuava a ser imposta pelos colonizadores daquele espaço territorial. A família Oliveira Lêdo enxergava os índios como obstáculos para a conquista de territórios, incluindo a região do Espinharas. Depois de tanta imposição de poder por uma

---

<sup>3</sup> O Rio Espinharas é um curso d’água brasileiro que banha os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Ver em: Adm. do IBG (1957). *Boletim geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia – IBG*. [S.l.]: Edit. própria.

elite “conquistadora” e muitos conflitos envolvendo brancos e indígenas, esta disputa de poder chega ao fim dando início à conquista da região do Espinharas.

Ao fim do conflito entre brancos e índios, tem início o estabelecimento dos povos colonizadores na região do Espinharas. Pessoas essas, diretamente ligadas à família Oliveira Lêdo e seus aliados políticos. No ano de 1720, Domingos Dias Antunes receptor de uma parcela de terras na região do Espinharas, "se fixou na localidade e adquiriu, do Sargento-mor José Gomes de Farias, a Fazenda Pedra Branca, da tradução do termo indígena Itatiunga" (LUCENA, 2015, p.21). Após uma série de correlações matrimoniais entre os colonizadores do território da região do Espinharas, o capitão Paulo Mendes de Figueiredo, casado com Maria Teixeira de Melo – neta de Domingos Dias Antunes – fundou o Sítio Patos-PB, nome dado em “referência a uma lagoa que atraía uma grande quantidade dessas aves, onde construiu sua casa” (LUCENA, 2015, p.21), após seu casamento, em 1752. Após se estabelecer no local, Paulo Mendes de Figueiredo, com o apoio de sua esposa, idealizou um povoado para aquela região. Como marco para tal ato, a construção de uma capela para Nossa Senhora da Guia – hoje padroeira da cidade – ocasião aonde era destinado aos sítios Patos-PB e Pedra Branca uma doação no valor de cento e vinte mil réis em terras. Com isso, em torno de uma ermida<sup>4</sup> surgiria a população patoense.

Depois de erguida por Paulo Mendes de Figueiredo, a pequena igreja de Nossa Senhora da Guia se tornaria um símbolo representativo para o então sítio Patos-PB, já que a partir da sua construção esperava-se que aquele local fosse povoado por mais pessoas. Assim sendo, logo ganharia cunho político e religioso, para uma futura autonomia política, já que os então sítios Patos-PB e Pedra Branca eram subordinados a Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pombal<sup>5</sup>. “Patos-PB foi incorporada à freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pombal, em 06 de Outubro de 1788.

---

<sup>4</sup>É uma igreja ou capela de pequenas dimensões, localizada em lugares ermos ou afastados da povoação.

<sup>5</sup>No ano de 1766, o Rei Dom José I assinaria uma carta régia autorizando o governador geral de Pernambuco a erigir novas vilas na sua área de jurisdição, que incluía naquela época a Capitania da Parahyba. O que aconteceu com a povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, que se tornou Vila de Pombal. (Cf. LUCENA, 2015, p..)





Figura 1 – Carta topográfica das Capitanias do Rio Grande do Norte e Parahyba, aonde Patos-PB aparece pela primeira vez – 1848 (LUCENA, Damião, 2015, p24.)

O ponto crucial, que serviria como grande marco para a independência de Patos-PB, começara a ser discutido e articulado ainda em seu primeiro ato de autonomia, com a elevação para Distrito de Pombal, durante a sessão do Conselho do Governo Provincial da Paraíba, no ano de 1830. Durante essa reunião, se articulava um pedido para a formação de três novas Vilas Imperiais para o então ministro e secretário de Estados de Negócios do Império português no Brasil, o Marquês de Caravelas. Os conselhos das Províncias do Império, instituídos pela Constituição de 1824, serviam como poderes disciplinadores, do ponto de vista, estrutural. Para a estrutura política da província, seriam os articuladores imperiais, exigindo o cumprimento de funções padronizadas em todo território nacional, tanto verticalmente, quanto horizontalmente, no sentido político, pela instauração daquele conjunto de leis. Assim sendo, os conselhos imperiais<sup>6</sup> subordinavam as Câmaras<sup>7</sup>. O então pedido do

<sup>6</sup> Tais conselhos eram, por sua vez, subordinados ao presidente da Província, que era nomeado pelo imperador. Os atos legislativos dos Conselhos eram submetidos ao presidente da Província e, após, remetidos para aprovação do Poder Central. (Cf. CIGOLINI, 2015, p.3)

<sup>7</sup> As Câmaras nesse período correspondiam ao poder central das Vilas imperiais e cidades brasileiras. Se distinguíam apenas no número de vagas de uma para outra. Tendo as cidades 9 representantes, enquanto as Vilas Imperiais apenas 7. (Cf. LUCENA, 2015, p.41)

conselho provincial paraibano para a criação de três novas Vilas imperiais e Câmaras, foi feito e acabou sendo aprovado pelo ministro. Dessa forma, posteriormente vieram a “nascer”: a Vila Imperial do Patos-PB, a Vila Imperial de Bananeiras e a Vila Imperial de Amélia do Piancó. Todas essas Vilas, até o momento de sua criação, enquanto Distritos eram subordinados às Vilas Imperiais de Areia e de Pombal. A criação e oficialização dessas três novas Vilas Imperiais acarretariam em um benefício tanto para seus fiéis súditos, habitantes dos respectivos lugares; como para um aumento populacional para essas vilas imperiais, que se sagravam como um esplendor para o Império. No ano de 1833, em sessão extraordinária do Conselho da Província da Paraíba, o projeto de elevação do então Distrito de Patos-PB para Vila Imperial dos Patos-PB, foi aprovado e teve sua instauração no dia 22 de Agosto. A partir dessa elevação, cada vila possuiria a mesma autonomia que as cidades do império brasileiro, sendo cada uma delas, tanto Vilas quanto cidades, governadas pela Câmara, que fazia o papel de principal gestora governamental, exercendo o poder político central de cada uma dessas vilas e cidades brasileiras.

Mesmo exercendo o poder político central da cidade, a câmara não tinha o papel de exercer o cargo executivo, por exemplo. Segundo LUCENA (2015), o papel de atribuição das câmaras, segundo às leis da Constituição de 1824, era meramente administrativo e as mesmas não poderiam exercer jurisdição contenciosa. Em relação ao dever do seu cargo no município, os membros da câmara possuíam poder policial e geriam a economia de seu povoado. Eles dispunham de empregados para administração das cidades e vilas. Na estrutura político-administrativa dessas cidades e vilas a câmara dispunha da figura do Procurador, este nomeado para passar quatro anos exercendo as atribuições da natureza do poder executivo. Não havia o cargo de prefeito.

A organização do governo municipal de Patos-PB passou por diferentes fases. Se no princípio a responsabilidade competia à Câmara, em 1892, com a criação da figura do interventor, que passou a fazer o papel de administrador em todos os municípios brasileiros, a Vila dos Patos-PB teve como seu primeiro nome indicado à função Constantino Dantas Correia Góis e o Vice José Antônio Carneiro. (LUCENA, 2015, p.42)

É justamente a partir dessa época de transição de Distrito para Vila Imperial, que alguns sobrenomes dos que permeiam o jogo de poder patoense de hoje começaram a entrar na cena da teatralização política.

Depois de galgar várias elevações no cenário político imperial, no ano de 1903, a Câmara e os líderes políticos da época apresentaram um projeto para elevação da Vila

Imperial dos Patos-PB à categoria de cidade. Buscava-se a emancipação do município por completo. Após duas reuniões para aprovação da elevação de Patos-PB à categoria de cidade, a terceira, ocorrida no dia 24 de Outubro de 1903, marca o dia da emancipação política do município (Data comemorativa do aniversário da cidade). No entanto, a instalação oficial de Patos-PB enquanto cidade só aconteceu no dia 01 de Fevereiro de 1904.

Em todo o processo de emancipação política da cidade de Patos-PB, é possível detectar facilmente a participação e a influência política decorrente de vários laços familiares. Mas, na história política da cidade sempre existiu uma característica peculiar, a polarização entre dois grupos, que em determinadas épocas, foram compostos por uma mesma família, genealogicamente dispersa, que passou a se antagonizar pela disputa nos jogos de poder do município. Esse fato prepondera desde o último século XX e mesmo com a disseminação de inúmeros partidos a maior parte acaba “soterrada” por alianças familistas fortes e inacabáveis que se sustentam através dos tempos, como veremos a seguir.

### **1.1. O QUE É ELITE? A FORMAÇÃO DO PRINCIPAL GRUPO POLÍTICO-FAMILIAR PATOENSE E AS TRAMAS E CORRELAÇÕES DO JOGO POLÍTICO LOCAL**

Se hoje, a cidade de Patos-PB é governada por uma base elitista familiar que domina as relações de poder na chamada ‘capital’ do sertão paraibano, nos seus primórdios, essa família que hoje domina o jogo de poder patoense, não estabelecia poder político algum sobre a então Vila que nasceria de conflitos políticos e embates sociais entre brancos e indígenas, como dito anteriormente. *A posteriori*, porém, ganhariam destaque e poder político na cidade graças a sua grande participação no jogo político local, através de várias correlações de forças durante o século XIX, que concorreram para que essas famílias se tornassem um grupo político-familista “único”, que veio a dominar o jogo político do exercício do poder patoense, formando um sistema oligárquico de revezamento do poder executivo do município através de tais correlações.

Desde seu surgimento até os dias atuais, a política patoense, no tocante ao exercício do poder executivo municipal, culturalmente, foi composta pelas pessoas do mais alto escalão social, possuidoras do poder capital e simbólico do município. Essas pessoas mais abastadas e mais providas de intelectualidade sempre largaram na frente nas relações de poder no município de Patos-PB.

O local está marcado por essa política, e, até hoje, as mudanças ocorridas nas suas estruturas de poder, não conseguem superá-la, estabelecendo-se no mesmo palco, e possuindo o mesmo cenário entre os períodos que deram início ao processo de desenvolvimento de Patos-PB de sítio a maior cidade do sertão da Paraíba, mas com apenas mudanças nos atores sociais. O jogo político patoense sempre foi um teatro do poder, e ainda continua sendo. Nesse jogo, o poder exercitado por essas pessoas se justifica através das opções feitas por aqueles que têm o poder de escolha, para com sua necessidade de representatividade política. Com isso, as trocas de favores se estabeleceram como uma atração dentro desse jogo político, não só na cidade de Patos-PB, mas em praticamente todo o Nordeste brasileiro. “Se a sociedade brasileira é permeada por dois domínios distintos de relações, um impessoal, racional e das leis e outro de lealdades pessoais, de amizades, de favores e relações familiares, nos pequenos e médios municípios essas segundas relações parecem dominar” (COSTA, 1996, p.114).

Cabe a nós, abrir um parêntese para nos perguntarmos, em relação ao exercício do poder local do município de Patos-PB, e não só dessa cidade, mas de várias outras pelo Brasil a fora, por que as elites dominam todo e qualquer jogo de poder político? Por que as elites são tidas como as “donas” do poder? Mas o que é uma elite?

Em torno do termo “Elite” há um consenso acerca da ausência de uma determinada resposta para sua definição. “Antes das discussões iniciadas pelos estudos sociológicos, o uso do termo “elite” esteve restrito à linguagem militar” (FARIAS FILHO, 2010, p.175). Logo depois, quando os estudos sociológicos começam a tomar a frente das discussões acerca desse conceito, esse termo foi designado para apontar pessoas ou grupos que ocupavam alguns cargos/postos de destaque dentro das principais instituições do sistema político. A elite, para a sociedade, nasce no meio político.

Numa sociedade como um todo, é quase consenso geral que haja uma distinção social e de poder. O lugar social de cada pessoa denotará as suas reais condições de poder, dentro do mundo político. Este lugar foi feito para aqueles que tenham o poder circulando sobre seus grupos ou sobre si mesmo. Desse modo, a elite política nascerá a partir do anseio da massa, e no “seio” da massa seu poder será legitimado pelas distinções que ela possui frente aos demais segmentos sociais.

O termo “Elite” ficou conhecido como referenciador dos pequenos grupos sociais que se destacaram ao longo do tempo nas sociedades, tendo como fundamento a manifestação do

poder que exerciam sobre grupos bem maiores do que eles. Aí entra a questão da dominação social da elite (pequeno grupo/classe dominadora) sobre a massa (grande grupo/classe dominada). Essa dominação social se sustenta através do aparato de poder apresentado por essa elite, tanto simbólico quanto real. Uma classe depende diretamente da outra, mesmo que a elite domine o jogo de poder, essa mesma elite necessita do poder que a massa tem de escolha, pois, aí nasce a relação de interesse entre um grupo e outro, no tocante a representação e o desejo pelo exercício do poder. É a relação entre interesse, desejo e poder, posta assim como a teoria apresentada por Michel Foucault em seu diálogo com Giles Delleuze, que diz:

As relações entre desejo, poder e interesses são bem mais complexas do que geralmente se acredita e não são necessariamente os que exercem o poder que tem interesse em exercê-lo. Os que tem têm interesse em exercê-lo não o exercem e o desejo do poder estabelece uma relação ainda singular entre o poder e o interesse. Acontece que as massas [...] desejam que alguns exerçam o poder, alguns que, no entanto, não se confundem com ela. Visto que o poder se exercerá sobre ela e em detrimento dela. (FOUCAULT, 1979, p.45)

De acordo com essa compreensão, as massas enxergam na elite o poder que essas exercem sobre elas. A naturalização da atuação e do exercício de poder justifica a dominação posta sobre as massas, pelos pequenos grupos elitistas. As massas querem ser governadas por pessoas que sejam capacitadas para tal exercício, e tal capacitação é encontrada nos pequenos grupos políticos que as dominam, as elites políticas. Nessa teatralização política, o público (massa), em certo sentido, verá a mesma peça sempre que for possível. O lugar não muda, o modo de operação não muda. A peça apresentada pelas elites políticas “é aquela que repetem indefinidamente os dominadores e os dominados. Homens dominam outros homens e é assim que nasce a diferença de valores” (FOUCAULT, 1979, p.16). Quando a massa delega sua soberania através do voto, abdica do seu protagonismo, dando lugar a corrosão do seu poder em detrimento do “nascer” do poder do outro (elite) sobre si própria.

Mosca (1992) defendeu a tese de que em qualquer sociedade vão existir dois grupos distintos: a classe política (quem dirige) e as que são dirigidas (massa). Esses grupos estão divididos assim porque eles se diferenciam política e socialmente. Um pequeno grupo (elite) está organizado e atém o poder de decisão sobre a massa; Já a massa, um grande grupo popular é formado por aqueles que sofrem as ações de tal poder conferido pela elite. É a partir dessa tese que se estabelece uma relação de poder posta sobre o jogo político, tendo um confronto entre Elite *versus* Massa. Sobre esse conflito:

Michels mostra a possibilidade real de ascensão dos grupos pertencentes à “não

elite” (massa), desde que tenham as capacidades e as habilidades requeridas para ocupar postos mais elevados na hierarquia da sociedade ou da organização e, portanto, exercer o poder político. (FARIAS FILHO (2010) apud MICHELS (1982), p. 177)

Através dessas teses sobre as elites, seu poder e comportamento em sociedade, podemos afirmar que, a classe política é o grupo com o poder e a influência capaz de empenhar a busca pelo exercício da liderança política. “A elite pode ser composta por diversos grupos que estejam em diversos níveis de cooperação, competição ou conflito entre si” (FARIAS FILHO, 2010, p.177).

Sendo também caracterizado como “pequenos grupos dominantes” o conceito de elite parte da construção do significado deste termo, cuja classificação e entendimento se dará a partir de questões metodológicas. Assim, a identificação das elites políticas segundo Putnam (1976) dar-se-ão a partir de três etapas:

a) análise posicional, que supõe que as instituições formais e de governo ofereçam uma cartografia útil das relações de poder, uma rede política. Já que as posições mais elevadas destas instituições são ocupadas politicamente por quem tem mais poder. b) Identificação por meio das análises das decisões consideradas impactantes ou importantes na vida social e política de uma sociedade. c) Identificação baseada na reputação social que as pessoas (hipoteticamente importantes) têm na sociedade. (FARIAS FILHO, 2010, apud PUTNAM, 1976, p.178)

No caso da cidade de Patos-PB, a questão da reputação social é levada em consideração com um peso maior e mais considerável, fazendo-a ser quase uma junção das outras duas etapas, já que a análise das relações de poder pela ocupação de cargos importantes na cidade e pela formação acadêmica de seus membros, considerados de elites políticas, os tornam ainda mais poderosos socialmente, os deixando capaz de tomar decisões importantes que possam mudar toda a lógica da vida social e política da cidade, estabelecendo assim, entre essas três hipóteses de Putnam, uma certa eficiência sobre a reputação social dos membros dessas elites políticas que dominam o cenário do jogo de poder da cidade, perpassando seus nomes até os dias atuais, e estabelecendo um poder direto sobre as massas.

Ao tratarmos das características da conceituação do que seria ter uma reputação social no mundo político que possibilitasse o acesso direto e imediato dessas elites ao exercício do poder político na cidade, pelo querer das massas, podemos demarcar esses grupos de elite destacando alguns fatores, como o conhecimento da classe política; saber a diferenciação entre elite política e elite política local; saber quando essas elites políticas e elites políticas locais podem se sobrepor, levando em consideração os aspectos políticos municipais,

regionais e nacionais. Estas demarcações desses grupos políticos, sejam eles elite políticas e elites políticas locais, levam em consideração a sobreposição dos lugares ocupados por essas pessoas, considerando a distinção conceitual entre elite política<sup>8</sup> e elite política local<sup>9</sup>.

A partir das etapas metodológicas apresentadas por Putnam (1976), para a identificação das elites políticas, o quadro abaixo traz uma síntese completa das estratégias, com suas formas de uso e seus limites de possibilidades.

**Quadro 1**  
**Síntese metodológica e seus limites para identificação das elites políticas**

<b>Estratégias</b>	<b>Descrição</b>	<b>Limites do uso</b>
<b>Posição institucional</b>	A identificação é feita a partir da posição nas organizações formais do sistema político (executivo, legislativo), econômico (empresas), jurídico (tribunais e afins). O critério de inclusão na elite é a posição de cada integrante da lista de nomes, na hierarquia funcional do sistema.	Deixa de fora pessoas consideradas "não elites", que são as que não ocupam posições de destaque. Algumas pessoas têm grande capacidade e poder de veto sobre as decisões dos que estão em posições de destaque em uma sociedade.
<b>Reputação social</b>	A identificação é feita a partir da reputação que tem uma pessoa ou grupo dentro de uma sociedade. Geralmente é identificada a reputação em listas nominais, quando uma pessoa da lista indica outra(s) ou informa a importância dos que constam na lista.	É difícil de operar e trabalha muito com o imaginário coletivo, já que não consegue ser objetivo e uma lista prévia é sempre parcial e limitada. Muito usado em sociedades tradicionais. Requer a identificação de redes sociais como forma de montagem de lista.
<b>Decisão</b>	A identificação é feita a partir da capacidade de tomada de decisão, levando em conta os efeitos das decisões tomadas na sociedade e a competência formal para decidir dentro de organizações e instituições da sociedade.	Depende da capacidade de verificar a rede de decisões e a relação de causa-efeito em cada decisão no sistema político, além de deixar de fora as decisões informais, como os grupos sociais de oposição ("não elites"). Trabalha apenas com as decisões formais.

Fonte: FARIAS FILHO, 2010, p.179

Historicamente, os grupos político-familiares considerados grupos elitistas pelo domínio político local se caracterizam através de quatro famílias distintas, que, sob as alianças empreendidas entre si, passaram décadas dominando o jogo de poder político patoense, mesmo quando não estavam em pleno exercício do poder local, no município.

Os grupos elitistas/familistas locais começaram a ganhar força política durante a década de 1950, quando as quatro famílias que evidenciam o jogo político de hoje começaram

<sup>8</sup>Elites políticas são pequenos grupos responsáveis pelo poder político em áreas que ultrapassem os limites municipais. Os que detêm a influência política de decisões e a reputação social além da cidade. São pessoas que fazem parte de um jogo de poder maior que o jogo de poder local. (Cf. SILVA, 2008, p.72)

<sup>9</sup>Elites políticas locais são pequenos grupos que dominam o jogo de poder dentro dos seus limites e possibilidades. São as pessoas que tem o exercício do poder local (cidade) em "suas mãos", além da influência e poderio de tomar decisões sobre seus governados, dentro de seu reduto. (Cf. SILVA, 2008, p.72)

a ganhar certo espaço dentro da política patoense. Famílias essas que, quase setenta anos depois, ainda se mantêm no topo das relações de poder em Patos-PB. As famílias mais poderosas da cidade, hoje, são fruto da disputa desenfreada pelo poder na capital do sertão paraibano. Famílias que se aliavam e se antagonizavam na disputa pelo exercício do poder na cidade.

O maior e principal grupo político patoense foi formado a partir das correlações de forças entre os Nóbrega, Wanderley, Medeiros e Motta, principais representantes do jogo de poder patoense durante o último século, mesmo depois de protagonizarem vários episódios de alinhamento político e contradições, na história política patoense.

As famílias Wanderley e Nóbrega, por exemplo, começam a despontar no jogo político patoense a partir do ano de 1950. Essas e as demais famílias não possuíram nenhuma influência na história da cidade em relação a sua fundação, como um todo, para demarcar um lugar específico na política do município etc.. Pelo contrário, essas famílias começam a aparecer no jogo político local por volta do século XIX, período em que Patos-PB ainda era uma Vila Imperial. Presentes em quase todas as composições da câmara, os descendentes dos políticos que hoje dominam todo o jogo de poder patoense, abriram caminho para colocar seu nome em meio à elite política municipal. Assim posto, durante o século XX, especificamente na década de 1950, apareceria algumas pessoas que postulariam o principal cargo representativo da cidade, e por consequência disso tudo, se colocariam diretamente na história política local, como atores presentes em toda história das disputas pelo poder político municipal.

Definitivamente, a cidade de Patos-PB veio a crescer, ainda mais, durante os períodos de governo dessas elites-políticas, crescimento esse que a fez alcançar o patamar de “Capital do Sertão”. Contudo, isso não quer dizer que a histórica dominação elitista na cidade, em questões representativas, veio a agradar toda a massa que a colocou no poder. As questões representativas estão colocadas aqui em detrimento do avanço do município, em questões sociais, políticas e econômicas, tendo os principais nomes políticos à frente de tudo isso.

Nas investigações acerca do “poder local” no “Nordeste” brasileiro, de forma recorrente, o poder tem sido sinonimizado como “relações tradicionais” caracterizadas por sua forma clientelística, hierárquica e institucional. Assim, o “poder” seria tomado como fenômeno de dominação homogênea de um indivíduo, grupo ou classe sobre outros e localizado em um determinado lugar. (FORTUNATO; MOREIRA NETO, 2013, p. 137)



Tendo em vista todo esse movimento no jogo de poder característico das disputas políticas da região Nordeste e considerando a compreensão de Foucault acerca do poder, para quem devemos compreender

[...] o poder como algo que deve ser contemplado de modo relacional, englobando forças distintas e conflitantes e, concomitantemente, a constituição de um campo de saber, nos leva a crer que o poder não pode ser caracterizado com neutro ou apenas como dominação pessoal, mas como dispositivo de enunciados e visibilidades que se positivam culturalmente de acordo com determinadas condições de possibilidades. (FOUCAULT, 2008, p.171)

De acordo com essa compreensão, passamos a compreender o poder a partir de uma rede de entrelaçamentos entre as forças políticas mais contundentes dentro do jogo político, sejam essas antagônicas ou não. Antagônicas porque em algum momento da política patoense, se estabeleceram como concorrentes a um mesmo cargo público, no que diz respeito aqui ao cargo público que tem mais relevância de poder no município: o prefeito. Nesse sentido, a política vai além das relações de poder pré-estabelecidas, entre dominantes e dominados, sendo que dentro do próprio grupo genealógico existe uma dissidência que se legitima pelas disputas pelo exercício do poder municipal, fazendo com que essa elite se divida e se confronte.

Portanto, a política patoense vai ser marcada também por essas características consideradas como básicas da região nordeste. Marcada por grandes nomes políticos que viveram entre as elites e que governaram a cidade por tanto tempo. O primeiro membro desse grupo político-familiar a exercer o poder executivo da cidade foi Darcílio Wanderley da Nóbrega (UDN), no ano de 1951. No período em que ele se manteve no exercício do poder, o Mercado Público da cidade foi concluído; com o apoio do governo do Estado, também foram construídos: o grupo escolar Coriolano Alves de Medeiros e o Hospital Regional, porém, esse último com o apoio da LBA – Legião Brasileira de Assistência. Darcílio Wanderley da Nóbrega no seu mandato enquanto prefeito da cidade conseguiu elevar Patos-PB ao quinto lugar em desenvolvimento dentro do estado da Paraíba, enquanto nacionalmente, o município recebeu uma comenda<sup>10</sup> e acabou se estabelecendo, na época, como uma das dez cidades que obtiveram mais progresso no país. Torna-se “Importante destacar que a presença de um determinado perfil de membros da elite em uma sociedade pode indicar que há uma tendência de predomínio deste grupo social, porque mudanças sociais mais profundas podem estar em andamento” (FARIAS FILHO, 2010, p.183).

---

<sup>10</sup>Comenda se tratava de um benefício e uma honra eclesíastica e militar, que passou a ser uma forma homenagem dada de forma honorífica, por um crescimento social.

Esses grupos, quase sempre em minoria, acabam por ter poder sobre a região e sua população, inclusive repassando às novas gerações sua maneira de agir e de pensar, permitindo se não perpetuar, ao menos consolidar a hegemonia nas decisões locais. A população é manipulada, voluntariamente ou não, pelo caráter simbólico de crenças, valores [...] legitimando as ações dos grupos detentores do poder. (SILVA, 2008, p.71)

Assim sendo, passados os quatro anos de mandato de Darcílio Wanderley da Nóbrega, levando em consideração a não existência da reeleição na política brasileira, e para ter uma continuidade no exercício do poder político municipal, o seu irmão, Nabor Wanderley da Nóbrega (UDN) se candidata, e acaba sendo eleito em outubro de 1955, prefeito da cidade de Patos-PB. O grupo familiar dos Wanderley-Nóbrega começa, a partir deste fato, a se colocar no topo do jogo político dentro das estruturas do poder local, perpetuando uma política progressista, de avanço significativo e valoroso para a cidade de Patos-PB, legitimando ainda mais o seu nome dentro do jogo político municipal e na consciência de todos aqueles que os fizeram chegar ao exercício do poder.

Na gestão Nabor Wanderley (UDN), a cidade de Patos-PB volta novamente a ter um crescimento exponencial em sua estrutura municipal, o então prefeito da cidade foi o responsável pela rede de telefonia, pela instauração da guarda municipal noturna e um dos maiores feitos do seu governo foi conseguir juntamente à usina de Coremas, energia elétrica para cidade. Contudo, depois de dois mandatos consecutivos, os Wanderley-Nóbrega vão sair do cenário político, e só votam ao mesmo para exercer o cargo de prefeito da cidade cinquenta anos depois, embora, continuem a participar da política patoense no interior das correlações de forças que conseguiram estabelecer com os dois principais grupos políticos locais (Wanderley-Motta e Medeiros-Wanderley).

Considerando que a política é feita de alianças, conchaves e tramas capazes de “erguer” cidades e fazer ascender aqueles que são responsáveis pelo exercício do poder local.

Qualquer organização social de maiores dimensões (não só partidos) tende a se converter em uma oligarquia, passando a ser governada por uma reduzida camada de dirigentes [...] o divórcio de preferências entre dirigentes e liderados denotaram a estabilidade e rotatividade dos seus líderes em seus cargos. (MICHELS, 1982)

Assim sendo, logo após os dois mandatos de Darcílio Wanderley da Nóbrega (1951-1955) e Nabor Wanderley da Nóbrega (1955-1959), respectivamente, a cidade de Patos-PB começa a vislumbrar o início de uma futura oligarquização de sua política

Em poucas palavras, esse processo de oligarquização pode ser assim resumido: processo paulatino por meio do qual os dirigentes de uma organização passam a constituir uma casta (de oligarcas) livre de controles internos e que deixa de

representar os interesses dos liderados, transformando a estrutura decisória de democrática em oligárquica, e imprimindo à organização estratégias cada vez mais conservadoras, flexíveis e adaptáveis ao ambiente, voltadas a sobrevivência e ao fortalecimento organizacionais (e não a luta por uma causa específica). (RIBEIRO, 2012, p.2 e 3)

Após a década de 1960, período no qual os irmãos Wanderley da Nóbrega governaram o município ininterruptamente, uma nova família surge no jogo de poder patoense: os Motta. Essa família era comandada politicamente, pelos também irmãos, Edivaldo e Edimilson Motta. Já no ano de 1963, Edivaldo, foi eleito vereador, mas não assumiu a cadeira na Câmara Municipal, pois ficou na gestão da Secretaria Geral da Prefeitura, no mandato de José Cavalcanti da Silva (UDN - 1963-1968). Em 1967, Edivaldo Motta se elegeu Deputado Estadual e no ano seguinte veio a disputar o pleito para Prefeito da cidade, mas acabou em terceiro lugar, ficando atrás do candidato vencedor, Olavo Nóbrega de Sousa (MDB) e do segundo colocado, Zéu Palmeira (PSD). Dessa forma, os Motta começam a galgar espaço na política do município de Patos-PB.

Diante do exposto, faz-se necessário afirmar que, desde o final da década de 1950, percebe-se uma “incisão” na política oligárquica patoense. Em 1959, por exemplo, Bossuet Wanderley da Nóbrega (UDN), irmão dos dois últimos prefeitos de Patos-PB, disputou as eleições, mas saiu derrotado. O Período entre 1960 a 1976, caracterizado, em sua maior parte, pela instauração da Ditadura militar no Brasil (1964-1985), configura-se como o único espaço de tempo que não existe um integrante dos grupos Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley no exercício do poder executivo do município. Porém, isso não quer dizer que eles tenham se afastado da política.

Durante os referidos anos de incisão desses grupos no poder, o município de Patos-PB foi governado por quatro prefeitos, são eles: Bivar Olyntho de Melo e Silva (PSD - 1959-1963); José Cavalcanti da Silva (UDN - 1963-1969); Olavo Nóbrega de Sousa (MDB - 1969-1973) e Aderbal Martins de Medeiros (ARENA - 1973-1977).

O ano de 1977, marca a volta das grandes famílias tradicionais no meio político patoense. Nesse momento, os Motta assumem o exercício do poder executivo local, na figura de Edmilson Motta (ARENA), que nesse pleito derrotou Darcílio Wanderley da Nóbrega (MDB), ex-prefeito da cidade e que já tinha uma longa caminhada política. Considera-se que, Edmilson Motta, como é conhecido, conseguiu o pleito porque tinha um trunfo nas mangas: a ascensão política e a força que seu sobrenome carregava naquele período. A força da sua família se concentrava basicamente no nome de seu irmão, Edivaldo, por conta do espaço

político conquistado por ele durante a década de 1960, 1970 e 1980, em âmbito Municipal, Estadual e Federal, o que, como já dito, possibilitou aos representantes da família Motta, principalmente, na figura de Edivaldo, o poder de formação e um domínio política naquele período, já que o poder político exercido por Edivaldo também propiciou, a partir desse final da década de 1970, a ascensão política de mais um nome que viria a se transformar em uma das principais figuras políticas da cidade, Rivaldo Medeiros da Nóbrega, que já possuía parentesco com a família Wanderley-Nóbrega.

Rivaldo Medeiros da Nóbrega, então “cria política” da família Motta, por muito tempo esteve ligado diretamente à figura de Edivaldo, já que o “figurão” dos Motta o tinha como “afilhado” e o via como uma presença promissora, por sua desenvoltura no meio político. No entanto, nas eleições de 1983 Rivaldo Medeiros decide não apoiar os Motta, de modo que, o que era para se tornar uma das maiores alianças políticas já vistas na cidade de Patos-PB, por meio da correlação de forças de Rivaldo Medeiros com a família Motta, acabou se tornando uma novela, que culminou com o racha entre as duas famílias.

Rivaldo Medeiros manteve uma relação política de amor e ódio com Edivaldo Motta, o qual, como já dito, foi o seu “progenitor” e o acusou de tê-lo traído politicamente. Após a dissidência dessas forças, os dois acabaram se transformando em rivais políticos ferrenhos. Os confrontos entre ambos marcaram a região pelo teor de agressividade. Edivaldo Motta jamais perdoou a traição política de Rivaldo, dada a sua característica de reciprocidade para com os amigos. Mas, após a dissidência política ocasionada pela briga entre ambos, Rivaldo decide tocar a sua política sozinho, dando início a instituição de mais uma família que marcaria a história dos jogos de poder no município: Os Medeiros.

Depois de ser cria política, Rivaldo Medeiros, agora possuía na cidade um reconhecimento e uma autonomia política, legitimadas pelas disputas de poder contra os Motta na época. Nesse contexto, ele se tornou responsável pelo surgimento de novas lideranças políticas no município “criando” outras pessoas para o poder. Nesse caso, falo de Dinaldo Medeiros Wanderley (1997-2003), seu sobrinho, filho de sua irmã Haydée Medeiros Wanderley, que por relações consanguíneas dos seus avós, se caracterizava como primo de Nabor Wanderley da Nóbrega Filho, pertencente ao grupo opositor Wanderley-Motta. Assim sendo, a família Wanderley, é posta como a responsável pela proveniência de toda essa disputa familiar patoense.

Após a sua dissidência política da família Motta e de todas as disputas no campo da política patoense, Rivaldo Medeiros se tornou o responsável pelo exercício do poder no município de Patos-PB – PB por um período de seis anos, entre os anos de 1983 a 1988, pela agraciação da prorrogação de um ano de mandato, ganhando ainda mais força dentro do jogo de poder local pelos seus atos e por sua gestão. Foi no mandato de Dr. Rivaldo, como é conhecido na cidade, que foi fundada a banda municipal Filarmônica 26 de Julho, o ginásio que carrega o seu próprio nome e outro marco fundamental para o crescimento da cidade de um modo geral, o saneamento periférico, trazendo melhores condições de moradia para a população mais carente e o colocando como um político que exerceu muito bem o seu papel enquanto prefeito, governando além dos seus interesses, olhando para as massas, responsáveis por colocá-lo no poder.

Tendo a ciência do jogo do poder patoense e das disputas familistas que se acirravam ainda mais naquela época, Rivaldo Medeiros fez questão de manter o nome de sua família no topo da estrutura política na capital do sertão paraibano e o conseguiu, pois, durante toda a década de 1980, o sobrenome Medeiros continuaria no exercício do poder na cidade.

Na década de 1980 a força de uma mulher chegar ao cargo de prefeita, por exemplo, parecia bem difícil, pela discriminação que as mulheres historicamente sofreram, e, principalmente, no meio político, lugar até então dominado por figuras masculinas. Contudo, Rivaldo Medeiros, no pleito posterior ao de sua eleição, fez com que o exercício do poder executivo patoense continuasse “dentro de sua casa”, quando em 1987 apoiou sua esposa Geralda Freire de Medeiros, para concorrer às eleições na condição de prefeita. Candidatando-se pelo PMDB, Geralda concorreu e venceu as referidas eleições contra Edimilson Motta (PFL), sendo a primeira mulher a estar no topo das relações de poder, no âmbito do poder local (1988-1992).

As más línguas apontam Geralda Medeiros como figura meramente ilustrativa no poder, já que por trás havia seu cônjuge Rivaldo Medeiros. Contudo, a prefeita eleita driblou o preconceito numa cidade que até então havia sido governada apenas por homens, sendo considerada uma mulher no poder que representava algo bem além do que se imaginava daquela figura. Era uma mudança apenas nos protagonistas do teatro de poder, mas o enredo continuava o mesmo, a cidade vivia incumbida no seio do poder elitista-familista. Mas, considerando que “Podemos conhecer a natureza de um governo observando não só as características das instituições que o configuram, mas também, as características pessoais de

quem as dirige” (RIBEIRO, F.P., s/d.), o fato é que para a população, enquanto prefeita de Patos-PB, Geralda Medeiros deixou marcado os traços de mulher política que ela era, governando com políticas públicas voltadas para a mulher e para a família, no geral. No seu mandato a cidade de Patos-PB ganhou a Escola Profissionalizante da Mulher, em 1991, a qual mais tarde foi transformada no CRAS – Centro de Referência em Assistência Social.

A chegada dos Medeiros na cena política, no entanto, não inviabilizou a presença dos Motta na política patoense de forma definitiva. Se a dissidência política gerada através das brigas entre Rivaldo Medeiros e Edivaldo Motta foi a responsável pela “construção” grupo mais poderoso da cidade de Patos-PB: os Medeiros-Wanderley, no início da década de 1990, a família Motta se consolida definitivamente no jogo de poder local, ainda que passando um longo período sem o controle da máquina administrativa, após a correlação de forças por vias matrimonialistas entre Nabor Wanderley da Nóbrega Filho, – filho do ex-prefeito Nabor Wanderley da Nóbrega, e, portanto, provindo da tradicional família Wanderley da Nóbrega –, com Illana Motta – filha de Francisca e Edivaldo Motta. Este enlace matrimonial uniu os Wanderley da Nóbrega à família Motta e essa correlação de forças gerou um dos dois grupos políticos mais fortes da atualidade: os Wanderley-Motta, os quais entraram no jogo, do “quando não se estar no poder, estar aliados a quem o exercita”.

Assim sendo, após o governo de Geralda Medeiros, a família Motta veio marcar presença na disputa política quando Francisca Gomes da Motta veio a concorrer ao cargo de prefeita no pleito de 1996. Pleito este Marcado pela disputa entre as duas famílias que se antagonizavam desde a década de 1980, na política patoense, pois Francisca Gomes Motta, PMDB, era ex-esposa de Edivaldo Motta e cunhada do ex-prefeito Edmilson Motta, enquanto Dinaldo Medeiros Wanderley (PFL), seu opositor, era sobrinho do ex-prefeito Rivaldo Medeiros. Na disputa Medeiros *versus* Motta, venceu o candidato do PFL, Dinaldo Wanderley e o grupo Medeiros-Wanderley manteve seu domínio político mais uma vez.

Com a instauração da reeleição, o então prefeito Dinaldo Wanderley voltou a se candidatar em 2000, desta vez contra seu primo Nabor Wanderley da Nóbrega Filho, que tinha como seu vice Bertrand Medeiros, filho do ex-prefeito Rivaldo Medeiros, tio do seu rival. Dinaldo Wanderley conseguiu se reeleger, elevando seu tempo de governo a oito anos (1996-2003).

Desse modo, com a formação dos grupos Wanderley-Motta e Medeiros-Wanderley

nos jogos de poder, a cidade de Patos-PB continuou a demonstrar um cenário político marcado pela disputa entre grupos elitistas, com bases familistas, antagônicos ou não, os quais, de uma forma geral, tinham como base o prestígio político das respectivas famílias como forma de ascensão ao poder. Tal cenário propiciou a continuidade da predominância da disputa e do revezamento de poder entre os grupos de base familiar mais abastados. Portanto, as pequenas elites do município, ao se correlacionarem formaram um grupo bastante forte, seja por conta da sua reputação, seja pelo seu capital político simbólico ou real; corroborando com a ideia de que “quanto maior o tempo, maior se torna a influência do dirigente sobre as massas e maior se torna também a sua independência” (RIBEIRO, 2012, p.6).

O prefeito Dinaldo Wanderley também contribuiu para o crescimento da cidade e da sua estrutura civil. Com o projeto Habitat Brasil, mudou o cenário do bairro da Vila Mariana, conhecido pelo nome da capela que lá foi erguida; Cruz da menina, aonde havia vários barracos, transformando casas de taipas em casas de alvenaria e redimensionando o espaço como ponto turístico; concluiu a ponte do juá-doce, que liga os bairros do Juá-doce ao São Sebastião e a Feira da Troca, principal ponto de comércio para as pessoas menos favorecidas na cidade, ressignificando o local, em suas dimensões econômicas, sociais e políticas.

Dinaldo Medeiros Wanderley não parou de fazer política logo após seus mandatos consecutivos. Hoje ele é uma das principais figuras do jogo político patoense e é admirado por uma grande quantidade de pessoas na cidade. E, assim como seu tio Rivaldo, tratou de colocar mais “gente sua” dentro da política patoense – não é à toa que nesse período em que se manteve no exercício do poder, sua esposa Edina Wanderley ascendeu ao cargo de Deputada Estadual; e que também fez surgir na “cozinha de casa” o nome de Dineudes Possidônio, o qual viria a ser indicado e apoiado por ele para as eleições de 2004, contra o seu maior rival político, Nabor Wanderley da Nóbrega Filho.

No pleito do ano de 2004 continuou a política que tendia a rivalizar os dois principais grupos políticos locais: Medeiros–Wanderley (PFL) e Wanderley-Motta (PMDB). A disputa ainda seria marcada pelo confronto (aqui indireto) Nabor W. Nóbrega x Dinaldo Wanderley, esse último posto sobre a figura do então candidato do PFL, Dineudes Possidônio. Mais uma vez a rivalidade não foi baseada por ideologia política ou representatividade; a disputa seria personalista e os nomes envolvidos seriam daqueles que a partir dali se colocariam no topo das relações de poder. Assim sendo, na corrida política do ano de 2004, perde o grupo político Medeiros–Wanderley e Patos-PB tem como vencedor Nabor Wanderley da Nóbrega Filho,

representante do grupo Wanderley-Motta - mais um Nabor no poder, já que o pai do então candidato já havia exercido o maior cargo político da cidade voltando a consolidação do grupo Wanderley-Motta sob a queda dos Medeiros-Wanderley.

Consideramos a eleição de 2004 como uma eleição difícil, pois naquela época, estava se acentuando ainda mais o acirramento pelo poder, construído historicamente entre os grupos políticos Medeiros-Wanderley e Wanderley-Motta. Nabor Wanderley foi eleito com 56,31% dos votos, totalizando 27.226 votos<sup>11</sup>, contra 43,69%, 21.123 votos do seu adversário, Dineudes. As correlações de forças ficaram claras, e com um “sobrepeso” bem simbólico do lado do candidato do PMDB, já que Nabor é filho de um ex-prefeito e tinha como vice outro ex-prefeito na sua chapa, Ivânio Ramalho (1992 a 1996). Do outro lado, Dineudes só tinha o como referência o nome de Dinaldo, que lhe trazia certo peso para sua candidatura; seu vice era Vicente Paulo Cavalcante (Vicente das bolsas), os dois sem nenhum histórico na política patoense.

Por seu primeiro governo ser bem sucedido, e representativo, Nabor Filho se encaminha para a reeleição em 2008, ainda pelo PMDB, pleito, no qual, reviveria uma disputa contra o seu maior rival político, Dinaldo Wanderley, protagonizando uma “revanche”. No pleito de 2008, uma grande novidade se esboça, acenando para um novo processo na política patoense: a entrada na disputa pelo poder local de segmentos menos sucedidos e abastados, que sairiam das sombras dos grandes nomes e passariam a concorrer à eletividade. Esse deslocamento acabou por trazer para o processo eletivo quatro candidatos: Nabor Wanderley da Nóbrega Filho (PMDB), Dinaldo Medeiros Wanderley (PSDB), Isaac Newton Cesarino da Nóbrega Alves (PCB) e Maria do Socorro Marques Dantas (PPS). Apesar da diversidade de candidatos, a disputa continuou centrada nas duas maiores figuras daquela eleição: Nabor *versus* Dinaldo. E, como esperado, os dois foram os mais bem votados, tendo Nabor Wanderley Filho obtido 30.774 votos, enquanto Dinaldo obteve 20.241 votos.

A eleição de Nabor Wanderley da Nóbrega Filho deu-se por ele ser considerado, pela maioria dos patoenses, o prefeito mais representativo que o município já teve. Seu capital político se acentuou naquele momento e ele passou a ser visto como uma força mais que estratégica dentro do cenário e do contexto das relações de poder na cidade de Patos-PB, em decorrência de sua gestão (2005-2008), pelo seu olhar voltado ao crescimento social e para o desenvolvimento humano.

---

<sup>11</sup>Fonte: Tribunal Superior Eleitoral



Nos dois mandatos consecutivos de Nabor Filho ele pontuou as principais demandas da população patoense, que eram saúde, educação, economia e habitação e grande parte da população considera que a cidade de Patos-PB caminhou ainda mais para o crescimento, tanto econômico, quanto político-social. Entre os destaques de seus feitos enquanto prefeito pode-se destacar: a implementação do Terreiro do Forró, no centro da cidade (lugar que se tornou a sede do São João de Patos-PB); a criação do PROCON e de diversos centros habitacionais para a população mais carente; a implantação do SAMU; a construção da biblioteca central e de vários postos de saúde entre outros. Contudo, a entrada em cena dos candidatos menos favorecidos na eleição de 2008, marca o início de um processo de queda política dos grandes nomes de até então.

Este cenário permeado por uma nova correlação de forças, aponta certa fragilidade dos grandes grupos políticos. Mas, como esta fragilidade aconteceu? Ela foi decorrente de vários escândalos envolvendo esses nomes. O primeiro deles foi o de Dinaldo Wanderley, que dentro do próprio pleito de 2008 viu seus vinte mil duzentos e quarenta e um votos serem considerados “nulos pelo Tribunal Superior Eleitoral, fruto da impugnação da sua candidatura, decorrida de reprovação de contas em convênios celebrados com a FUNASA, na época em que governou Patos-PB (1997-2003)” (LUCENA, 2015, p.121).

No ano de 2012, o domínio político continuou pertencendo ao grupo Wanderley-Motta. As elites que disputavam esse pleito continuavam carregadas de poder representativo. Entre os nomes que se candidataram para esse novo pleito, estava o de Nabor Wanderley da Nóbrega Filho que, como vimos, se encontrava com uma alta popularidade e aprovação no município, e apoiou, nada mais, nada menos, que sua sogra, Francisca Gomes de Araújo Motta.

Chica Motta, como é conhecida na cidade, é natural de Catolé do Rocha, tendo sua formação acadêmica em História e Pedagogia, viveu a política feita pelo marido e companheiro, Edivaldo. Contudo, após a morte do mesmo, “A viúva, Francisca Motta, resolveu sequenciar o trabalho na vida pública, inicialmente como vice-prefeita de Ivânio Ramalho de Lacerda (1992-1996)” (LUCENA, 2015, p.92). Em 1996, como já dito, perdeu a eleição para Dinaldo Wanderley e, depois disso, construiu uma carreira na política, porém em âmbito estadual, sendo eleita Deputada Estadual por quatro vezes. Vale salientar que, no ano de 2010, a família Motta expandiu sua representação política, pois além da quarta e última eleição de Francisca à Câmara de Deputados do Estado da Paraíba, o seu neto, Hugo Motta,

filho do ex-prefeito Nabor Wanderley Filho, assumiu uma cadeira na Câmara de Deputados Federal, sendo eleito como o deputado Federal mais novo da história.

Não se pode compreender o jogo político sem ter como variável relevante a família. As estruturas de parentesco formam parte da realidade social e política brasileira no século XXI. Redes familiares controlam partidos políticos, controlam o centro do poder executivo e formam redes que atravessando o poder legislativo com parlamentares hereditários, sempre renovado por suas gerações (GOULART, 2016. Apud OLIVEIRA, 2012, p.13).

Essa compreensão pode se expressar também no pleito de 2012, ocasião em que Chica Motta entrou na disputa pela prefeitura de Patos-PB, mais uma vez, não somente sob a influência do marido, mas, também, devido à alta popularidade do ex-prefeito e genro, Nabor Wanderley Filho. Eis que se opondo a Francisca Motta (PMDB), entra em cena, na tentativa desbancar a forte concorrente, um “novato” na política, Dinaldo Medeiros Wanderley Filho (DEM), cujo pai já tinha derrotado a então candidata. Um choque de gerações, Francisca já “cobra criada” na política, com uma forte reputação social e um enorme poder simbólico, devido ao seu histórico político, contra um jovem médico que concorria sustentado pelo nome que carregava. Correndo por fora a tudo isso, tinha a candidatura do policial militar Silvano Moraes (PSOL), único que vinha de uma não-elite, batendo de frente contra dois “monstros políticos” patoenses, legitimados por suas “heranças políticas”.

Por mais que tudo indicasse a escolha de Chica Motta, por sua trajetória ser bem maior que a do seu principal concorrente; e devido ao passado “sujo” não tão distante do pai do seu adversário, as eleições de 2012 foram acirradas, terminando bem apertadas, conforme a primeira eleição do ex-prefeito Nabor Wanderley da Nóbrega Filho contra o então candidato Dineudes Possidônio. De fato, o nome de Dinaldo Medeiros Wanderley, apesar dos escândalos nos quais esteve envolvido, ainda continuava tendo uma carga de poder bastante influente na cidade, fazendo seu filho obter 23.389 votos (44,30%), ficando em segundo lugar, enquanto a vencedora, Francisca Motta, que confirmou seu favoritismo, obteve 28.407 votos (53,81%). Silvano Moraes obteve 998 votos (1,89%).

Sobre o governo de Chica Motta, Lucena (2015, p.122) assevera que: “Os primeiros anos de mandato foram marcados pela conclusão de grandes obras, a exemplo do Canal do Frango, Alça Sudeste, Centro de Referência em Atendimento a Mulher, a Concha Acústica Nilson Batista” e, além disso, ainda houve investimento na educação do município, climatizando todas as escolas municipais; na saúde, implantando vários novos Postos de Saúde etc. A então prefeita de Patos-PB, para garantir uma participação ainda maior junto a

sociedade, investiu na construção de um shopping popular ou camelódromo; na habitação, investiu na construção do Conjunto que carrega o nome da Ex-prefeita Geralda Medeiros, além de construir várias praças públicas e reformar as antigas.

Apesar dos feitos públicos, nem tudo foram flores no governo de Chica Motta, pois, mais uma vez, uma das principais famílias do jogo do poder patoense se via dentro de irregularidades que corroeriam seu mandato, dissipando seu poder. A seguinte notícia evidencia tal contexto:

Dois prefeitos de municípios da Paraíba e Ilanna Motta, mãe do deputado federal Hugo Motta (PMDB), foram presos na manhã desta sexta-feira (9) durante uma operação realizada pela Polícia Federal. De acordo com o órgão, a operação “Veiculação” apura irregularidades em licitações e contratos públicos de locação de veículos realizados pelas prefeituras de Patos-PB, Emas e São José de Espinharas. As fraudes investigadas, ainda não detalhadas, envolvem mais de R\$ 11 milhões em recursos públicos [...] Os dois prefeitos alvos da operação foram afastados, assim como a prefeita de Patos-PB, Francisca Motta (G1 Paraíba, 2016)

Após seu afastamento do principal cargo do jogo político patoense, Chica Motta não voltou mais para cumprir tais obrigações dentro da política patoense. O seu vice, Lenildo Moraes (PT) assumiu o mandato, até as eleições de 2016.

Os escândalos envolvendo as principais famílias do jogo de poder patoense não parariam por aí, hoje a cidade de Patos-PB passa por uma crise política, envolvendo todas essas famílias, que “vivem” em meio a tantos escândalos que foram capazes de fazê-los perder o espaço político que tanto almejavam. Contudo, a população patoense parece ainda viver dentro dos costumes oligárquicos promovidos por essa política historicamente desenvolvida na cidade, a qual ano após ano tem as mesmas famílias dentro dos pleitos eletivos.

Por meio de tudo que foi exposto acima, observemos a formação política-familiar através das correlações de forças presentes na história do jogo de poder local, possibilitando a construção de uma árvore genealógica do poder político patoense e suas ramificações:

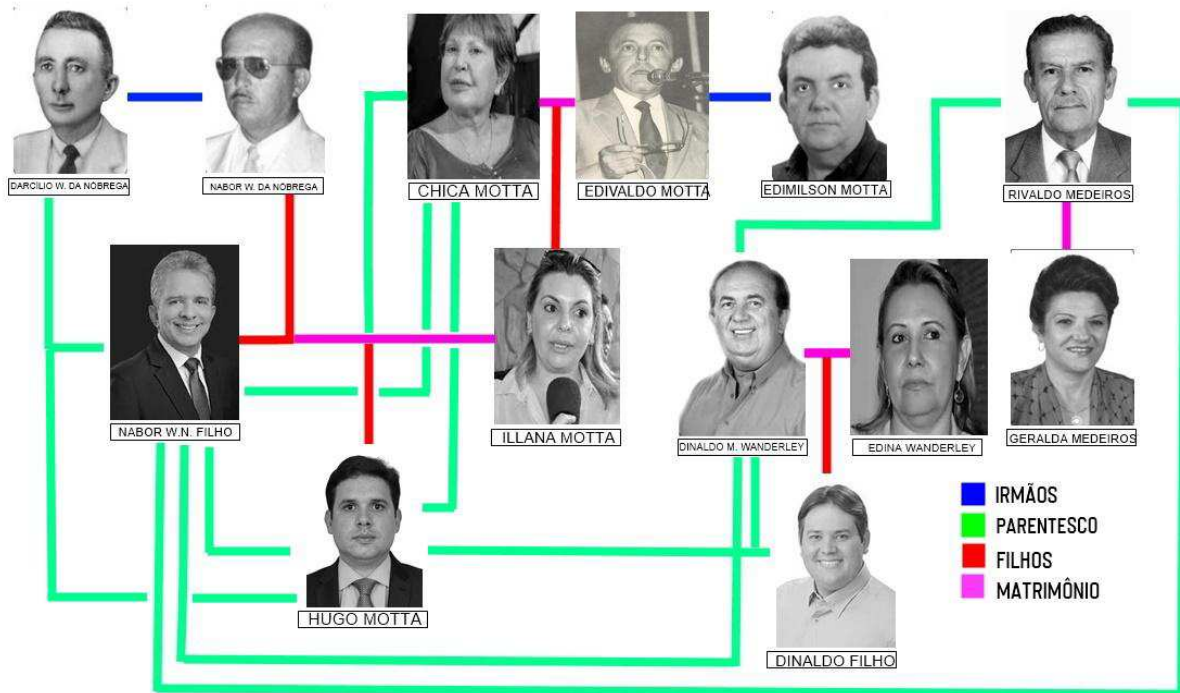


Figura 2 – Árvore genealógica do poder patoense. Fonte: próprio autor.

## 1.2. AS RAMIFICAÇÕES DO PODER PATOENSE: POR UMA ÁRVORE GENEALÓGICA DO PODER POLÍTICO LOCAL

Como vimos, os jogos do político na capital do sertão paraibano se expressa como um projeto elitista/oligárquico desde o início, quando este espaço ainda era um sítio, dominado pelas relações empreendidas pelos conquistadores baianos, os Oliveira Lêdo, ainda durante o século XVIII, e que passaram a se acentuar no período posterior a década de 1950, ganhando uma força extraordinária a partir de 1980, quando os primeiros membros das chamadas famílias-elitistas que “dominam” o exercício do poder começaram a se organizar politicamente se instituindo como dominantes, enfrentando seus opositores, quase sempre seus parentes ou agregados a estes, por meio de alianças matrimoniais ou políticas com seus adversários.

Para investigar tais correlações e as condições de possibilidade do aparecimento e continuidade desses jogos de poder, faz-se mister analisar a árvore genealógica do poder, com toda a ramificação, das maiores grandezas aos seus pormenores.

[...] não se trata de modo algum reencontrer em um indivíduo, em uma ideia ou sentimento as características gerais que permitam assimilá-las a outros [...] mas de descobrir todas as marcas sutis singulares, sub-individuais que podem se entrecruzar nele e formar uma rede difícil de desembaraçar. (FOUCAULT, 1979, p.14 apud NIETZSCHE, 1887, p.82)

De acordo com esta compreensão, o processo político que vem se desenvolvendo no município de Patos-PB - PB, ao criar raízes consideradas oligárquicas, passa a multiplicar frutos pelos galhos de uma árvore de poder, ocasionando uma “colheita” satisfatória para quem está no topo da hierarquia social. E é justamente esta “árvore da vida política” que deve ser problematizada, na perspectiva de que apreender as teias relacionais dos ditos protagonistas dos jogos de poder ali vivenciados nos possibilitará compreender as correlações de forças que delimitam a atuação que tais personagens políticos implementam, objetivando instituir certo domínio político frente à população local.

Corroborando com a ideia de Foucault de que “o genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem, um pouco como o bom filósofo necessita do médico para conjurar a sombra da alma” (FOUCAULT, 1979, p.14), entender como esse pequeno grupo da elite patoense se articula nas alianças e dissidências políticas, nos faz delimitar o caminho para sua ascensão e/ou queda; bem como as condições de possibilidade do seu estabelecimento no poder por tanto tempo. Só assim, daremos visibilidade ao tronco dessa árvore social estabelecida através da já referida política oligárquica, na qual o sangue, a tradição e a reputação social que esses indivíduos carregam os elevam ao lugar mais alto das relações de poder. Neste sentido, ““(…) é preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades” (FOUCAULT, 1979, p.14). Não no sentido de criar um discurso dissidente e polarizador, mas, como forma de problematizar a cultura política<sup>12</sup> local, uma vez que,

A genealogia não pretende recuar no tempo para reestabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. (FOUCAULT, Michel, 1979, p.15)

Num sentido genealógico, podemos afirmar, pois, que esses pequenos grupos elitistas, político-familiares patoenses, quando vistos como um corpo, devem ser pensados a partir de uma proveniência (*Herkunft*), isto é, um acontecimento que o legitime enquanto grupo social que domina o jogo de poder e suas relações, que possa vir a formar mais histórias a partir do saber que sua instituição delimita, tendo como principal enunciado as ramificações por base

---

<sup>12</sup> O termo ‘cultura política’ refere-se às orientações especificamente políticas, às atitudes com respeito ao sistema político, suas diversas partes e o papel dos cidadãos na vida pública. Através desse conceito, visava-se chegar à caracterização daquilo que seria a cultura política de uma nação, definida como a distribuição particular de padrões de orientação política com respeito a objetos políticos entre os membros da nação. (Cf. ALMOND e VERBA, 1989, p. 12-13),

de uma herança política-genealógica. Neste sentido, Foucault (1979 apud NIETZSCHE, Friedrich, 1887, p.86) considera uma

Perigosa herança, esta que nos é transmitida por uma tal proveniência [...] essa herança não é uma aquisição, um bem que se acumula e se solidifica: é antes um conjunto de falhas, de fissuras, de camadas heterogêneas que as tornam instável, e, do interior ou de baixo, ameaçam o frágil herdeiro.

De acordo com essa compreensão, a problematização das relações de poder/saber expressas nos discursos sobre a oligarquização da política patoense, por exemplo, tem que ser buscada a partir da proveniência do capital simbólico das referidas famílias, articulando a apresentação de seu processo de instituição e transformação, uma vez que "A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, na articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo". (FOUCAULT, 1979, p.15).

Só assim, apreenderemos como, sob esta herança político-familiar, uma mesma família com ramificações parentescas diferentes, a exemplo da família Wanderley, se apresenta politicamente como uma força em formação num dado momento histórico, se tornando a raiz que posteriormente sustentaria todo o corpo (*Herkunft*) da árvore genealógica do poder local, atraindo sobrenomes como Medeiros, Nóbrega e Motta para, como exposto acima, formarem o maior grupo político da cidade.

A partir do final do século XX, por exemplo, a disputa direta envolvendo sempre um Motta-Wanderley de um lado e um Medeiros-Wanderley de outro, estabelece o *modus operandi* do jogo político na cidade de Patos-PB. A genealogia como proveniência da formação desse extenso grupo político nos aponta que, ao longo do tempo, por diversos meios de correlação de forças, as famílias mais tradicionais da cidade foram tornando-se uma só, e se estabelecendo no topo das relações de poder no município, dominando o jogo político patoense e protagonizando todas as disputas que pleitearam o poder ao longo de sua formação. Por outro lado, ao analisarmos esse jogo político, também nos deparamos com a degradação, com marcas sutis de fissuras que surgem de acordo com as próprias alianças e escolhas dessa pequena elite, fazendo com que o corpo do seu poder genealógico seja corroído diretamente pela mesma coisa que o fez se formar, de modo que a história arruíne toda a sua proveniência, e que a mesma passe, a partir de determinado momento, a perder força.

A emergência se produz sempre em um determinado estado das forças. A análise da *Herkunft* deve mostrar seu jogo, a maneira como elas lutam uma contra as outras, ou seu combate frente a circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem –

se dividindo – para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir do seu próprio enfraquecimento. (FOUCAULT, 1979, p.16)

Por isto, não devemos problematizar apenas a visibilidade, ou o sentido que tais jogos de poder evidenciam, pois, isto encobriria os diversos sistemas de submissão e o jogo casual das dominações, fazendo com que toda a massa se veja diretamente ligada a um corpo que não faz parte de sua proveniência, só pelo fato de estar ocupando um mesmo espaço, dentro do mesmo jogo de poder, delimitando assim os espaços dos dominantes e dos dominados mais uma vez.

Segundo Foucault (1979), quando os homens dominam outros homens, fazem com que a diferença de valores nasça, e quando as classes passam a dominar outras classes, fazem com que nasça a noção de liberdade; assim, fazer com que os homens se apoderem daquilo que possuem necessidade para viver, passando a tentar impor uma duração que elas não podem ter ou assimilando a sua força, faz nascer o sentido da lógica dentro da relação de dominação. Então:

Nem a relação de dominação é mais uma “relação”, nem o lugar onde ela se exerce é um lugar. E é por isto precisamente que em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos [...] (FOUCAULT, 1979, p.16-17)

Assim sendo, é preciso desvendar esse jogo de pertencimentos que encobre a visibilidade das condições de possibilidade de instituição de um saber dominante; bem como, o fato de que essa árvore sempre será regada pelos ditos dominados, ainda que os frutos existentes fiquem velhos, caídos e quase "podres". Ou seja, é preciso problematizar como, num sentido amplo, os jogos de poder, aparentemente, transcorrem “pelas veias” das famílias mais poderosas da política patoense, fazendo com que ocorram ramificações que delimitem o espaço de poder apenas entre as pequenas elites da cidade e formando uma árvore genealógica-política que “frutificará” no seio da própria elite trazendo ainda mais vida para si, na medida em que esta é considerada como “dona do poder”.

Após uma análise de todo esse jogo de poder constituído na cidade de Patos-PB, passa a se tornar imprescindível, pois, pensar o caráter participativo da população nesse processo formador de uma oligarquia que vêm dominando o cenário político municipal até hoje.

Ao percebermos esse movimento da cultura dominante, podemos enxergar os sistemas simbólicos de conhecimento e de comunicação se exercendo e ganhando força a partir de um

poder completamente estruturante, pois, essa força só se torna perceptível porque todo esse movimento faz parte de um poder estruturado, já que a população é a principal responsável pelo poder dessa rede familiar no jogo político em Patos-PB, à medida que vem delegando à esta pequena elite o poder de governar sobre si, pelo fato de legitimar tais ações, indicando, continuamente, ao principal cargo administrativo do município, pessoas que possuem uma história na política, um nome de peso ou um poder financeiro e simbólico que justifiquem a sua participação e a sua presença na condição de dominante desse jogo de poder. Daí uma questão se esboça: Como isto tem sido possível?



## 2. A DANÇA DAS CADEIRAS E OS SÍMBOLOS DE PODER NO MUNICÍPIO DE PATOS-PB: POSSIBILIDADES E INVIABILIDADES.

O jogo e a disputa do poder, na cidade de Patos-PB, hoje, e desde seus primórdios, como vimos anteriormente, teve sua visibilidade a partir da exposição de disputas entre as pequenas elites que apareciam, chegavam ao poder e se consolidavam no território patoense, corroborando com a ideia de que

Em toda sociedade existem duas classes de pessoas, os governantes e os governados. A primeira, menos numerosa, desempenha todas as funções políticas e desfruta das vantagens de sua condição privilegiada. A segunda, mais numerosa, dirigida por uma minoria, é governada de uma maneira mais ou menos legal, violenta e arbitrária, ao mesmo tempo que administra os meios materiais de subsistência dessa classe que está no poder. (YUSSEF, S/D, p.26)

Historicamente, esse fato se repete e, ao que parece, virou costumeiro, tornando-se quase um processo cíclico, no qual toda a população já sabe que a mesma família dominante irá voltar ao poder depois de uma rotatividade e ocupação desses membros nas cadeiras de poder. Essa ocupação acontece por um membro com o “nome pesado” na cidade e, logo após seus mandatos terminarem, outros membros de sua ou suas famílias – já que na cidade a correlação de forças por bases matrimonialistas e de compadrio fizeram com que quatro importantes famílias se unissem praticamente numa só – chegam ao topo do exercício do poder naquele lugar. Neste contexto, os grupos políticos familiares passaram a desenvolver ainda mais a sua estruturação política, já que possuíam, além do capital simbólico evidenciado pelo “nome”, diversos meios de cooptação, devido a todo o seu poderio econômico.

No que diz respeito aos meios de cooptação supracitados, entre as práticas que legitimam o exercício dessas famílias no poder local, podemos destacar, ainda, o assistencialismo<sup>13</sup>, o clientelismo<sup>14</sup> e o empreguismo<sup>15</sup>. Tais práticas “vão se constituindo como uma rede de relações legitimadas e reconhecíveis que vão moldando o exercício da dominação, juntamente com as relações de compadrio, através dos laços de dependência” (MONTEIRO, 2013, p.156).

<sup>13</sup> Assistencialismo – Neste sentido criava-se toda uma relação de dependência para com estas famílias ditas tradicionais no campo da política as quais garantiria a “segurança”, a “proteção” e o básico para sobrevivência de todo o grupo familiar. (Cf. MONTEIRO, 2013, p.151)

<sup>14</sup> Clientelismo – Esse tipo de prática indica um tipo de relação entre atores políticos que envolve a troca de benefícios como empregos, isenções fiscais e etc. por apoio político, principalmente na forma de voto. (Cf. LEMOS JÚNIOR, 2013, p.124)

<sup>15</sup> Empreguismo – Ato de pré-estabelecer uma relação político-pessoal, entre os então candidatos ao pleito eleitoral e àqueles que se dispuserem a apoiar estes candidatos sob várias promessas de empregabilidade caso venham a assumir os cargos então disputados na corrida eleitoral. (Cf. MONTEIRO, 2013, p.152)

No entanto, ao considerarmos que, todo poder implicará em um contra poder, provindo do segmento dominado da situação (Foucault, 1989) logo uma questão se impõe: como a população não reage a esse tipo de situação, fica em total inércia, tendo esse movimento de dominação em foco e não conseguindo legitimar nenhum contra-poder frente à chamada “elite local”? Uma resposta possível seria a de que o estado de inércia da sociedade civil perante a dominação por ela sofrida, justifica-se por falta de uma politização social, isto é, a sociedade patoense, como um todo, parece não compreender a sua situação nesse jogo político, ou, se compreende, ignora, pois não possui forças suficientes para combater as elites dominantes. Assim sendo, para caracterizar a força destas famílias como “tradicionais”, partimos da premissa da posse das melhores terras existentes, além de todo o capital e poder simbólico que essas famílias arregimentaram durante toda a história política, social e econômica do município.

De acordo com a compreensão acima, o poder nascerá no seio da necessidade representativa da população que vive fora da bolha elitista, já que o poder que nasce nas mãos de quem não governa, é passado como um 'presente' para esse grupo de uma pequena elite, que será o responsável por suprir essa vontade de governabilidade e representação da massa patoense. Aonde a população “também incorpora em parte a visão de que a ‘nobreza familiar’ é quem continuará a dominar o município, uma vez que ‘o povo é quem cria as situações’” [Sic]. (MONTEIRO, 2013, p.161)

Graças às práticas que são realizadas pelos grupos de elites locais, que se constituíram historicamente por meio de um modo de fazer política através da cooptação, de arbitrariedades, etc., as pessoas ficaram marcadas pela expressão desse modo “familista” de governar como uma forma legítima. Dessa forma, as escolhas feitas pela população, ao longo da história política patoense, são orientadas por visões incorporadas de dominação, de modo que "o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto". (FOUCAULT, 1979, p.17)

Assim, a partir das situações nas quais “nomes” possuem poder, entendemos que grande parte da sociedade patoense passa a enxergar o poder que aquele nome possui, mesmo que esse poder esteja completamente invisível a olho nu. Ou seja, de fato, a herança política ou o aparato simbólico construído através do tempo, ainda continuará interferindo nos rumos da política. Contudo,

[...] Num estado do campo em que se vê o poder por toda parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que [...] é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido. (BOURDIEU, 1973, p.10)

É, pois, a própria massa que assegura e naturaliza o direito de uma pequena elite governar sob as condições que propiciam essa mesma elite ao crescimento, enquanto a massa se coloca abaixo dos grandes nomes políticos, quase sempre em relações de subserviência frente ao jogo de poder.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os de outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para legitimação dessas distinções. (BOURDIEU, 1973, p.10)

De acordo com essa compreensão, entendemos que em relação ao poder simbólico e às disputas políticas “a língua é fundamentalmente tratada como condição de inteligibilidade da palavra, como intermediário estruturado que se deve construir para se explicar a relação constante ente o som e o sentido” (BOURDIEU, 1973, p.9).

O conhecimento e a comunicação são poderes simbólicos baseados em estruturas, e são essas estruturas que garantem a sua legitimidade, e tudo isso faz parte do poderio simbólico porque esse poder é passível da construção de saberes, através dos quais a “realidade tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)” (BOURDIEU, 1973, p.9). Nesse sentido, o mundo social da política patoense se dividirá em frações que estruturarão o cotidiano do jogo de poder no município, no qual dominados e dominantes possuirão suas diferenciações nas disputas pelos espaços de poder e,

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fração dominada (letrados ou intelectuais) tendo sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização. (BOURDIEU, 1973, p.12)

Neste sentido, pode-se afirmar que o poder simbólico, embora não seja visto a olho nu e aparentemente não exista, é o poder que edifica. No entanto, é exercido por trás das cortinas e nos palanques; é o poder trazido pela enunciação das crenças, é tudo que se pode "ver" e em

que se pode acreditar para naturalizar e legitimar; é o poder que se faz capaz de transformar a visão que temos do mundo e da ação sobre o mesmo. Este "poder, quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que se é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário" (BOURDIEU, 1973, p.14).

A partir do esclarecimento do poderio simbólico, entendemos que a pequena elite patoense ao longo de toda a história do município, passou a se estabelecer e a se consolidar, tornando-se um pequeno grupo privilegiado, por essa força que ninguém vê, mas que, a partir do momento em que se colocam as cartas, dadas por essas pessoas, na mesa do jogo do poder, elas naturalizam esses grupos como os únicos passíveis à governamentalidade, pelo estabelecimento de uma força simbólica, que se traduz desde o seu capital financeiro à sua "inteligibilidade".

Ao percebermos essa relação de poder presente nos símbolos, notamos que a realidade político-social da população patoense é totalmente desigual, sobretudo no tocante à busca e à caracterização das forças sociais que pretendem se alçar ao poder no município, já que tudo isso consiste nas relações "não de indivíduos ou grupos, que povoam nosso horizonte mundano, mas sim de redes de laços materiais e simbólicos que constituem o objeto adequado da análise social" (WACQUANT, 2013, p. 88).

Portanto, esse movimento acaba fazendo com que as relações de poder perpassem e se naturalizem no senso comum da sociedade patoense, estabelecendo figuras que podem fazer parte do grupo dirigente, pelo poder que apresentam por trás de seu nome. Nesse mesmo movimento, se estabelece uma regra que faz com que as pessoas provindas de um grupo "sem história política e sem capital financeiro" não consigam legitimar-se para a ocupação do exercício do poder no município. Tais relações apresentadas por Wacquant (2013, p. 88) se manifestam em duas formas:

Primeiramente, reificadas como conjuntos de posições objetivas que as pessoas ocupam (instituições ou "campos") e que externamente, determinam a percepção e a ação; e, em segundo lugar, depositadas dentro de corpos individuais, na forma de esquemas mentais de percepção e apreciação (cuja articulação, em camadas, compõe o "*habitus*" através dos quais nós experimentamos internamente e construímos ativamente o mundo vivido.

Diante do exposto, entre essas diferenciações dos segmentos sociais supostamente capazes de governar ou não, segundo o poderio simbólico, claramente a menor delas, a elite,

possui maiores vantagens de realizar o que pretende por meio da concessão legitimada dos segmentos sociais não-governantes. Entender as questões dos segmentos sociais opostos, que sucintamente expressam esse conceito enquanto modalidade de agrupamento social e fonte de consciência e conduta, acaba por apontar que uma pequena elite "emerge e se consolida pela competição sem fim, na qual os agentes se engajam através dos diversos domínios da vida, visando a aquisição, o controle e a disputa por diversas espécies de poder ou capital [acabam sendo permissíveis]." (WACQUANT, 2013, p.96)

Nesse jogo de poder, apreendemos, notadamente, que a maior parte da população do município não se adéqua aos padrões governamentais. Isto é, a grande massa, historicamente deixada para trás na corrida pelo poder, parece renegar a si própria ignorando toda a história de dominação sofrida da pequena elite governante, para conceder esse poder diretamente ao outro. O outro que irá governá-la; o outro que não atende as todas as suas necessidades representativas; mas, que, mesmo assim, sempre foi posto no topo das relações de poder no município, ainda que, indiretamente. Neste contexto, é, pois, o poder simbólico que "grita" em um "silêncio ensurdecidor", fazendo com que a elite assuma o ápice hierárquico de todo o jogo de poder estabelecido. Se a grande massa tem a possibilidade de galgar o exercício do poder, porque não parece ser capaz de exercer esse poder e protagonizar a sua posição neste domínio? Porque parece se renegar?

## **2.1 O (IN)VISÍVEL PODER DA ELITE PATOENSE: A LEGITIMAÇÃO DO QUE NÃO SE VÊ POR TUDO QUE SE ACREDITA**

Todo e qualquer espaço de poder é construído e instituído conforme as práticas que nele são desenvolvidas por todos aqueles que estão em pleno exercício do poder político e social do local. Deste modo, a sociedade patoense, historicamente, foi toda construída pelas redes de poder estabelecidas primeiro por uma elite, conquistadora, e posteriormente, por uma elite intelectual e abastada e legitimada por grande parte da população patoense, por meio da naturalização de todo o poderio simbólico, fazendo com que esse pequeno grupo se torne o único passível da governabilidade do local, afastando a própria massa da tentativa de representá-la a si própria.

Portanto,

Não foi por mero acaso ou por observância divina que estas famílias dominaram a política, econômica, espacial e culturalmente [...], mas através de suas práticas desenvolvidas no interior de um espaço social construído desigualmente por elementos de diferenciação, tais como família, terra, poder econômico, político e cultural (MONTEIRO, 2013, p.151).

Claramente, a pequena elite, por meio da sua força simbólica será capaz de atrair para si até mesmo os segmentos sociais não-possuidores de bens simbólicos, fazendo com que haja uma aglomeração político-social em meio ao nome escolhido dentro da própria elite para representar os seus desejos e a legitimação dada a esse grupo. Essa cooptação se manifesta, sobretudo, através do uso da carência popular que desabilita a massa a se utilizar da ferramenta do contra-poder.

Michels (1982) vai apontar que não só as elites podem vir a chegar ao poder, mas que a grande massa, também, pode vislumbrar esse poder através da sua colocação e inserção em organizações específicas (partidos políticos), que os tornariam capazes de se adequar às formas instituídas pelas elites locais de se fazer política, historicamente. A premissa de Michels é interessante e correta, pois, a partir de uma organização política, a massa pode vislumbrar, sim, o poder político, contudo, os grandes nomes políticos da cidade sempre estiveram e, atualmente, ainda continuam a estar ligados às grandes organizações partidárias do município, fazendo com que a grande massa continue afastada do poder, por não possuir a força necessária para se chegar ao topo das relações de poder local. Essa ideia se expressa na seguinte fala,

As pessoas estão muito vinculadas à carência. É a carência de um emprego; a carência de uma cesta básica; a carência que acontece de uma assistência social que se chegou; um favor pra resolver uma pequena questão. Então, essas pessoas se beneficiam dessa forma. Eles criam aquela ilusão e as pessoas acabam caindo nessa. Infelizmente é assim que acontece (informação verbal<sup>16</sup>).

Ou seja, a massa se mantém inerte nesse processo de tentativa de quebra das oligarquias, legitimando-o. Mas, acredita-se que as elites

[...] Não necessariamente [...] são pessoas ruins, não de tudo, há questões sociais, há questões de um trabalho desenvolvido e a gente se... Lida muito com fatos. Se um governo, por exemplo, foi um governo que conseguiu dar assistência ao povo; se o governo naturalmente, é um governo que conseguiu, é... Obras estruturantes; é um governo que conseguiu otimizar os recursos públicos. Ao mesmo tempo nós temos governos na história de Patos-PB que pouco fizeram, que sucatearam ou que historicamente nos primeiros mandatos fazem sempre aquela [...] Aquela beleza, aquele paraíso, mas no desgaste do tempo vai perdendo também a condição de

---

<sup>16</sup> J.A., **Entrevista I**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (14min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

governar (informação verbal<sup>17</sup>).

Logo após todos esses aspectos serem incorporados pela sociedade como valores legítimos, àqueles que, até então, forem necessariamente não inseridos nesse pequeno grupo que ascendeu politicamente, veem que a dominação das massas, através de relações de subserviência e/ou ligação política familista-compadrista acaba reproduzindo a concepção de dominação, que se baseia no caráter assistencialista, já que,

[...] Através do assistencialismo eles têm barganhado cada vez mais os eleitores, né?! Que de forma é... Inconsciente, não consciente, Na verdade, acaba votando por achar que eles estão, digamos assim, atendendo, as suas necessidades ali. Seja ela através de favores, seja ela através de empregos no próprio governo, porque é uma cidade que ainda não se desenvolveu economicamente através dessa geração de empregos como fábricas, indústrias, etc. e tal. Então, sem sombra de dúvidas eles utilizam do assistencialismo, né? Aonde eles tem mais condições e um poder aquisitivo melhor, né?! Eles acabam saindo na frente e angariando votos através desse assistencialismo. (informação verbal<sup>18</sup>)

Diante dessa concepção é como se essa forma de legitimação de poder, não pudesse ser modificada, fazendo com que esse tipo de política seja colocado no âmbito de uma percepção unificada e verdadeiramente correta. Concomitante a essa ideia, pode-se afirmar que "a força política dos grupos locais se inscrevem, primeiramente nos corpos e mentes dos indivíduos através de valores imaginários que já existem na própria cultura do povo e que favorecem substancialmente a sua dominação." (ADILSON FILHO, 2009, p.60).

A partir do momento em que a massa não implica um contra-poder em reação ao poder exercido pela elite, ela se põe dentro do jogo de dominação legitimado por ela própria, no qual passa a não se enxergar governando, pois, ao que parece, a massa quer alguém que seja diferente dela no poder, já que ela própria não se enxerga como liderança, fazendo com que a pequena elite se aproprie da sua “complacência”, para se tornar governante.

O povo acha que se é pra ser submisso a alguém, que seja submisso a alguém que tenha tradição, certo? Então, nunca eu vou querer ser mandado ou dominado, ou sei lá, ou liderado por uma pessoa que seja do mesmo nível que eu [...] Então, sempre vai continuar assim. É mais fácil votar no filho do Saulo Ernesto<sup>19</sup>, do que votar no filho de um agricultor por aí – isso aí é muito simples. É o povo que cria essas situações. (MONTEIRO, 2013, p. 161.).

<sup>17</sup> I.R. **Entrevista V**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (14min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

<sup>18</sup> M. L. **Entrevista IV**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (14min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

<sup>19</sup> Saulo Ernesto Rêgo faz parte de uma família tradicional na política do município de Queimadas-PB. (Cf. MONTEIRO, 2013.)

Assim sendo, o poder que invalida e que proíbe o saber e o poder da massa, também vem dela própria, à medida que sua própria força é ignorada e, acaba por legitimar o poder do outro através da sua inércia e ineficácia no “fazer política” dentro desse jogo. A massa é, pois, legitimadora da intelectualidade e do capital político da elite, já que ela própria não possui uma base política forte e coesa, por isto, tende a continuar legitimando os discursos de representatividade que muitas vezes acabam por se tornar discursos de subserviência de um segmento em relação a outro. Nesse sentido, por mais que a massa tente lutar por um protagonismo nos jogos do poder, mas ela não possuirá a força necessária para tal ato, já que são as elites que possuem todo o capital político e simbólico. Esta realidade contribui para as práticas de cooptação (assistencialismo e empreguismo) de uma boa parte da população, ocasionando a sua dispersão e impedindo o seu reconhecimento de representação e de classe, tornando-a cada vez mais “excluída”, fazendo-a ignorar ou esquecer que pode tudo através do saber e do próprio poder que deve exercer dentro de um sistema democrático de governo e levando-a a reconhecer o poder da elite em detrimento do seu próprio poder no espaço de disputa política. A fala que se segue nos leva a perceber um sentido ambíguo entre o poder, o desejo e o interesse dentro de um jogo político como o apresentado no município de Patos-PB:

A gente se sente, de fato, excluído, né?! Por isso o nosso envolvimento na política, por isso o nosso envolvimento dentro do processo de disputa de espaço. É justamente por não nos sentirmos, assim, representados por uma elite que só favorece aí, uma determinada classe. (informação verbal<sup>20</sup>)

Portanto, na medida em que as pessoas delegam a possibilidade do seu exercício de poder aos representantes da elite, elas, encaram o poder como algo passível de ser exercitado por outras pessoas, por aqueles que as massas acham que as legitimam, capazes de fazer tudo por elas. Sendo assim, o poder será exercido por uma pequena parcela da população, que será a “elite” propriamente dita como dominante, e será sempre direcionado aos seus próprios interesses. Daí surge uma questão, a de que as pessoas que não se sintam perto e nem parte do poder o sigam, passem a se ligar a ele ou almeje uma parte desse poder como favor.

As questões expostas acima fazem com que as pequenas elites quando assumem o poder passem a ganhar a legitimidade que tanto almejam, pelo fato da própria representação de si. Neste aspecto, o olhar do governante é importante para quem é governado, pelo desejo

---

<sup>20</sup> M. L. **Entrevista IV**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porffrio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (10min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.



de se sentir representado por quem governa, bem como importante para quem governa, pois referencia a sua legitimidade.

Pelo exposto, percebe-se que um contra-poder nem sempre foi exercido na história da dominação social do município de Patos-PB, principalmente por conta de toda a legitimação imposta pela própria massa em relação à governança da elite. Ao que parece, esse contra-poder frente à dominação elitista só ocorreu fortemente nas disputas entre brancos e indígenas, pela manutenção/conquista do território originário do município de Patos-PB. E, desde então grande parte da sociedade deixou de tentar lutar pelos espaços de poder, sempre legitimando os “conquistadores” e todo o seu poder (in)visível, enquanto outra pequena parte da população ainda busca interromper esse movimento político de revezamento e consolidação da política oligárquica patoense, porém, por não estar coesa, acaba por perder espaço dentro desse jogo, possibilitando o seu enfraquecimento em contraposição à fortificação das elites do município.

## **2.2. O GRANDE RETORNO DOS QUE NUNCA SE FORAM: A CULTURA POLÍTICA PATOENSE E A BUSCA PELO PODER LOCAL**

Conforme exposto anteriormente, diante do poder simbólico apresentado pelos pequenos grupos elitistas, o lugar político e a consolidação destes no exercício do poder do município de Patos-PB sempre passaram pela legitimação popular que, historicamente, sempre assumiram o exercício do poder no município. No que diz respeito a esse poder simbólico, podemos entender o fator “intelecto” como outro elemento que sempre pesou para que as relações personalistas fossem mantidas como uma das principais pautas em todos os pleitos políticos municipais. O poder simbólico voltado à inteligibilidade sempre se fez presente no fazer político local. Portanto, também "os intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da 'consciência' e do discurso também fazem parte desse sistema." (FOUCAULT, 1979, p.42). Por conseguinte,

Os filhos das famílias tradicionais, em sua maioria, saíam para estudar nos grandes centros e voltavam para o exercício de cargos públicos locais como "Doutores", mais acúmulo de capital simbólico, o que permitiu o exercício legítimo da dominação política local, como sendo aqueles mais preparados para o ofício da governança local. (MONTEIRO, 2013, p.151)

Deste modo, faz parte da cultura política da cidade legitimar o discurso que abrange a conceituação dada como: “doutores do poder”. Ao voltarem como "Doutores", os filhos das

elites tradicionais patoenses garantiam uma força política que sempre os colocou à frente das disputas pelo exercício do poder no município, tendo em vista que, o capital cultural e simbólico, assegurava o percurso da dominação social através dos símbolos. Assim:

As estratégias de dominação que foram construídas socialmente pela elite política local foram sendo incorporadas aos agentes, como se fossem naturais, ou seja, os corpos passam a ser espaço do exercício da dominação e da incorporação dos valores construídos por um pequeno grupo que tem um maior *quantum de capital*. (MONTEIRO, 2013, p. 159)

Vale lembrar que o doutor do poder é sempre o filho das grandes figuras políticas da cidade, que sai do município buscando uma educação fora dele, formando-se, quase sempre em cursos de graduação considerados elitistas, adquirindo um poder simbólico ainda maior por sua formação e fazendo com esse discurso da intelectualidade para a governança seja naturalizado pela grande massa, que passa a enxergá-lo como único representante capaz de assumir o exercício do poder no município de Patos-PB. Nessa perspectiva, notamos que esse modo como a população enxerga a elite patoense

É um dos fatores que também influenciam na hora da escolha, para uma boa parcela da população, [...] a despolitização da população faz com que as mesmas enxerguem a política de outra forma, e nas cidades do interior isso é nítido, que tem alguma formação acadêmica ou é familiar de algum político “famoso”, sempre sai na frente. (informação verbal<sup>21</sup>)

Dessa forma, a dependência faz com que a grande massa não se torne capaz de observar o seu lugar enquanto possibilidade de se tornar parte poderosa nessas relações de poder, já que,

A sociedade tem um respeito muito grande por essas camadas, né?! Juristas, Médicos, todos possuem essa admiração. Para a gente fazer uma citação mesmo, o Nabor Wanderley (Filho), que é Deputado Estadual atualmente, é empresário, dono de meio de comunicação, mas o filho (Hugo Motta) que é Deputado Federal, é médico. A filha que... que vem do segmento, também é médica. Dinaldo Wanderley tem todos os filhos médicos. Todos os filhos dele são médicos, a nora é médica. Então eles fazem parte de um setor que é muito assistencialista, né?! Todo mundo, devido à carência da saúde, termina devendo um favor a um médico; devendo um favor de uma cirurgia, de uma consulta, de uma transferência... E o poder também, né?! [...] O povo ainda tem muita ilusão com essas categorias. Tem uma determinada categoria muito preocupada com o meio progressista, mas uma grande parte, de fato, dá sustentação ao poder. (informação verbal<sup>22</sup>)

Portanto, tal incorporação de valores perante os indivíduos faz com que ocorra uma orientação sobre suas maneiras e práticas políticas, sobre as formas de como se deve agir em

<sup>21</sup> M.L.B. **Entrevista II**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (12min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

<sup>22</sup> J.A. **Entrevista I**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (14min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

determinadas situações. Pelo exercício da tomada de decisões, a partir desses valores pré-estabelecidos, a pequena elite, que governará apenas para si própria, pelas escolhas e decisões da sociedade, legitimada pelo que se acredita, também começa a orientar suas práticas por todos os valores que foram constituídos e incorporados pela própria massa. Este comportamento corrobora com a concepção de que

[...] o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores de censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. (FOUCAULT, 1979, p.42)

Neste caso, o povo, embora perceba a sua força, prefere enfatizar uma relação de dominação, através da manutenção de um nome tradicional no poder, por estas pessoas serem consideradas “capazes” de governar, devido ao poder simbólico e/ou intelectual que carregam.

Deste modo, a cultura política do Município de Patos-PB fez com que se tornasse comum que os filhos das famílias tradicionais buscassem conhecimento fora da cidade para, posteriormente, voltarem como intelectuais capazes de tomarem posse do exercício do poder político. Assim, historicamente, as famílias mais tradicionais do município (Wanderley, Nóbrega, Medeiros e Motta) sempre tiveram em suas representações grandes nomes políticos, não só pelo poder que o próprio nome já carregava, mas, também, porque buscaram o poder intelectual, deixando a cidade para se qualificar e poder voltar “munidos” de uma força capaz de inseri-los na esfera do poder político numa posição privilegiada.

Patos-PB sempre foi governada, na maioria das vezes, ou quase sempre, por Médicos, Juristas e Engenheiros, profissões ditas elitistas e a população passou a legitimar essas saídas dos que nunca se foram, como um “treinamento” para o exercício do seu plano político e de seu grupo elitista, sendo que essas pessoas eram e, por enquanto, continuam sendo vistas como os únicos capazes de governarem o município, já que a massa nunca quis ser governada por seus iguais, por pessoas que nunca saíram dos limites citadinos para estudar fora e também, nunca confiou na sua própria força enquanto possibilidade de protagonismo.

É nesse sentido que Bourdieu nos chama atenção para o efeito simbólico dessas relações, além disso, para o fundamento do poder simbólico, que é um poder que cria, se acumula e se perpetua pelo fato de haver uma troca simbólica, “em relações duráveis de poder simbólico pelas quais se é obrigado e com as quais a gente se sente obrigado; ela transfigura o capital econômico em capital simbólico, a dominação econômica em dependência pessoal e até em devotamento, em piedade (filial) ou em amor” (MONTEIRO, 2013, p.159 , apud BOURDIEU, 2001a, p.242).

Todo esse movimento estabelece um padrão, no qual os novos representantes da elite político-familista, os chamados “Doutores do poder”, tornam-se possuidores de elementos que passam a distingui-los dos demais segmentos que poderiam e/ou pleiteiam protagonizar no jogo de poder local, no qual sempre ocorrerá uma tendência a uma forte reprodução política dos “tradicionais” familiares do passado, que já estiveram no exercício do poder no município. Contudo, esses elementos também estabelecem regras básicas para a sua manutenção no poder: a honra pelo nome, historicamente conhecido e construído na cidade, além da garantia dos empregos nos órgãos públicos, a todos àqueles que compuseram/compõem a sua base estrutural de alianças políticas.

A dominação, nesse sentido, é exercida e só se exerce pelo fato que é reconhecida, em outras palavras, permitida, legitimada, posto que possuem os que acreditam que as famílias tradicionais são as representantes políticas do poder político local. Não percebendo que este discurso incorporado, que se apresenta de maneira natural, foi construído historicamente através de profundas violências promovidas pela elite política local que se manteve e se mantém no poder reproduzindo as mesmas práticas estabelecidas pelo seu grupo parental, se constituindo como herdeiros da política local. (MONTEIRO, 2013, p.161)

E tem sido assim que os grandes nomes que representaram as famílias mais tradicionais na política patoense sempre se mantiveram no topo das relações de poder, seja pelo nome da família que carregavam, sejam pelo capital econômico e simbólico que possuíam ou, então, por sua construção e formação intelectual.

Se o grupo político Medeiros-Wanderley dominou o mundo político patoense do final da década de 1990 até o início dos anos 2000, o grupo político Wanderley-Motta dominou o cenário político patoense de 2005 a 2016. Nesse tempo em que se manteve no topo das relações de poder na cidade, o grupo Wanderley-Motta assumiu a prefeitura da cidade três vezes, duas com Nabor e uma com Francisca Motta, além disso, Nabor Filho conseguiu “colocar” seu filho, Hugo Motta, no Congresso Nacional, aumentando ainda mais o poder do seu grupo político. O nome de Nabor não se torna o mais forte hoje no cenário político por simplesmente agregar todos esses valores simbólicos por sua correlação matrimonial formando um grupo político forte e arraigado na história da família Motta, mas pela legitimação da população acerca do seu nome por todos esses valores. O nome de Nabor Wanderley da Nóbrega Filho, por exemplo, advogado e empresário patoense – hoje Deputado Estadual, filho do ex-prefeito, Nabor Wanderley da Nóbrega, genro da ex-prefeita Francisca Gomes de Araújo Motta e pai do Deputado Federal Hugo Motta – talvez seja o maior nome do jogo político patoense atualmente e reverbera toda a articulação familista deste grupo de poder.

De acordo com Monteiro (2013, p.163) “os filhos das famílias tradicionais, em sua grande maioria, saíam para estudar nos grandes centros e voltavam para o exercício de cargos públicos como “Doutores” [...] o que permitiu o exercício legítimo da dominação política local”. Esses “doutores” se configuram como as figuras mais emblemáticas e elitistas do município, tendo cada um deles, cada não somente a história por trás de seus nomes como referencial para a legitimação do seu poder, pois, quando retornam para o exercício do poder no município, mesmo nunca tendo ido embora de fato, se fortalecem pelo poder intelectualizado, por suas formações, as quais os “habilitam” à governança através do querer da grande massa, que como já dito, quer um representante que possua uma história política por trás do seu nome, cuja herança familiar, associada à sua intelectualidade legitime a sua força na política, já que “a união no seio da família é tida como núcleo central de sociabilidade e perspectiva de consolidação de poder” (FORTUNATO; MOREIRA NETO, 2013, p.158).

### 3. O PODER E A CULTURA POLÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO POLÍTICO PATOENSE E A MANUTENÇÃO DE UMA ELITE NO PODER

Entendendo o *modus operandi* do poder local no município de Patos-PB, logo se percebe que desde que a política oligárquica começa a ser instituída pelas pequenas elites, passa a existir uma cultura política voltada para o estabelecimento e consolidação política das mesmas. Mas, como explicar a persistência destas elites no ápice do poder municipal, estadual e até federal?

Podemos conhecer a natureza de um governo observando não só as características das instituições que o configuram, mas, também, as características pessoais de quem as dirige. Esse procedimento torna-se mais frutífero, sobretudo, em sociedades de instituições frágeis e instáveis nas quais a relevância das características pessoais dos seus titulares sobrepõe-se às características das próprias instituições, atormentadas e canibalizadas por interesses corporativos e clientelistas. (RIBEIRO, s/d)

Este tipo de cultura política corrobora com a ideia de Berstein (2009), quando demonstra que a mesma possibilita a explicação dos comportamentos políticos, que respondem a questionamentos feitos como o que faz um determinado grupo de pessoas se sentirem mais próximas de uma força política do que outra e, além disso, se utiliza da questão do voto, demonstrando como, uma parte dessas pessoas, podem votar a favor ou contra políticas determinadas por instituições e órgãos políticos, sempre tomando lado durante as disputas. Essa é a aproximação da população que se vê imersa, dentro de um jogo político totalmente teatralizado, já que na cultura política do interior do Nordeste brasileiro, percebemos que o jogo de poder é perpassado através de sua teatralização, no qual a população, isto é, a grande massa, acaba se vendo discutindo pautas que nem chegam a representar a elas mesmas, tudo pelo amor construído por determinada figura do poder político. Amor esse que é justificado pela legitimação popular causada pelos símbolos de poder presentes na atmosfera política do local, no qual os amados e aclamados pelo povo acabam voltando seus interesses para si, ignorando, quase sempre a representatividade política que os cabe, já que a população ao fazer uso de sua força, acaba cedendo poder para esses atores sociais, que o utilizarão para governar sobre as massas. Então, a partir do apresentado, passamos a notar que no jogo do poder local, na cultura política estabelecida sempre haverá:

Um palco, um cenário e vários personagens. Está criada uma atmosfera teatral. Os atores passam a representar papéis, a encenar uma peça para espectadores do outro lado da platéia. Representar no duplo sentido conceitual: estar no lugar de algo/alguém e de procurar encenar uma visão textual parcial para o público. Eis aí algumas características de uma arte tão milenar que é o teatro. Características que serão apropriadas em uma dimensão também milenar que é a política. (AIRES,

2012, p.50)

Assim se institui no jogo de poder local uma teatralização, na qual as pessoas enxergam as disputas e as relações de poder em sociedade da plateia, seja ela dentro das suas casas observando o poder do sistema midiático, ou nas ruas, gritando pelo nome daquele ator, que elas, enquanto expectadoras desse jogo, tanto amam.

A política outrora era de ideias. Hoje, é de pessoas. Ou melhor, personagens. Pois cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo. Doravante o próprio Estado se transforma em empresa de espetáculos, em “produtor” de espetáculos. A política se faz agora, encenação. (AIRES, 2012, p.50 apud SCHWARTZENBERG, 1978, p.1)

Numa sociedade teatralizada em seu cenário político, podem vir a coexistir e conviver diversas culturas políticas diferentes, na qual essas políticas podem ser diferentes e antagônicas, o que não vêm a significar que elas, por serem diferentes e rivais, não podem vir a entrar em contato e sofrer influências igualmente. Em outro aspecto “a cultura política de determinado grupo social constitui um todo homogêneo cujos elementos são interdependentes, sendo preciso levar em consideração as redes de sociabilidade que garantem a coesão do grupo” (BERSTEIN, 2009). Em outro viés, a teatralização do jogo de poder local pode vir a se estender por meio das representações ou do seu discurso, que está propriamente intrínseco dentro do jogo de poder. Assim, na visão de Roger Chartier (1988), as representações não são e não serão construídas apenas através de imagens, nas quais se tornarão falsas ou verdadeiras, do seu real. As representações vão possuir a sua própria energia, por meio da qual irá convencer os atores sociais de que esse “real” pode ser efetivamente correspondido por tudo que essas representações afirmam ou apresentam ser. Deste modo, no que diz respeito ao objeto aqui estudado, o revezamento familiar entre as famílias tradicionais do jogo político patoense, já pode tornar este conceito de representações bastante plausível, pois, as representações construídas e solidificadas em torno do poder político estabelecido no local, por essas famílias dominantes, nos mostram o poder que tais práticas possuem para a contribuição efetiva da manutenção das grandes famílias políticas no exercício do poder no município de Patos-PB, estabelecendo uma relação de dominação entre classes distintas, fazendo com que o jogo de poder local passe a ser pautado pelo binômio: *Dominantes x Dominados*. “As representações do mundo social, construídas dessa maneira, apesar de aspirarem a uma verdade e validade universal, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as formulam” (LEMOS JÚNIOR, 2013, p.130) fazendo com que o jogo de interesse no poder das elites ultrapasse o interesse e o dever representativo dessa mesma classe, perante a classe que a colocou no poder.

Entendidas como esquemas de classificação, delimitações e juízos que organizam a apreensão da realidade, as representações incorporam nos indivíduos as próprias divisões do mundo social e, segundo Roger Chartier, “são esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir o sentido, o outro torna-se intelegível e o espaço ser decifrado.” (LE MOS JÚNIOR, 2013, p.130 apud CHARTIER, 1988, p.16-17)

As concepções acerca das representações e das conceituações do termo Cultura política, além das novas interfaces da historiografia moderna, com as ideias de Michel Foucault sobre a História do Discurso e o estabelecimento das relações de poder no campo da política, ultrapassaram a velha e pragmática História Política, observando os campos de concentração no qual as especificidades de tornam importantes para a construção dessa nova história política, obtendo um maior respaldo a partir da instituição dessa nova forma de se observar o campo político moderno. A partir disso, vemos que a Nova História Política:

Redefiniu seus objetos, suas fontes e metodologias, trouxe à tona duas das mais promissoras interfaces da historiografia moderna: de um lado o diálogo e a interação entre História política e a História do discurso e de outro o caminho imaginário para perceber as relações de poder e as suas correspondentes apropriações políticas. (BARROS, 2005, p.128)

Ao saber que o foco no poder é a principal característica da História Política, Barros (2005) expõe que as apropriações e as relações geradas pelo poder, com todo seu mecanismo de imposição e de transmissão, tendo a sua perpetuação através da ideologia, no qual a sua organização dar-se-á a partir das redes criadas por seus atores sociais e com a possibilidade de confronto entre os mesmos, criada através de seus fenômenos coletivos com a instância das Revoluções e das resistências individuais no âmbito dos micro-poderes, enxergamos que o Poder refere-se a todo o território que se constitui o campo da História Política. A Velha e a Nova História Política diferem no que concerne aos seus atores, na historiografia do século XIX, a Velha História Política pautava uma preocupação exclusivamente em historicizar as questões dos grandes Estados, levando em consideração os governos dos “grandes homens”, se estabelecendo dentro dos macros-espacos do poder, mas com a chegada da Nova História Política, no século XX, o olhar sobre o campo da História Política muda. Agora, esse olhar sobre o Poder, se volta não somente mais para os grandes Estados, nem para os grandes homens, essa nova forma de historicizar o campo político da História adentra nos micro-espacos, voltando o olhar para o poder em várias outras instâncias, assim como no uso do político dentro do sistema de representações. Com essa nova interface da História política, surge um novo olhar sobre o “indivíduo”, a história vai passar a ser vista de baixo pra cima, não mais como apresentava o método positivista, observando os grandes Estados e os grandes homens. A Nova História Política voltará seu olhar para as grandes massas dentro das relações



de poder pré-estabelecidas na sociedade, observando o trajeto do indivíduo comum, fazendo com que haja uma amplitude do social.

Ao observarmos as caracterizações dos métodos historiográficos para tratar da História Política, voltamos, mais uma vez, o olhar para sociedade patoense e ao que se dissemina dentro do poder político local, no qual a partir de suas representações no cenário político, os atores sociais se colocam como àqueles que podem não tão somente governar a partir de seus interesses, mas também a partir dos interesses daqueles que os fazem ter o poder de governar; em suma, os discursos produzidos pela elite dominante são criados para fazer com que a massa governada legitime-o e passe a naturalizá-lo por sua crença nos determinados atores que aparecem e tomam o palco do teatro do poder no município. Dessa forma, dentro do poder local culturalmente proposto para a governança das elites, nasce o imaginário político.

[...] Um determinado imaginário político pode ser em certos casos produto de desenvolvimentos de longa duração, adaptando-se a tradições que remontam a séculos, ou em outros casos mostrar-se produto de processos históricos circunscritos a curtas durações. Em muitos casos [...] um circuito de elementos do Imaginário Social pode ser produzido ou apropriado por circunstâncias políticas específicas ou, ainda, mesmo por uma bem calculada arquitetura do poder [...] o imaginário encontra um leito em determinadas condições sociais, ou que se adapte a certas motivações políticas. (BARROS, 2005, p.139)

O imaginário político nasce, então, no meio social, pois “cada sociedade, ou cada sistema político pode produzir um imaginário do governante mais apropriado.” (BARROS, 2005) Nesse caso, podemos voltar até a década de 1930, aqui no Brasil, com o imaginário político construído sobre a figura de Getúlio Vargas, por exemplo, considerado a “mãe dos ricos” e “pai dos pobres” por estabelecer vínculos emocionais com o povo, de modo que, sob a égide de sua imagem essas duas formas de caracterizá-lo faziam com que Vargas se tornasse um político chamado de populista, mesmo mantendo suas relações tanto com todas as classes sociais. Esse Imaginário político no decorrer dos anos, mais especificamente durante a década de 1980, passa a sofrer algumas ressignificações, “passou a ser portador de possibilidades de gerenciamento eficiente dos recursos públicos e protagonista de iniciativas de desenvolvimento da vida econômica e social.” (COSTA, 1996, p.22)

Segundo Barros (2005) o poder, tal como procuramos mostrar, também será exercido por meio do Discurso e de Imagens. E serão as próprias imagens e os próprios discursos, que se tornarão pontos estratégicos pelos quais o homem irá lutar pelo estabelecimento de suas relações sociais e políticas. Dessa forma, as estruturas de poder presentes nos espaços onde a política é exercitada, passam a ser vistas como palcos para conflitos/disputas entre atores

distintos. No cenário do poder político patoense, as disputas que são dadas a ver perpassam apenas os atores sociais que se inserem nos grupos políticos de elite. Daí a disseminação de uma política oligárquica capaz de sempre se renovar para se manter dentro das estruturas do poder local.

Michels (2001) pensando o sentido da oligarquização defende que qualquer organização social de maiores dimensões – entre essas não só os partidos políticos – tendem a se converter em uma oligarquia, e essa passará a ser governada por uma reduzida camada de dirigentes que se afastarão dos interesses da massa a quem essa elite deveria representar. Neste sentido, a forma como se organizou as estruturas do poder local no município de Patos-PB, propiciou o nascer, o desenvolvimento e a consolidação dos pequenos grupos formados por membros de elite que, passaram a instituir o poder no município, fortalecendo o seu “fazer político” possibilitando que, até hoje, essas elites dominem o exercício do poder na cidade, fomentando o alargamento do seu poderio político acerca das suas representações e por meio de toda legitimação de um discurso que se torna dominante.

Em poucas palavras, esse processo de oligarquização pode ser assim resumido: processo paulatino por meio do qual os dirigentes de uma organização passam a constituir uma casta<sup>23</sup> (de oligarcas) livres de controles internos e que deixa de representar os interesses dos liderados, transformando a estrutura decisória de democrática em oligárquica, e imprimindo à organização estratégias cada vez mais conservadoras, flexíveis e adaptáveis ao ambiente, voltadas à sobrevivência e ao fortalecimento organizacionais (e não à luta por causas específicas). (RIBEIRO, 2012, p.2-3)

Michels (1982) vai enxergar na organização partidária a impossibilidade de se constituir um tipo de democracia “pura”, em virtude de uma tendência ao surgimento de uma hierarquia funcional que proteja uma oligarquia. O poder se capacita para aqueles que se expressam na exequibilidade do poder.

As características individuais intrínsecas aos líderes, que fazem com que eles sejam escolhidos pela massa (oratória, liderança, superioridade intelectual e etc.), são reforçadas com a rotinização da atividade profissional, já que dirigentes adquirem expertise crescente em suas áreas (RIBEIRO, 2012, p.3).

Portanto, o poder não existe, não há como dominá-lo, mas se é exercido, em seu exercício “a classe política é o grupo com poder ou influência e que está empenhado na busca de exercer a liderança. A elite é composta por ‘muitos grupos que podem estar empenhados em diversos níveis e cooperação, competição ou conflito entre si’”. (FARIAS FILHO, 2011,

---

<sup>23</sup> Qualquer grupo social, ou sistema rígido de estratificação social, de caráter hereditário. Cf. em Dicionário Aurélio.

p.177 apud BOTTOMORE, 1965, p.6) Essa elite dirigente ainda possui o poder de renovação política, no qual os chamados “herdeiros do poder” tomam o lugar daqueles que construíram o caminho para que essa renovação pudesse ser concluída com êxito, legitimando o novo nome a surgir através apenas de sua história. Deste modo, para garantir a sua sobrevivência, então:

Os dirigentes passam a ver a organização como um fim em si mesmo, e não como meio na luta por uma causa específica; sob o imperativo de preservar o seu poder interno (graças a um apetite ‘natural’ dos homens pelo poder) tornam-se crescentemente conservadores, afastando-se dos interesses dos representados. (RIBEIRO, 2012, p.4 apud MICHELS, 2001, p.75-124)

Neste cenário, os grupos existentes na teatralização do jogo político, na esfera de poder patoense, sempre se colocaram como diferentes, pois “os grupos se diferenciam porque um grupo (minoria ou elite) está organizado e detém o poder de decisão; já o outro grupo é formado pelos que sofrem as ações deste poder (a maioria ou massa). É a partir dessa tese que surge uma discussão em torno da polaridade elite *versus* massa.” (FARIAS FILHO, 2011 apud MOSCA, 1992) A chamada “Elite política”, no município de Patos-PB, sempre foi composta por redes familiares provindas dos entrelaçamentos matrimoniais ou compadrecas, que permitiram que essa mesma elite se tornasse dominante, permitindo ainda a organização de seu poder em sociedade e a sua consolidação e naturalização pelos discursos produzidos e legitimados, pela grande massa popular patoense. Tendo em vista que não podemos

[...] compreender o jogo político sem ter como variável relevante a família. As estruturas de parentesco formam parte da realidade social e política brasileira no século XXI. Redes familiares controlam partidos políticos, controlam o centro do poder executivo e formam redes atravessando o poder legislativo com parlamentares hereditários, sempre se renovando pelas gerações. (GOULART, 2016, p. 83 apud OLIVEIRA, 2012, p.13)

A democracia (do grego *Demo* = *povo*; *Kratos* = *poder*) mostra-nos a real significação do jogo de poder político, não só de Patos-PB, como de grande parte do mundo. O poder emana do povo, então se o povo não se reconhece como igual para alavancar-se ao poder, a pequena elite surge como principal meio para representar esse povo, mesmo que os dois destoem um do outro em termos de vida econômica, social e política. Ribeiro (2013) vê em Michels (2001) que a sua concepção de democracia (ou soberania do povo) carrega, na maioria das vezes, o significado de predomínio da vontade geral (ou popular) nas decisões tomadas pelos representantes: pois “representar significa manifestar a vontade geral por intermédio da vontade particular” (p.178), com isso, as instâncias dirigentes convertem-se em meros órgãos executivos da vontade popular; quando essa mesma vontade é desrespeitada, os representantes são substituídos. Então para Michels, a oligarquia é a antítese da democracia. A

partir dessa visão de substituição dos representantes pelo não cumprimento das representações populares, partimos para a realidade da governança municipal em Patos-PB, na qual, realmente a sociedade patoense tende a substituir o governante – fato esse que é normal a qualquer outra instância de poder, no qual se um governante não corresponde o desejo e os interesses dos governados, a grande massa faz uso do seu poder e o exclui do exercício do poder – mas aí que mora a diferença de uma sociedade oligarquizada, na qual, a massa votante utiliza o seu poder para colocar outra figura de elite, que imagina ser capaz da governança por sua herança política e por seu capital econômico/simbólico.

A própria massa nas suas atribuições sempre depositou a governabilidade dentro das instituições oligárquicas que surgiram no município ao longo do tempo, é a cultura política de Patos-PB, na qual se um membro de elite não corresponde ao desejo da grande massa, a massa faz questão de trocar uma representação por outra completamente igual nos termos de poder e diferenciação social a ela. Se um ator não corresponde na sua atuação, fecha-se a cortina para ele, fazendo surgir um novo personagem político no município, ainda que com o mesmo discurso de representação de seus anteriores, tendo em vista que “a representação acarreta com o passar do tempo, e pelos motivos já apontados, um inevitável afastamento entre os valores, interesses e ações dos líderes frente à vontade da massa” (RIBEIRO, 2012, p.4) fazendo com que a elite governante seja renovada ao longo do tempo, mesmo com essa cultura na qual a representação não existe além do discurso. E, é uma cultura que se mantém de pé, e mais forte, desde os anos 1950. Já que a política patoense é a política da teatralização, a política das grandes famílias; e a política na qual o poder perpassa as redes familiares estabelecidas durante todo o processo de dominação social estabelecida por essas pequenas elites sobre a grande massa.

### **3.1. O PODER LOCAL E O VOTO: A DIVISÃO SOCIAL PELAS “CORES DO PODER” E A RELAÇÃO REPRESENTATIVA ENTRE ELITE-MASSA**

Para entendermos a conformação do jogo político patoense, teremos que nos perceber dentro das concepções do que se trata o Poder Local, assim, Fischer (1992) determina que o local se remeta, no Brasil, a esfera municipal de poder político, isto é, a prefeitura e a câmara dos vereadores. No sentido que estamos trabalhando aqui, entenderemos a logística do poder local através da prefeitura e do exercício do poder político a partir das figuras dos prefeitos. Então, ao observamos as diferenças estabelecidas entre a elite governante e a massa

governada, podemos entender as questões do local como um poder que se constitui nas relações que delimitam o poder entre os diferentes grupos sociais, e que ocorrem externamente a essa esfera. “Para entender o local e as relações de poder nele existentes, não basta identificá-lo ao poder político. É preciso conceituá-lo como o poder exercido econômico, social, cultural e simbolicamente.” (FISCHER, 1992, p.26)

Já Villasante (1998) apud Fisher (1992) “conclui que o local é menos um espaço físico e mais um conjunto de redes estruturadas em torno de interesses identificáveis.” Deste modo, “essa identificação posta sobre o poder local nos leva a algumas indagações acerca do espaço político local, as competições e os conflitos, sobre a memória política local e as formas do exercício do poder” (SILVA, 2008, p.69). De acordo com essa compreensão, o local passa a ser palco das relações voltadas ao entrelaçamento político de pequenas elites, às relações de poder sob o voto, aos conflitos entre os representantes e os representados, além de ser determinantemente o campo onde o poder se perpassa pelo seu conservadorismo e por suas ressignificações, levando este palco a produzir o teatro do poder, no qual continuam a surgir atores sociais sempre voltados à renovação das elites governantes no município. Portanto, ao estabelecer os fatores presentes dentro do jogo político patoense, percebemos que “os mecanismos eleitorais internos obrigam essa elite a manter, ao menos a aparência, o contato com os sentimentos e opiniões da massa a quem deve a posição que ocupa” (RIBEIRO, 2012, p.6). Por meio desse tratamento do uso do poder local dentro das relações de poder estabelecidas entre os atores sociais, vemos que a noção posta sobre o “local” possui duas ideias complementares em um sentido e passando a se tornar antagônicos em outro.

Se o local refere-se a um âmbito espacial delimitado e pode ser identificado como base, território, microrregião e outras designações que sugerem constância e certa inércia, contém igualmente o sentido de espaço abstrato de relações sociais que se deseja privilegiar e, portanto, indica movimento e interação de grupos sociais que se articulam e se opõem em relação a interesses comuns. E assim, invariavelmente a análise do local remete ao estudo do poder enquanto relação de forças, por meio das quais se processam as alianças e confrontos entre atores sociais. (SILVA, 2008, p.70)

Dessa forma, os grupos dominantes não justificam o poder exercido por eles tão somente pela posse de seu exercício, mas o fazem por bases morais e lógicas nas quais a própria massa vem a legitimar esse poder como se fosse uma doutrina, assim como a religião e a ciência. Tal fato acontece porque em seu discurso, essa pequena elite, se coloca como portadora da tradição política, dentro das tradições do local, buscando o esclarecimento que levará a grande massa à razão pela qual se deve pôr essa pequena elite no poder, justificando, assim, a condução do poder local pelas bases elitistas, “donas” do exercício do poder pela

naturalização da massa, pelo fato dessa elite se mostrar apta para o poder por sua tradição política, que se faz presente, historicamente, dentro da cultura política do local. De tal modo, “esses grupos quase sempre em minoria, acabam por ter poder sobre a região e sua população, inclusive repassando às novas gerações sua maneira de agir e de pensar, permitindo se não perpetuar, ao menos consolidar a hegemonia nas decisões locais” (SILVA, 2008, p.71). De acordo com essa compreensão, se pensarmos a consolidação das elites por meio da legitimação da massa, notaremos uma estabilidade política propiciada pela cultura política local, fazendo com que essa elite dominante enraíze suas práticas obtendo “uma longa permanência nos cargos que transporta consigo, causando um perigo à democracia, já que, quanto maior o tempo, maior se torna a influência do dirigente sobre as massas e maior se torna também a sua independência.” (MICHELS, 2001, p.56) Tal fato potencializa as possibilidades da formação de uma “elite superior”, que institui em detrimento dos interesses das bases.

Considerando que, como já exposto, a base desse poder político elitista, é a massa, o antídoto para a não formação de grupos oligárquicos em sociedade seria a troca frequente de representantes. Contudo, o que acontece no município de Patos-PB, é que por mais que haja uma troca frequente dos dirigentes, a elite ainda continuará no poder, nem que seja com alguém provindo de uma base aliada. Fato esse que aconteceu, por exemplo, nas eleições de 2004, no município, no qual a principal figura do jogo político patoense que faria oposição à força política do então candidato do PMDB, Nabor Wanderley da Nóbrega Filho, seria o seu primo, Dinaldo Medeiros Wanderley, mas como esse último estava no “derradeiro” ano de mandato da sua reeleição não poderia mais concorrer ao pleito, assim, o grupo comandado por Dinaldo vai buscar na figura de Dineudes Possidônio o aporte de poder que precisava para continuar ocupando o cargo de prefeito no município, no qual, mesmo sem possuir o poder vindo da tradição política, Dineudes tinha o suporte do poder simbólico cedido por Dinaldo, sendo o candidato do atual prefeito do município.

Neste contexto, sempre que um grupo de elite se vê em crise de representantes, ditos legítimos ao poder, a base política aliada sempre se apresenta como uma saída, corroborando com a ideia de que “o processo de oligarquização depende diretamente do tempo de permanência dos líderes: quanto mais estáveis, mais se especializam, mais se veem como donos e dependentes dos cargos, mais são vistos como imprescindíveis.” (RIBEIRO, 2012, p.7) Por meio de tudo isso, “os grupos, entretanto, tendem a atuar de maneira relativa, mas não completamente autônoma, já que se articulam em partidos políticos, entidades de classe

ou associações para ganharem maior legitimidade” (SILVA, 2008, p.73).

A política patoense historicamente sempre foi, pois, personalista e não ideológica. Assim, a legitimação daqueles que pleiteavam as disputas estava sempre voltada aos seus nomes, sua tradição política, seus poderes econômicos e simbólicos, além de sua qualidade intelectual. Contudo, a participação dos partidos na política patoense sempre se fez presente em um sentido de separação social por suas cores.

É... Bem, é engraçado tudo isso que acontece na cidade. A população está completamente dividida entre “vermelhos” e “amarelos” (risos). Toda campanha é isso: “sou do vermelho, jamais vou votar no amarelo” (risos) e assim continua sempre a se perpassar por muito tempo, né?! Há uma teatralização das forças políticas, os candidatos são muito atores, cara. A população entra nessa atuação e ela se divide mesmo, polarizando as eleições, mesmo que tenha mais de dois candidatos. É como se as cores representassem um tipo de poder, um poder que não dá para se enxergar [...] (informação verbal<sup>24</sup>)

Já que a política patoense sempre foi voltada para as pessoas que disputavam o exercício do poder, a ideologia política apresentada por seu partido nunca teve uma grande força no sentido de angariar dos votos. A paixão da grande massa pelos seus representantes toma conta do discurso postulado pelos mesmos e, quase sempre, as cores dos seus partidos fazem total diferença no jogo político da cidade. Esse tipo de ação faz com que a sociedade patoense se identifique e se considere como igual, àqueles que sentem e se colocam do mesmo lado político, apoiando a mesma figura. Esse tipo de atitude faz com que os apoiadores do partido de cor “x” não votem em pessoas do partido de cor “y”. Dessa forma, a personificação da política ganha outro atributo, através da cor que aquela pessoa carrega consigo ao fazer política, referente ao partido que o abriga. Este fato abre espaço para a questão de como se institui a posição partidária das elites locais?

Historicamente no município, desde o pleito de 1992 até o de 2016, os maiores partidos políticos do jogo de poder patoense foram o antigo Partido da Frente Liberal (PFL) que posteriormente se transformou em Democratas (DEM), o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o antigo Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) que hoje voltou a se chamar (MDB), como no período da Ditadura Militar, o qual fazia frente ao Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Dentro desses partidos políticos estavam os grupos Medeiros-Wanderley e o grupo Wanderley-Motta, os principais grupos político-familistas do município de Patos-PB. Cada grupo depositava a sua força e tradição política dentro de um

<sup>24</sup> M.L.B. **Entrevista II**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (12min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

desses partidos, fazendo com que esses ganhassem legitimidade através de seus nomes.

O grupo Medeiros-Wanderley sempre esteve ligado aos partidos ditos de direita, a exemplo do DEM e do PSDB; enquanto o grupo Wanderley-Motta sempre esteve ligado ao partido historicamente visto como centro-esquerda, PMDB. Desse modo, em suas várias disputas ao exercício do poder patoense, esses grupos se dividiram e faziam com que a massa se dividisse por meio da teatralização do poder, através das chamadas “cores do poder”, no qual o amarelo e o vermelho sempre tomam de conta da cidade e do coração dos patoenses apaixonados por seus representantes. Vista dessa maneira, então, podemos perceber que “a estrutura do poder local se comportaria a partir das influências de determinados grupos” (SILVA, 2008, p.78)

Neste tipo de se fazer política não há, entre os apoiadores dos dois grupos, uma diferença social que faça a disputa se tornar uma disputa “entre classes” distintas pelo poder. Pelo contrário, as bases elitistas e a própria massa se dividem nesse jogo político, misturando-se por meio das representações que lhes são mais pertinentes. A massa apoiará o candidato que mais lhe representa, e nisso ela se dividirá, fazendo assim com que não haja possibilidade alguma de existir um governo de massa, um governo no qual a massa realmente esteja no poder, pois, a própria massa patoense se divide entre um projeto elitista e outro, nos quais ela nunca foi prioridade. Assim, podemos notar que:

As relações de poder perfazem diversos conflitos como os estabelecidos nos grupos político-econômicos, sociais e outros atores, mas são imanentes, não havendo, diretamente, uma oposição entre dominantes e dominados, mas sim “situações de poder” que ora favorecem a um, ora a outro sujeito/coletivo. (SILVA, 2008, p.80)

Será justamente através deste sentido de beneficiamento que iremos notar o porquê das massas se juntarem às elites que formam a base do poder dos dirigentes, observando que as representações que essa massa legítima estão imersas em benefícios propostos pelas elites para que se conquiste o voto, que se coloca como forma de poder da massa, para que se legitime a sua força enquanto político, fazendo com que essa política elitista seja perpassada através dos tempos e o porquê das massas não legitimarem seu próprio discurso para se chegar ao poder enquanto dirigentes, preferindo votar em um “diferente” membro da elite, do que num “igual” membro da massa.

Em seu discurso sobre a “pureza” do poder na prisão, Foucault (1978) deixa claro que os dominados se conhecem como iguais, tendo uma visão do poder exercido sobre eles dentro das prisões. No que diz respeito à política, é comum os iguais se reconhecerem como iguais e,



consequentemente, se auto reconhecerem enquanto dependentes das elites em dois sentidos: o primeiro seria o sentido de representatividade, no qual a massa busca o olhar da elite sobre ela, para que assim possa vir a existir um “retorno” pela troca de poderes. Já que a única força de poder para a massa é o poder do voto, a mesma espera que as elites a vejam como prioridade no processo de representação política, atribuindo-lhe um “pagamento” pelo poder que cederam a essa elite para que ela governasse sobre si, formando um processo de reconhecimento de favores trocados. O segundo sentido teria seu foco na dependência de benefícios que só as elites podem proporcionar às massas; A massa não vota na massa (dentro do poder executivo), pois, sabe que não irá ter retorno imediato. Isso quer dizer que, a massa não colocará a massa no poder, porque sabe que seus iguais não possuem o que lhe oferecer para que haja essa troca de favores que aparece no primeiro sentido, mesmo que uma representação por parte de troca entre massa-massa fosse bem mais viável do que uma espera representativa entre elite-massa. Então, assim, a massa sabe que seus iguais, não detêm o capital econômico e simbólico que as elites possuem, gerando um afastamento de seus iguais no que diz respeito ao poder. Com isso, ainda não haveria uma reforma no sentido das representatividades políticas, porque “quando as pessoas começam a falar e agir em nome delas mesmas não opõem uma representação, mesmo invertida, a uma outra, não opõem uma outra representatividade à falsa representatividade do poder.” (FOUCAULT, 1979, p.48)

Nesse sentido, a sociedade é um instrumento direto para a consolidação do poder da elite no município de Patos-PB. O “fazer favor” se torna o alicerce do “fazer político”,

É daí que se constroem os laços sentimentais e pragmáticos que ligam os liderados às lideranças e a dependência política se traduz na expressão “eu devo favor”, o que significa uma forma de gratidão, uma dívida cujo preço é a fidelidade sem limites, mas que pode resultar na possibilidade constante da humilhação pessoal e familiar (MONTEIRO, 2013, p.156 apud ADILSON FILHO, 2009).

Palmeira (2016, p.1) afirma que “nestas circunstâncias, mais que uma escolha individual, acertada ou não, o voto tem significado de uma adesão. Para o eleitor, o que está em pauta em uma eleição não é escolher representantes, mas situar-se de um lado da sociedade.” Isto é, a partir do voto a grande massa se subdivide e delimita o seu espaço de apoio para determinados grupos, retirando, cada vez mais, a chance de que alguém da massa chegue ao poder. Então:

[...] Se tratando de adesão, tanto quanto o voto, pesa a declaração pública antecipada do voto. Diferentemente do que nos acostumamos a ver nas grandes cidades, o fato de alguém ter um cartaz, uma fotografia do candidato ou o nome dele na porta de casa equivale a uma declaração de voto. E mais ainda, é uma sinalização de que o

dono da casa pertence a uma determinada facção. (PALMEIRA, 2016, p.2)

Fatos como esse chegam a ser curiosos, mas acontecem muito nas eleições das pequenas cidades do interior do nordeste brasileiro, a declaração de voto é dada por meio de símbolos que ligam os “representados” aos pleiteadores da representação política. As casas populares são tomadas por símbolos de poder das pequenas elites políticas, delimitando o espaço em que o discurso dessas elites causa a cooptação da massa. É raro, em períodos de eleições, não se ver a divulgação antecipada do voto em determinado candidato, pois, a massa liderada deseja mostrar o seu lado, a sua participação direta no processo de escolha de seus representantes. Neste processo, a cooptação da massa acontece, na maioria das vezes, pelo chamado “voto de favor”, no qual podemos pensar a distribuição farta de diferentes tipos de bens, sejam eles, dinheiro, tijolos, colchões ou qualquer tipo de ajuda familiar que a pequena elite venha a dar nos períodos pré-eletivos, o que se torna um fator que marca as eleições do interior do nordeste.

Mas, além do “voto de favor”, existe, também, a “lealdade do voto” que pode ter sido estabelecida há vários anos, por candidatos totalmente diferentes entre um pleito ou outro, pois o que marca esse tipo de voto é a herança política do candidato em questão, e o fator “dívida” a uma determinada pessoa, que compõe um determinado grupo ou partido político, fazendo com que essa massa se coloque à disposição dessa/desse pessoa/grupo político sempre que houver precisões, estabelecendo seu apoio, pois, no que diz respeito a relação político-eleitor,

A lealdade política, lealdade do voto, é adquirida via compromisso; ela não implica necessariamente nem ligações familiares nem vinculação a um partido, mas tem a ver com o compromisso pessoal, com favores devidos a uma determinada pessoa em determinadas circunstâncias. (PALMEIRA, 2016, p.3)

As elites buscam os votos não-declarados nos lugares mais carentes por meio de promessas de melhorias; é pelo saneamento básico, pelo calçamento das ruas, pela construção de creches, escolas e postos de saúde, que se tenta cooptar o cidadão mais humilde, em muitas vezes, já desacreditado da política, pelo significado presente no discurso da “melhoria”. Utiliza-se do discurso da precariedade para fazer nascer a sua legitimação enquanto representante desse povo, coisa que já se tornou comum na política. Pois, é muito raro ver essa elite do poder nesses lugares após as eleições. Isso não é um fato anormal em lugar nenhum, já que se coloca ali com um único desejo em mente, angariar votos. Votos esses que terão peso e lhes darão força na disputa, tirando esses votos de seus concorrentes, automaticamente tirando a força da concorrência nessa local aonde se firma o compromisso da

representatividade, mas que todos nós estamos cansados de saber que será esquecido mais cedo ou mais tarde.

No passado, um dos enunciados que alimentava o capital político da elite era o “discurso da seca”, o qual tomou conta da política do interior do nordeste, fazendo com que as famílias mais carentes se colocassem a mercê das decisões e ajudas providas das elites, gerando por vários anos uma relação de dependência, aonde “geralmente essas famílias carentes, as quais eram a grande maioria da população no município, em épocas de seca, como já mencionado, dependia das famílias tradicionais em relação aos reservatórios de água” (MONTEIRO, 2013, p.153) O discurso da seca gerava, pois, uma dependência direta das famílias tradicionais do mundo político e possibilitava o exercício de poder das pequenas elites sobre a grande massa. “Nesse sentido, criava-se toda uma relação de dependência para com estas famílias tradicionais, as quais garantiriam a ‘segurança’, a ‘proteção’ e o básico para a sobrevivência do grupo familiar” (MONTEIRO, 2013, p.153).

Vale salientar que, na política atual, a relação de dependência não se dá mais através do discurso da seca, pois o voto, ao longo do tempo, passou por um processo de ressignificação, e, hoje, a garantia de segurança, proteção e do básico para a sobrevivência dos pequenos grupos familiares não se dá apenas através de promessas, mas, também, de trocas consideradas como “compras de votos”, tais como a disponibilização de: um milheiro de tijolos, sacos de cimento, cestas básicas, consultas, cirurgias etc.; coisas que para um grupo familiar numa linha praticamente de extrema pobreza já se faz repensar o voto, uma vez que de onde não se tinha nada, agora passa a existir pelo menos um “agrado” para se legitimar um nome político durante as eleições, através das “doações” imediatas feitas antes ou durante a campanha política.

Portanto, os grandes nomes da política local patoense evidenciam a árvore do poder político-genealógico, justificando os elementos de distinção que reafirmam a sua liderança, que sempre fora estabelecida por meio dos capitais simbólicos acumulados no decorrer de sua própria história social. As relações de dominação político-social vão se estabelecendo por diversos meios, incluindo as “relações parentais e os laços de credibilidade que vão sendo construídos na força da palavra, das ‘ajudas’, dos ‘favores’, em uma frase: ‘do que se promete, faz’ (MONTEIRO, 2013, p.155). Neste sentido, nas situações aqui estudadas como forma de cooptação da massa vemos que “ou se tem uma declaração prévia de adesão a uma facção em função de compromissos publicamente conhecidos; ou em função da manipulação de

emblemas, como cartazes afixados na frente das casas; ou o uso de cores de um determinado partido político ou candidato” (PALMEIRA, 2016, p.4); ou por meio da lealdade do voto declarada há muito tempo; ou pela garantia do voto via dependência das massas em relação às elites político-familiares, ou, até mesmo, pela própria “compra de votos” e pela crença e legitimação no discurso das representações. Assim, notamos que, será a partir do tempo proposto pela política (eleições) que se permitirá a realização das mudanças de fronteiras que serão capazes de readequar a sociedade no jogo político, a partir da imagem que a sociedade produz sobre ela mesma.

### **3.2. O HISTÓRICO OLHAR DO JOGO DE PODER POLÍTICO PATOENSE ATRAVÉS DAS ELEIÇÕES DE 2016: O PAPEL DA MÍDIA NA (RE)CONDUÇÃO DOS PRINCIPAIS NOMES POLÍTICOS AO EXERCÍCIO DO PODER**

As marcas espaciais e temporais de uma campanha eleitoral são evidentes. Um município, um país, ou uma pequena localidade são facilmente reconhecíveis nesse período de visibilidade da política, caracterizado pela presença de símbolos visuais e discursivos distribuídos ao longo de um território. Sons, cores, imagens e palavras compõem um cenário peculiar já amplamente conhecido pela população, fazendo do momento eleitoral um acontecimento de repercussões múltiplas na vida social. A categoria nativa tempo da política chama a atenção para essa sazonalidade ímpar das disputas eleitorais, atravessada por eventos comparáveis a tantos outros rituais, religiosos ou festivos, que integram o ciclo dos acontecimentos em cidades interioranas do Brasil. (BARREIRA, 2006, p.177)

No caso do município de Patos-PB, o jogo político, historicamente, foi composto por famílias sempre ditas como tradicionais no jogo de poder do município. Essas famílias se formaram, fortificaram e consolidaram politicamente através da formação de redes familiares e da capacidade de renovação de seus dirigentes através do entrelaçamento entre os grupos de poder mais tradicionais dentro desse jogo político. A capacidade de renovação dessa forma de poder pode ser vista com o passar do tempo, ao percebermos as mudanças nas “chefias” desses grupos políticos, que se renovaram ao longo da história. Os grupos políticos Medeiros-Wanderley e Wanderley-Motta se tornaram os dois únicos grupos capazes de ter a governabilidade do município pela legitimação popular que sempre “comprou” o discurso de representação de ambos os grupos, além de naturalizar as suas governanças pelo poderio econômico e simbólico que possuem, os quais agregam ainda mais força a determinadas figuras.

Então, por meio da história já construída politicamente, voltaremos o olhar para as

eleições do ano de 2016, para observarmos como o poder político desses grupos elitistas foi se perpetuando até hoje, e como as maiores rivalidades do jogo político patoense foram explicitadas através de uma eleição carregada de escândalos, envolvendo os principais nomes do atual jogo político local.

Verificaremos como é possível que as elites patoenses continuem com um olhar que tende à renovação de seus núcleos por meio da inserção de “novos nomes” que demonstram carregar uma história política construída há muito tempo pelos seus antecessores, carregando todo o passado e a representação política dos que lhe antecederam. Além do mais, analisaremos o papel da mídia dentro dessas eleições e como todo o jogo midiático foi capaz de (re)conduzir tais nomes para a disputa do principal cargo do poder municipal.

As eleições de 2016 marcaram a tentativa de chegada ao exercício do poder por parte das massas, que não possuíam história política alguma no município, nem muito menos faziam parte de grupos elitistas. As figuras que caracterizaram essa investida popular foram os candidatos: Silvano Morais (PSOL), policial militar; o professor Jacob Silva (REDE) e Lenildo Morais (PT) que, sendo vice-prefeito de Chica Motta (2013-2016), substituiu a mesma, no ano de 2016, devido ao seu afastamento do cargo por irregularidades administrativas. A tentativa de tomada do exercício do poder por parte da massa foi justa, contudo, prevaleceu tudo aquilo que já foi dito aqui, a massa não elege a massa porque se reconhece enquanto massa e sempre preferiu ceder o poder àqueles que irão governar sobre elas. De tal modo, para completar o pleito de 2016 no município, temos o ressurgimento do nome do ex-prefeito por dois mandatos, que no momento da eleição ocupava o cargo de Deputado Estadual, Nabor Wanderley da Nóbrega Filho (PMDB), contra Dinaldo Medeiros Wanderley Filho (PSDB), filho do chefe do grupo político Medeiros-Wanderley, principal rival de Nabor no cenário político patoense.

Como já era de se esperar, ficou claro que a massa patoense não apresentava capital político para concorrer contra dois “peixes-grandes” da política patoense. A história política por trás dos nomes dos candidatos do PMDB e do PSDB agregou um valor ainda maior do que o valor que eles já possuíam por estarem em instituições de poder nacionalmente reconhecidas. Esse pleito foi marcado por notícias que pareciam abalar as estruturas políticas de ambos os grupos mais poderosos da cidade. O grupo político Wanderley-Motta foi

atingido, um mês antes das eleições municipais, pela operação “Veiculação<sup>25</sup>” que investigava irregularidades em contratos licitatórios e superfaturamento de contratos, em serviços de locação de veículos, a qual deflagrou o afastamento de Francisca Motta (PMDB) do cargo de prefeita.

Como se não bastasse o escândalo político envolvendo a ex-prefeita do município até aquele momento, mais uma bomba “caiu no colo” do grupo comandado por Nabor Wnaderley, então candidato a prefeito, o qual teve sua candidatura impugnada<sup>26</sup> a um mês das eleições municipais. Do outro lado, o grupo Medeiros-Wanderley, que, desde que Dinaldo (pai) foi eleito por duas vezes consecutivas (1997 a 2004), não sabia o que era governar o município, se beneficiava pelos escândalos de seus concorrentes. Entretanto, o candidato peemedebista, Nabor Wanderley, conseguiu derrubar a impugnação de sua candidatura<sup>27</sup> à praticamente dez dias antes das eleições.

Assim, os candidatos de oposição perderam visibilidade durante a campanha, uma vez que tudo girava em torno do moído das impugnações e dissidências elitistas, e, o município de Patos-PB partiu, mais uma vez, para uma disputa entre seus dois principais grupos políticos: Medeiros-Wanderley e Wanderley- Motta, ainda que, dessa vez, com a participação de uma massa historicamente não-coesa, através das candidaturas propostas por PSOL, REDE e PT, como dito anteriormente.

Considerando que os candidatos que poderiam se configurar “de fato” como de oposição, não entraram na disputa com possibilidades de favoritismo, as eleições estavam desenhadas para um segundo turno entre Nabor e Dinaldinho, mesmo após todos os escândalos envolvendo o grupo político Wanderley-Motta. A paixão pelos atores sociais desse teatro do poder fez com que, mesmo depois de todo o esquema de corrupção ser exposto “na cara” dos patoenses, os cidadãos levassem para um segundo turno os dois candidatos que representavam a história de décadas de confrontos políticos entre os grupos familistas, que perpassam desde Darcílyo Wanderley da Nóbrega (1951-1955); Nabor Wanderley da Nóbrega (1955-1959), passando por Edmilson Motta (1977-1983); por Rivaldo e Geralda Medeiros

---

<sup>25</sup>Cf.:[https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno\\_politicas/grupo-politico-dos-motta-e-investigado-em-operacao](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_politicas/grupo-politico-dos-motta-e-investigado-em-operacao)  
Data de acesso: 15/09/2019

<sup>26</sup>Cf.:<http://g1.globo.com/pb/paraiba/eleicoes/2016/noticia/2016/09/candidatura-de-nabor-wanderley-e-impugnada-pela-justica-na-paraiba.html> Data de acesso: 07/10/2019

<sup>27</sup>Cf.:<https://fonte83.com.br/por-unanimidade-tre-pb-acata-recurso-de-nabor-e-libera-candidatura-em-Patos-PB/>  
Data de acesso: 07/10/2019

(1983-1989 e 1989-1992); por Dinaldo Medeiros (1997-2004); Nabor Wanderley da Nóbrega Filho (2005-2012) e Francisca Motta (2013-2016).

Vale salientar que, nas eleições de 2016, o papel da mídia também influenciou muito a disputa pelo poder executivo do município. Os discursos midiáticos contribuíram para que os eleitores “indecisos” e sem declaração de voto antecipado refletissem sobre o que estava acontecendo no jogo de poder local. Neste contexto, “As transformações que presenciamos nas últimas décadas demarcam novas configurações na prática política, as ações fogem da dicotomia esquerda-direita e no lugar destas políticas e da subordinação das vozes às mesmas, vem à tona o poder da opinião pública”. (BEZERRA, 2007, p.1)

De acordo com Bezerra, esse fato esboça a possibilidade futura do declínio das clivagens tradicionais; a queda das atividades convencionais partidárias e o declínio dos partidos políticos. Nesse contexto, Bezerra defende que a relação dos cidadãos com o universo das questões políticas agora se faz essencialmente através dos meios de comunicação de massa, sobretudo da mídia eletrônica. As mídias tem sido responsáveis, então, por construir e desmantelar a imagens dos candidatos, tendo em vista que não irá existir neutralidade no campo político, no qual acontece até mesmo uma divisão política nos meios de comunicação por fazerem parte das bases aliadas dos determinados candidatos.

Assim, os símbolos são objetivadores de relações de força, conseqüentemente as relações de sentido criam realidades sociais e expressam significações. Nessa direção, a atuação e a atividade do imaginário é política, pois, busca convencer, persuadir e influenciar decisões, convencendo e estabelecendo condutas sociais, fazendo isso com objetivos ideológicos. (BEZERRA, 2007, p.3)

Diante do exposto, entendemos que o jogo das mídias influencia a escolha da grande massa, por meio de discursos legitimadores, ainda que indiretos, cuja interpretação da tentativa de persuasão não é nítida, pois, tentam passar um sentido de neutralidade em meio à efervescência do período eleitoral. Para tal afirmação, a mídia será entendida como:

[...] o complexo de meios de comunicação que envolve mensagem e recepção, por formas diversas, cuja manipulação dos elementos simbólicos é sua característica central [...] e representa uma forma de poder que, nas sociedades “de massa”, possui papéis extremamente significativos, tais como: influir na formação das agendas públicas e governamentais; intermediar relações sociais entre grupos distintos; influenciar a opinião de inúmeras pessoas sobre temas específicos; participar das contendas políticas, em sentido lato (defesa ou veto de uma causa, por exemplo) e estrito (apoio a governos, partidos ou candidatos); e atuar como “aparelhos ideológicos” capazes de organizar interesses. (FONSECA, 2011 apud EAGLETON, 1991; e CAPELATO, 1988)

Através desse pressuposto de formação ideológica da mídia perante as massas, em

relação a essas figuras que postulam o exercício do poder no município que passamos a pensar na “investigação da construção de imagens públicas na política contemporânea pressupõe entender novas formas de configuração do campo político e de seu entrelaçamento com a esfera midiática.” (BEZERRA, 2007, p.2) Deste modo, logo se percebe um apoio político quando um determinado meio de comunicação costuma “vender o peixe” de um candidato sempre saindo em defesa do mesmo, ou então quando existe um esquema de controle e monitoramento das mídias por parte da administração municipal para o desvio do foco, quando o governo está sendo atacado diretamente nesses meios de comunicação.

Assim sendo, a campanha política ou o “tempo da política” é um período carregado de emoções, tramas, conchaves, ardis e, acima de tudo, um espaço para o nascimento das disputas simbólicas entre os envolvidos. O tempo da política se mostrará, então, como um campo fértil para as análises da cultura política municipal, no qual “o período da campanha eleitoral representa mais do que um momento de jogos de estratégias e táticas empregadas para alcançar a vitória, representa um evento catalisador de valores sociais.” (BEZERRA, 2007, p.3) Deste modo, segundo Barreira (1996):

Ocorre uma radicalização de imagens e personagens que são contrapostos. [...] uma campanha política é essencialmente conflito simbólico, cujas regras do jogo são a exacerbação da diferença, o enaltecimento de aptidões e a tentativa de apropriação de valores que expressam o centro da vida social. (BARREIRA, 1996, p.10)

É nesse sentido que podemos apreender, através de jingles de campanha, a imagem que se criou sobre as figuras de Nabor Wanderley e Dinaldinho nas eleições de 2016; observando os fatores que Barreira apontou para o que acontece no tempo da política e percebendo a construção de símbolos que influenciaram diretamente no discurso postulado pelos candidatos. “Apreender nos discursos políticos, sobretudo em momentos eleitorais, como se realiza esta gestão de sentimentos e emoções constitui exercício relevante para uma compreensão das práticas e valores morais que cerceiam o mundo social e o espaço da política.” (BEZERRA, 2007, p.12)

Assim sendo, veremos primeiro, como o jingle do candidato peemedebista Nabor Wanderley Filho é posto na alusão a construção de sua figura enquanto representante do povo:

Pode comparar, tem aqui, tem acolá, tem obra de Nabor em todo lugar. Pra que parar? Parar pra quê? Patos-PB ainda têm muito pra crescer./Nos quatro cantos de Patos-PB, tem corrente de emoção, Nabor é simples, Nabor é da gente, é mais que um prefeito, ele é um irmão. Ele fez, ele faz, Nabor é capaz. Todos juntos, num só coração./Quem trabalhou a gente reconhece e não se esquece o nome de um irmão, Nabor fez o bem e vai fazer muito mais, todos num só coração. ♪ (Jingle de Nabor



Wanderley, 2016)

Temos aí um discurso repleto de referências aos governos anteriores de Nabor Filho e de sua ex-sogra Francisca Motta, já que o jingle trás a continuação do trabalho dos dois como um dos principais fatores para a construção e legitimação desse discurso, enaltecendo os seus feitos ainda enquanto prefeitos da cidade e o crescimento que o município obteve por meio das gestões de Nabor Filho. Assim sendo, expondo todos os feitos, o jingle coloca Nabor como um trabalhador nato, um cara feito para governar e representar toda a população e apresenta as gestões de 2005 a 2012 como possuidoras de grandes números em termos de crescimento e várias construções feitas na cidade. Além disso, o jingle explora a aproximação de Nabor com a cidade, e com todas as classes sociais, não figurando só na elite, o colocando não como um prefeito/político, mas como um irmão do povo de Patos-PB, por tudo que já havia feito em seus mandatos e por ter beneficiado grande parte da população com suas obras, aproximando-o da massa patoense. Assim, a figura de Nabor Wanderley é construída sob a égide de seus antigos governos, associada a uma política de inclusão social e de trabalho, na qual não existem somente os interesses próprios, os interesses da elite, mas a construção da imagem de Nabor enquanto um político que volta o seu olhar sob aquela população que se vê em dívida com seus feitos.

O outro candidato, Dinaldinho, para contrapor a figura construída midiaticamente por Nabor durante esse pleito, traz um discurso de mudança:

Acorda Patos-PB! Acorda, minha gente, acorda! Nossa história temos que mudar, o futuro bate em nossa porta, Dinaldinho é quem vai ganhar./ solta o grito da mudança, nos Sapateiros e no Jatobá, Dinaldinho tá juntando gente, é 45 que eu vou confirmar./ Lá do Paizão veio a notícia que Dr. Érico veio se juntar com Dinaldinho pra cuidar do povo, estão unidos para melhorar./ Se você também quer mudança, tem esperança, garra e muita fé, a tempestade tá passando, Patos-PB tem jeito e não vai dar ré. ♪ (Jingle de Dinaldinho, 2016)

No discurso do candidato do PSDB, fica clara a nítida proposta que constrói a sua busca pelo exercício do poder através de um discurso que coloca o povo de Patos-PB como postulante das mudanças apresentadas por ele. Entretanto, de que “mudança” estamos falando aqui?! Pois, esse discurso de mudança, embora construído sobre a figura de Dinaldinho como “novo” na política, não acarretaria a mudança que o mesmo propunha com a sua eleição ao cargo. Até porque, essa mudança, na verdade, pleiteava apenas que houvesse uma quebra no governo estabelecido pelo grupo Wanderley-Motta, que por doze anos dominou o exercício do poder no município. Ou seja, era no sentido de somente interromper os governos peemedebistas, e estabelecer o seu.

Se problematizarmos o discurso de Dinaldinho enquanto figura que postulava uma mudança no exercício do poder local, perceberemos que ele estaria dando um tiro no seu próprio pé. Sobretudo se lembrarmos que os governos anteriores aos governos que Dinaldinho em seu discurso propõe mudança, foram exercidos por seu pai, Dinaldo Medeiros, que por mais que também seja primo do seu opositor Nabor Wanderley, ainda compõe os grupos que até então se revezam(ram) no exercício do poder local. Logo, não existiria mudança alguma a ser feita, seria “trocar seis por meia dúzia”. Além do discurso de mudança, esse jingle ainda traz as alianças políticas com a base elitista apoiadora como um ponto forte da política feita por Dinaldinho, propondo um cuidado ao cidadão patoense, que ultrapassa o cerco do poder político e o leva para o discurso da saúde, uma vez que Dr. Érico Dejan, assim como Dinaldinho também é médico. Por fim, esse discurso de uma possível mudança aponta que “Patos-PB não vai dar ré”, isto é, a história não vai se repetir, o passado não foi bom para a cidade. Com esse discurso ele não só desmantela os governos de Nabor, como também rejeita os governos do próprio pai. Mas, mesmo, assim, Dinaldinho venceu as eleições.

Desta forma, no universo da política, esse processo se apresenta através do culto a personalidade, os políticos são avaliados a partir de atributos pessoais, avaliação de caráter e comportamentos. Cientes desta realidade, toda candidatura para ser efetivamente válida precisa se estruturar de maneira a enaltecer tais aspectos do candidato. (BEZERRA, 2007, p.4)

Segundo Barreira (1996) enquanto estratégias de enfrentamento dos adversários, as campanhas se tornam metáforas de um jogo, cuja peça fundamental é a da ordem de linguagem, e das crenças materializadas no voto. Assim “convencer eleitores e comprovar capacidade de mando, provar integridade moral, são tarefas que acompanham esse momento de difusão, incorporação e apropriação de elementos simbólicos”, (BEZERRA, 2007, p.4 apud BARREIRA, 1996, p.11) então a partir de tudo isso, percebemos que o papel da mídia no tocante ao movimento eleitoral de 2016, e as emoções e representações do poder nas campanhas em geral é:

Participar da esfera pública como “prestadora de serviços”, isto é, como entidades de “comunicação social”, tendo uma função imprescindível nas democracias: informar sobre os acontecimentos levando às pessoas uma gama de dados que, sem esse serviço, não teriam condição de conhecer outras realidades que não as vivenciadas ou relatadas por pessoas próximas. (FONSECA, 2011, p.42)

A partir de como se estrutura e se utiliza a expressão dos sentimentos presentes nos períodos eleitorais, passamos a perceber como a política constitui um fator central e muito importante nas práticas presentes nas relações de poder da contemporaneidade; principalmente nas relações de poder local, sobretudo, desses locais mais afastados dos pólos,

nos quais o modo de se fazer política ainda se configura como se fosse o velho travestido com uma roupagem nova; de modo que não há existência de uma ressignificação da política, mas uma renovação da velha política, na qual se trocam os atores, mas o espetáculo continua sendo o mesmo. “Nesse jogo de estratégias, a utilização dos sentimentos tornaram-se imprescindíveis para viabilidade das candidaturas” (BEZERRA, 2007, p.12).

As falsas mudanças continuam à mostra; as luzes do palco continuam acesas; o público que assiste ao espetáculo, muitas vezes sem entender nada também não muda. E, assim, se propaga uma velha política, deixando a sociedade a mercê do “vale a pena ver de novo” tudo que já se passou pelas instâncias de poder e que continuam a passar pela legitimação de quem assiste ao espetáculo e nem sequer ousa criticá-lo.

Fazendo da política um espetáculo; fazendo da política um jogo; um jogo no qual só a elite sai ganhando com tudo isso, há quase sessenta anos, os grupos políticos Medeiros-Wanderley e Wanderley-Motta vêm se revezando no poder executivo do município. Portanto, a pequena elite patoense marcou o município de Patos, historicamente, deixando suas impressões e vontades sobrepostas ao desejo de representação da massa, fazendo com que a sua força aumentasse progressivamente no município, delimitando os espaços de poder às pessoas “capazes” de governar e estabelecendo uma política oligárquica no município.

E, mesmo que desde o ano de 2016, as elites patoenses venham sofrendo baques que passaram a promover a perda do espaço político, construído por elas há muito tempo, veiculando a probabilidade de uma mudança nas estruturas do poder local, a partir da derrocada das oligarquias por meio de escândalos de corrupção, ainda encontram forças para driblar as intempéries e continuar no cenário político, uma vez que nas eleições de 2016 a vitória acabou sendo de Dinaldinho, em detrimento de Nabor Filho e dos demais candidatos ditos de oposição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo de poder no município de Patos-PB perpassa há vários anos com a mesma estrutura. As pequenas elites, historicamente, sempre tomaram conta das disputas pelo exercício de poder local. Ainda que, a partir da segunda década do Séc. XXI, as camadas populares tenham adentrado no jogo de poder patoense, por meio de candidaturas oposicionistas, com a finalidade de derrubar o poder da elite local, a dominância elitista consolidou uma cultura política do local, por meio da qual a população se encontra imersa em um discurso de dominação e num “cenário político marcado pela disputa entre grupos que, de forma geral, tinham como base famílias consideradas abastadas e com um grande prestígio político no âmbito municipal” (LEMOS JÚNIOR, 2013, p.120).

Nesse contexto, o teatro do poder é feito para ludibriar, entorpecer a massa; fazer com que ela passe a se sentir representada pelo discurso dos membros dos grupos elitistas, grupos esses totalmente destoantes do seu modo de vida.

Talvez, esteja aí, supostamente, o segredo de tudo, pois, é justamente nos símbolos que referenciam o poder que se justificam tais ações populares. As diferenças entre as classes nesse jogo de poder, possibilitam o enfraquecimento e dispersão das massas em detrimento do fortalecimento das elites, assim, determinadas práticas são naturalizadas e se tornam hegemônicas, para que sejam passíveis de que se tome posse do exercício do poder pelos atributos que só os atores dos grupos elitistas possuem, como se estes fossem os únicos capazes de governar o local.

Tais questões nos instigaram a desenvolver este estudo a partir da consideração de o exercício do poder sempre aponta em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro e de que se faz necessário saber "até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções[...]" (FOUCAULT, 1979, p.47).

Ao analisarmos os protagonistas do exercício do poder político no município de Patos-PB, verificamos que "esses grupos, quase sempre em minoria, acabam por ter poder sobre a região e a sua população, inclusive repassando às novas gerações sua maneira de agir e de pensar, permitindo se não perpetuar, ao menos consolidar a hegemonia nas decisões locais" (SILVA, 2008, p.71). Pelos moldes políticos apresentados, a população acaba sendo refém de uma manipulação, em grande parte devido a todo o simbolismo que perpassa as suas

crenças políticas, também referenciado pelos meios de comunicação, propagadores das ideologias dominantes e legitimadores do teatro do poder. De tal modo, o movimento político-social que se desenha na política local legitima a posição política de destaque da pequena elite que “Se constrói no município [...] os nomes, postos que se concebem como se fossem, os verdadeiros herdeiros da representação política local. Estes são encarados como os "detentores" legítimos para a representação do poder público local. (MONTEIRO, 2013, p.160)

Nesse sentido, as famílias tradicionais possuem uma base de sustentação no poder através dos seus grupos apoiadores. Até porque, no jogo de poder político local até mesmo esses grupos apoiadores se inserem dentro das formas de poder apresentadas no município, já que são beneficiados com cargos nos órgãos e instituições públicas locais. (MONTEIRO, 2013). Essa base de sustentação se ancora na incorporação de um jogo de poder no qual as famílias tradicionais, são verdadeiramente legitimadas, ocupando os espaços de poder e dominando a cultura política do município. De acordo com esse sistema, quando ocorre uma "crise de lideranças políticas", na qual os nomes mais fortes do jogo de poder local não podem pleitear o exercício do poder dentro do município, estes recorrem, continuamente, à sua base apoiadora a fim de continuar exercitando o poder ainda que de forma indireta.

Com o estabelecimento dessa política, as elites tem se mantido no no ápice das relações de poder incessantemente, seja possuindo um grande nome político no exercício do poder municipal, ou mesmo estadual, seja indicando algum nome da sua base apoiadora. Esse é o jogo de poder pré-estabelecido dentro das relações vivenciadas pela sociedade patoense ao longo do tempo. Cultura essa que só impera porque a grande massa não se organiza e se mantém “presa” às práticas políticas de cooptação da elite, que acabam levando-as a expressar o desejo de serem governadas legitimando-as no exercício do poder. Assim sendo, o poder que deveria ser exercido pela massa, dentro de um sistema democrático de governo, se estabelece como “poder do outro”.

Portanto, o fortalecimento do capital simbólico e da intelectualidade, legitimados pela massa, através da naturalização do discurso que pressupõe que somente a elite é apta para a governança do local faz valer o pensamento de que os únicos capazes de figurar no cenário político do município são os personagens das poucas famílias da elite local, que já governam e já exercem o poder desde os primórdios, legitimando todo o processo de dominação que vem se consolidando durante mais de cinquenta anos de história, desde a formação inicial da

política oligárquica patoense (1951) e, além disso, desde seu começo como um pequeno sítio no sertão da Paraíba.

De acordo com Fortunato (2008; 2013), historicamente, a política do interior nordestino foi considerada personalista, e os “nomes” em jogo sempre podem mudar a situação da disputa. No caso específico do município de Patos-PB, não tem sido diferente, pois, neste contexto a política nunca foi partidária, sempre foi voltada aos grandes nomes. Sempre se tratou de uma política personificada e tradicionalmente elitista. Essas pessoas chegaram ao poder não só por meio de um programa político, por sua ideologia ou por suas crenças, mas, pelo “peso” que os seus nomes possuem e pelo poder invisível que carregam, além do fato de que toda “ajuda” é transfigurada em representatividade destinada à massa, para forjar uma aproximação com a população.

Portanto, os nomes que as pequenas elites carregam são o “arsenal” simbólico que elas precisam, acima de todo programa político ou qualquer ideologia existente. É o nome que está em jogo e não o que aquela pessoa acredita ou seu modo de como se fazer política. O passado familiar da elite tem peso, mesmo que o candidato “do momento” seja novo na política, pois seus pais podem lhe ter assegurado capital político nas relações de poder local. Assim, quando um filho de um político tradicional entra numa campanha, pleiteando eletividade, seu nome será reconhecido e este possuirá um poder que nem mesmo ele pode vir a entender. Tal poder simbólico, personalista é capaz de garantir a naturalização do nome dessa “nova” figura como único capaz de dominar o jogo de poder local.

Considerando que a grande massa não se reconhece como protagonista nas relações de poder “os corpos passam a ser o espaço do exercício da dominação e da incorporação dos valores constituídos por um pequeno grupo” (FORTUNATO; MOREIRA NETO, 2013, p.160) proveniente de uma elite com um maior poderio financeiro e simbólico.

A partir dessa instituição de lugares de poder a sociedade passa a incorporar tais valores e legitimar e reproduzir, por meio de um poder simbólico instituído por esse pequeno grupo elitista, um discurso dominante, como se essa situação não pudesse ser revertida e essa dominação fosse a única via, lógica e verdadeira; de tal modo que nada mais pudesse ser feito para mudar tal situação.

Assim, vemos que o dito “poder de dominação” das elites no município patoense se estabelece a partir do momento em que a percepção das relações de poder na sociedade, das

relações do fazer política no seio familiar e em relação ao poder da elite como único capaz de governança é enunciada e evidenciada por meio de visibilidades que possibilitam determinadas condições para uma cultura política e social.

Diante do exposto, percebemos que as ações implementadas pelos jogos do político disseminaram na cidade um pensamento baseado na legitimidade das pequenas elites para a governança do local, que se fortalece ainda mais pela falta de coesão da massa, pela não-existência de um trabalho de base e pelas formas como ela se deixa cooptar.

A não visibilidade e dizibilidade das “massas” e da oposição local contribui com toda a situação vigente. Contudo, questionamos: como seria possível a população buscar uma “virada de mesa” dentro do jogo político atual? Quais são as possibilidades de que as estratégias e táticas de oposição da massa, que tem sido usurpada pelos ditos “donos do poder” que se revezam na famosa dança das cadeiras das eleições municipais, assumam um protagonismo político que favoreça uma virada na cultura política local? Essas e outras questões são passíveis de investigação futura.

O que fica claro com este estudo é o fato de que só a grande massa patoense poderá mudar essa política, para, enfim, quebrar as oligarquias que há muito tempo dominam o jogo de poder local, mas pra isso, precisa se reconhecer enquanto forte nesse processo político; precisa entender os movimentos desse jogo para que ocorra uma mudança significativa que acene para uma representação das camadas populares no exercício do poder executivo do município.

*“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem.”*  
– Rosa Luxemburgo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada:** velhos e novos cenários na política belo-jardinense. Recife, COMUNIGRAF, 2009.
- AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político:** Poder, memória e comemorações na Paraíba. Tese (Tese de Doutorado em História) UFPE. Pernambuco, 2012 Cap.2.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Chuva de Papéis:** ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro. RelumeDumará: Núcleo de Antropologia Política, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. In. **Sæculum** - REVISTA DE HISTÓRIA[12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005.
- BERSTEIN, Serge. **Culturas políticas e historiografia.** In: AZEVEDO, Cecília *et al.* (Org.). Cultura política, memória e historiografia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p.29-46.
- BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **Sentimentos e emoções no espaço da política.** Uma leitura da prática eleitoral no cenário midiático. www.bocc.ubi.pt, 2007.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico,** Lisboa, Difel, 1989.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Ed. Difel, 1988.
- COSTA, João Bosco Araújo da. **A resignificação do local:** o imaginário político brasileiro pós-80. Revista São Paulo
- SILVA, Márcia da. **Poder local: conceitos e exemplos de estudos no Brasil,** 2008.
- DÍAZ, Esther. Os dispositivos de poder. IN: **A filosofia de Michel Foucault.** 1. ed. São Paulo: UNESP, 2012.
- FARIAS FILHO, Milton Cordeiro. **Elites políticas regionais:** contornos teóricos-metodológicos para identificação de grupos políticos. RBCS Vol. 26 n° 77 Outubro/2010, p.175-187.
- FISCHER, Tânia. **Poder local: um tema em análise.** Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 4, 1992, p. 105-113.
- FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº6, Brasília, 2011.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **Repensando às relações de poder no sertão paraibano.** Aperfeiçoamento Científico – CNPQ. Relatório 1987-1988. Campina Grande (mimeo).
- \_\_\_\_\_. **O conceito de coronelismo e a imagem do coronel:** de símbolo a simulacro do poder local. Campina Grande-PB:bEDUFCG, 2008.



\_\_\_\_\_. **Da “consideração” ao “ganho”**: redefinições das relações de poder no discurso “camponês”. (o caso de catolé do rocha). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural, CH/UFPB, Campina Grande, 1993.

\_\_\_\_\_; MOREIRA NETO, Mariana. **Tramas e ardis do jogo político**: entre microfones, cores e fugidias promessas. *Revista Raízes*, 2013, p.136-148.

\_\_\_\_\_. Ritual e Símbolo na Política. **Cadernos Ceru** –Série 2, nº 7, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**, São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos)

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

I.R. **Entrevista VI**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (13min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

J.A. **Entrevista I**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (14min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

LEMONS JÚNIOR, José Romildo Sousa. **Práticas e representações do poder local**: possibilidades de construção de uma história cultural do político. *Revista Raízes*, v.33, n.1, 2013, p.119-135.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba**: um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro, Record, 1993.

LUCENA, Damião. **Patos-PB de todos os tempos**: a capital do sertão paraibano. Patos-PB, PB: A União, 2015.

M. L. **Entrevista IV**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (10min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

M. L. B. **Entrevista II**. Outubro de 2019. Entrevistador: Higor Porfírio Ferreira de Oliveira. Patos, 2019. Arquivo.mp3 (12min). A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice dessa monografia.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **O Povo Sabe Votar** – uma visão antropológica do voto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MELO, J. O. e A. **Sociedade e Poder Político no Nordeste**: O caso da Paraíba. João Pessoa. Universitária, 2001.

MICHELS, Robert. **Sociologia dos partidos políticos**. Brasília, Editora da UnB.

\_\_\_\_\_. **Para uma sociologia dos partidos políticos na democracia moderna**. Lisboa: Antígona, 2001 [1925].

MONTEIRO, José Marciano. **Famílias, cultura política e dominação no semiárido nordestino**: o caso de Queimadas-PB. *Revistas Raízes*, v.33, n.1, 2013, p.149-164.

MOSCA, Gaetano. **La classe política**. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

NICOLAU, Jairo. **A História do Voto no Brasil**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2002.

PARETO, V. **Tratado de sociologia geral**, in J. A. Rodrigues (org.), Vilfredo Pareto: sociologia, São Paulo, Ática, vol. 43 (col. Grandes Cientistas Sociais), 1984.

PUTNAM, Robert. **The comparative study of political elites**. New Jersey, Prentice-Hall, 1976.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. 1ªed. 1969.

RIBEIRO, Pedro Floriano. **A lei da oligarquia de ferro**: indicadores empíricos para um teste de hipótese, 2012.

WACQUANT, Loic. **O poder simbólico e a fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes**. *Journal of Classical Sociology*, vol.13, nº2, maio de 2013.

YOUSSEF, Nabih. **Análisis de La Clase Política de Gaetano Mosca**. Teoría política contemporánea. S/D, p.1-7.

## **APÊNDICE (ENTREVISTAS)**



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

**FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**

 1. Projeto de Pesquisa:  
 A DANÇA DAS CADEIRAS: O REVEZAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER POLÍTICO EM PATOS-PB - 1997-2016

2. Número de Participantes da Pesquisa: 15

3. Área Temática:

4. Área do Conhecimento:

Grande Área 7. Ciências Humanas

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

5. Nome:

Maria Lucinete Fortunato

6. CPF:

260.226.724-49

7. Endereço (Rua, n.º):

Rua Estudante José Marques Feitosa 1086 Casas Populares CAJAZEIRAS PARAIBA 58900000

8. Nacionalidade:

BRASILEIRO

9. Telefone:

(83) 3531-4648

10. Outro Telefone:

11. Email:

mlucinete@uol.com.br

Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Data: 04 / 12 / 2018

Assinatura

**INSTITUIÇÃO PROPONENTE**

12. Nome:

Universidade Federal de Campina Grande

13. CNPJ:

05.055.128/0003-38

14. Unidade/Órgão:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

15. Telefone:

(83) 3532-2000

16. Outro Telefone:

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Responsável:

VIVIANE GOMES DE CEBALLOS

CPF:

657.877.491-20

Cargo/Função:

COORDENADORA DE CURSO

Data: 04 / 12 / 18

Prof.ª Dr.ª Viviane Gomes de Ceballos

Coord. de História - Matutino

UACS/CFP/UFCCG

SIAPE: 1545426

**PATROCINADOR PRINCIPAL**

Não se aplica.

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “A genealogia do poder patoense: a formação de uma elite política local e o revezamento do poder em Patos-PB”, coordenado pela Professora **Maria Lucinete Fortunato** e vinculada a **Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da UFCG**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo problematizar como se deu o movimento de revezamento do exercício do poder político na cidade de Patos-PB, entre as principais famílias que se mantêm há muito tempo no exercício do poder político-familiar no município, com a finalidade de apreender e analisar as condições de possibilidade e consolidação dessa formação política dita oligárquica no exercício do poder local.

Os objetivos específicos são: Problematizar os jogos de poder no município de Patos – PB, entre 1997-2016, verificando a consolidação da política familista a partir da década de 1950, desenvolvendo uma árvore genealógica do exercício do poder municipal e apreendendo as correlações de forças existentes no jogo político local; Analisar como se consolidou a dança das cadeiras no exercício do poder local, tendo por base a tradição política elitista/familista, a teatralização da política, desde 1997 até os dias atuais e a ideia da histórica política oligárquica da cidade; e, por fim, verificar e compreender o imaginário político sobre os jogos de poder no município de Patos - PB, tendo por base a ideia do voto, da teatralização e da dominação da política e suas implicações para as relações de poder que se exercitam naquele município

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Realização de uma entrevista semiestruturada, por meio de respostas a um questionário que versará sobre os jogos de poder no município de Patos – PB, tendo por base a ideia do voto, da teatralização e da dominação da política e suas implicações para as relações de poder que se exercitam naquele município.

**Os riscos envolvidos com sua participação serão mínimos, a exemplo do risco de constrangimento**, o que será minimizado por meio da manutenção do sigilo da sua identidade. Os benefícios da pesquisa serão: de apreender a dificuldade que os alunos e professores enfrentam, no cotidiano escolar, para desenvolver as atividades pedagógicas e na própria aquisição e produção de conhecimento dos alunos na modalidade de ensino multiseriado. Para tanto, serão sistematizados alguns eixos temáticos para a elaboração de

uma reflexão crítica e interpretados os resultados transitando, sempre entre teoria, dados documentais e realidade empírica. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Professora Maria Lucinete Fortunato**, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: Maria Lucinete Fortunato**

**Instituição: Universidade Federal de Campina Grande**

**Endereço: Rua Estudante José Marques Feitosa - 1086**

**Telefone: (83) 99971-6943**

**Email: [mlucinete@uol.com.br](mailto:mlucinete@uol.com.br)**

**Dados do Conselho de Ética em Pesquisa:**

**Nome: CEP/CFP/UFCG**

**Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo S/N – Casas Populares – Cajazeiras – PB**

**Telefone: (83) 3532-2075**

**Email: [cep@cfp.ufcg.edu.br](mailto:cep@cfp.ufcg.edu.br)**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como afirma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

---

Maria Lucinete Fortunato  
responsável pelo estudo

## **TERMO DE COMPROMISSO DE DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS**

Por este termo de responsabilidade, nós, abaixo – assinados, respectivamente, autor e orientando da pesquisa intitulada “A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVEZAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB” assumimos o compromisso de:

- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, sendo usadas apenas iniciais omitindo outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.

## **A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVESAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB.**

Higor Porfírio Ferreira de Oliveira

Entrevistado: **J.A.** – **Entrevista I.** Arquivo.mp3 [14min]. Patos, 26 de Outubro de 2019.

### Questionário da entrevista

#### **1. De que modo você se envolve com a política municipal?**

- Eu me envolvo na política municipal de todas as formas possíveis, num é?! Fui candidato a vereador aqui três vezes. Ah (estendido), na primeira, tive trezentos e quatorze votos; na segunda, quinhentos e cinco; na última, agora, mil duzentos e dezoito votos, num é?! Então, eu sou envolvido diretamente com a política, mas sempre pelo caminho da Esquerda, dos movimentos comunistas. E, participo das discussões diretamente também, onde tem o movimento social que discuta política saudável, eu procuro me envolver.

#### **2. Você vota em que segmento político local? Por qual motivo?**

- Eu, assim, num voto num segmento local! A gente tem, tem... Teve época aqui das eleições que só tinha o, o... Os dois grupos que se... São as famílias tradicionais, então já aconteceu ano aqui na cidade de Patos-PB deu me abster do voto, num votar mermo, anular meu voto. Infelizmente. Quando começou surgir partidos mais ligados à Esquerda, Centro-Esquerda ou até pessoas mais identificadas com as causas progressistas, aí eu comecei a votar nesse pessoal, né?! Lembrando que são poucos, mas das duas últimas eleições pra cá, tem aparecido grupos assim, mais da Esquerda pra gente se alinhar, votar, discutir e colaborar com a campanha.

#### **3. Você enxerga Patos-PB sendo governada, um dia, por alguma pessoa que não pertença às oligarquias Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley?**

- A gente enxerga! Só que tem em vista que isso está cada vez mais difícil porquê eles estão muito consolidados hoje aqui na cidade de Patos-PB. Há uma consolidação de... Familiar, de empresa, de segmentos da própria sociedade e eles estão muito ramificados. E, essa ramificação se faz difícil a alguém que não pertença a esses grupos, penetrar, né?! Sair dessa... Dessa gangorra, porque quando não é alguém que tenha o sobrenome Motta ou Wanderley, têm vinculação com eles. São eles que mandam na política, né?! Então, eu só espero que aconteça o mais rápido possível. Quem sabe nas eleições de 2020, a gente saia dessa gangorra,



não só do ponto de vista de sair da gangorra mesmo, mas que apareça uma pessoa que se distancie desses grupos, porque eles se locupletam da política da cidade de Patos-PB há vários anos e qualquer um que se alinhe a eles, por mais que diga que é uma estratégia política, acaba se corrompendo.

**4. O que você acha do fato de, até hoje, termos apenas governantes provindos de uma pequena elite?**

- É horrível, num é?! Porque... Por mais que a gente seja maioria, o povo, o trabalhador é maioria! Mas a partir do momento que você tem uma Oligarquia política, poucas pessoas mandando e desmandando nos destinos de uma sociedade, isso é muito ruim, porque eles representam sempre os interesses dessa pequena minoria, então, as coisas que fazem, os benefícios que fazem são todos visando a manutenção dessa oligarquia e não o bem-estar de todo mundo. Então, é... É nocivo demais.

**5. Como você enxerga a formação dessa política oligárquica na nossa cidade?**

- A gente enxerga de forma perversa, né?! Por quê?! Por mais que eles tenham um diálogo muito bom... É um diálogo sempre, daqueles diálogos tradicionais: de falar de educação, de saúde, moradia, geração de empregos; mas eles se locupletam e essa formação tem sido, assim, muito estratégica. Por exemplo: o Deputado Federal Hugo Motta, que nunca foi nada em representação política... Presidente de um Grêmio Estudantil; Síndico de prédio, nada! De repente era da cozinha da... Da família, então foi catapultado logo para ser Deputado Federal, né?! Então, há algo muito estratégico neles, né?! Eles têm um poder econômico muito grande, então qualquer pessoa que nem fazia parte da vida política ou social do município, mas é alavancado a começar logo como Deputado Federal, então Eles têm uma ramificação muito forte, num é?! Formam quadros de uma forma assim... Espetacular! Mas quando eu falo quadro não é “quadro político” ligado à política social, não. É quadro da cozinha mesmo, onde o cara aprende a falar direitinho, dialoga, tapinha nas costas e daqui um pedaço tá representando a política da cidade de Patos-PB.

**6. Você acha que por serem médicos, engenheiros e juristas, essas pessoas largam na frente dos outros candidatos?**

- Largam sim! A (estendido) sociedade tem um respeito muito grande por essas camadas, né?! Juristas, Médicos, todos possuem essa admiração. Pra gente fazer uma citação mesmo, o Nabor Wanderley (Filho), que é Deputado Estadual atualmente, é empresário, dono de meio de comunicação, mas o filho (Hugo Motta) que é Deputado Federal, é médico. A filha que...

que vem do segmento, também é médica. Dinaldo Wanderley tem todos os filhos médicos. Todos os filhos dele são médicos, a nora é médica. Então eles fazem parte de um setor que é muito assistencialista, né?! Todo mundo, devido à carência da saúde, termina devendo um favor a um médico; devendo um favor de uma cirurgia, de uma consulta, de uma transferência... E o poder também, né?! A partir do... Do meio jurídico, eles tem muita ligação com esses segmentos, num é?! Tribunal Regional do Trabalho, procuradorias e por aí, vai. Então, é muito... O povo ainda tem muita ilusão com essas categorias. Tem uma determinada categoria muito preocupada com o meio progressista, mas uma grande parte, de fato, dá sustentação ao poder.

**7. Quais as ações você considera mais eficientes para a conquista de votos por parte das famílias tradicionais?**

- É o assistencialismo mesmo! As pessoas estão muito vinculadas à carência. É... A carência de um emprego; a carência de uma cesta básica; a carência que acontece de um... De uma assistência social que se chegou; um favor pra resolver uma pequena questão, num é?! Então, essas pessoas se... Se beneficiam dessa forma, num é?! Eles criam aquela ilusão e as pessoas acabam caindo nessa, né?! Infelizmente é assim que acontece.

**8. Você se sente representado por estes governantes? Se a resposta for sim, como?**

- Não me sinto representado, né?! A partir do momento que a gente tem uma... a gente cria uma consciência política do que acontece no município e a gente vai aprofundando, sabendo que nosso município tá cada vez mais afundado e isso se deve a essas famílias, a gente não se sente representado. Eu, particularmente, por militar na imprensa, eu procuro ter respeito, né?! Mas o meu respeito não diz respeito a... a... a... A elevar, vangloriar essas pessoas, né?! Eu tenho uma posição é... Profissional, né?! Faço a questão crítica, mas também não rivalizo, né?! Não rivalizo. Quando é na campanha política aí não, a gente vai pra rivalidade mesmo.

**9. Como você enxerga a divisão da população frente aos candidatos no período eleitoral?**

- A cidade está muito ligada, de fato, a isso. As pessoas votam... O poder econômico é muito forte, não resta dúvida! Não... Não temos dúvida! Às vezes até temos uma candidatura que tem um potencial, mas falta a estrutura mínima para se fazer uma campanha, para se chegar num bairro, pra falar com as pessoas... Então, como Eles já têm tudo isso, são detentores de meios de comunicação, tem um poder econômico grande, o fundo partidário tá cada vez mais

escandaloso, essas coisas todas... Eles já saem, é... Disparam na frente ali e os candidatos que não têm essa estrutura vão ficando pra trás e é muito difícil romper esse ciclo.

**10. Você acha que a população como um todo busca uma mudança pra esse cenário político?**

- A gente... A gente vive num determinado meio, que a gente, de certa forma, acaba analisando que a população quer uma mudança, num é?! Quer uma mudança! Quando acontece as eleições aí vem um “balde de água fria”, porque você ver que as pessoas por mais um determinado grupo da sociedade queira não vai influenciar um todo. A gente tem um exemplo, a Câmara Municipal de Patos-PB, a avaliação que se faz, é uma das piores câmaras que já aconteceu aqui na cidade de Patos-PB. Uma das piores que já foi eleita. Mas essas pessoas, desses dezessete, acabam dez, doze, voltando. Então, as pessoas reclamam, reclamam, reclamam, mas na hora de votar, acabam ou votando no que estão ou escolhendo alguém pior. Então, é uma pequena margem que faz com que se tenha uma representação qualitativa, mas a grande maioria acaba votando por isso mesmo.

**11. Na sua opinião como seria possível uma mudança neste revezamento de cadeiras no nosso município?**

- Olha, a uma necessidade da organização social. Que ela é muito difícil. Muito difícil. Você trabalha a formação política, fortalecer sindicatos, associação de moradores, grupos de serviço, essas coisas todas. Então, eu creio que a gente só ia dar um salto de qualidade fortalecendo mesmo esses setores de formação política. Setores sociais, dá consciência. Lembrando que grande parte desses setores ou a grande maioria hoje, Associação de moradores, sindicatos, tão quase todos corrompidos. Associação de Patos-PB, de moradores, das trinta e seis que tem, trinta e cinco são ligadas a estrutura que já está instituída no próprio município. Sindicato, você tem dois ou três que lutam, o resto são parasitas, pelego mesmo, que tira proveito do trabalhador. Então, a única forma da gente mudar não é do dia pra noite, não é num estalar de dedos, é se dedicar mesmo a formação de consciência das massas que são oprimidas, e a partir daí a gente pode esperar alguma mudança.

**A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVESAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB.**

Higor Porfírio Ferreira de Oliveira

**Entrevistado: M. L.B. – Entrevista II.** Arquivo.mp3 [12min]. Patos, 27 de Outubro de 2019.

Questionário da entrevista

**1. De que modo você se envolve com a política municipal?**

- Hoje não tenho mais envolvimento, né?! Atualmente, me encontro afastado de atividades políticas. É... É, eu já me envolvi muito no período em que estava a frente do Movimento Estudantil, só que hoje, por conta dos meus afazeres universitários, já não participo mais das atuações políticas, mas já fui dirigente estadual do PCdoB, já estive nas frentes de luta e sempre costumo participar nas campanhas eleitorais do município, com essa parte da população, a juventude.

**2. Você vota em que segmento político local? Por qual motivo?**

- Sempre voto na esquerda. Apesar de que em Patos-PB, os partidos de esquerda sempre buscaram se aliar a outros partidos e não conseguiram montar sua própria chapa para uma disputa. A esquerda é quem de fato luta por um país justo e igualitário, por isso sempre busco acompanhá-la.

**3. Você enxerga Patos-PB sendo governada, um dia, por alguma pessoa que não pertença às oligarquias Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley?**

- Sim, até porque nesses últimos anos, esse revezamento entre essas famílias, prejudicou muito a cidade de Patos-PB. É... Logo... Logo, temos que buscar mudanças e fazer com que nossa cidade volte a ter bons momentos, economicamente e politicamente falando. Patos-PB é uma cidade pólo, chamada de “Capital do Sertão”, não por outro motivo, mas justamente por ser uma cidade pólo, então, é... É, temos que desenvolver uma força que possa vir a surgir e tomar o poder dessa elite que sempre esteve à frente da nossa política municipal. Uma mudança se faz necessário, e a... A cidade precisa dessa mudança urgentemente.

**4. O que você acha do fato de, até hoje, termos apenas governantes provindos de uma pequena elite?**

- Muito ruim, a política quando fica restrita a oligarquias, tende a não ser algo salutar para um município ou estado, temos o exemplo disso agora, a cidade de Patos-PB está sofrendo as conseqüências dessa política. É... As oligarquias que ali se estabeleceram desenvolveram uma política voltada apenas para si própria, ou seja, para elite, deixando as massas de lado. Então, a partir do momento em que você dar poder a essa elite, ela só tende a se fortalecer e se ramificar no poder. O município de Patos-PB é exemplo dessa velha política, a política das velhas raposas.

**5. Como você enxerga a formação dessa política oligárquica na nossa cidade?**

- Eles conseguem agregar muita gente, por conta da despolitização que existe na cidade, e onde há despolitização, famílias oligárquicas conseguem se manter no poder. É a falta de estruturação e conscientização das massas mesmo, né?! A massa sempre irá delegar a sua confiança à elite por conta disso mesmo, as oligarquias se fazem naturalizar os seus discursos perante uma sociedade precavida de politização. A... A cidade de Patos-PB não tem trabalho de base, isso é preciso ser exposto, porque realmente não existe um trabalho de base sendo feito para que futuramente essas estruturas sejam quebradas. E, essa roda... É... Bem, ela precisa ser urgentemente quebrada, até porque não dá mais para se justificar essas práticas políticas. É uma política velha, que nasce lá na República Velha com a política do Café-com-Leite, num é?! Que favorece só quem tá em cima, porque quem tá embaixo só fica lá, sonhando com coisas que não vão acontecer. Isso é triste.

**6. Você acha que por serem médicos, engenheiros e juristas, essas pessoas largam na frente dos outros candidatos?**

- Sim, isso é um dos fatores que também influenciam na hora da escolha, para uma boa parcela da população, como citei na pergunta anterior, a despolitização da população faz com que as mesmas enxerguem a política de outra forma, e nas cidades do interior isso é nítido, que tem alguma formação acadêmica ou é familiar de algum político “famoso”, sempre sai na frente.

**7. Quais as ações você considera mais eficientes para a conquista de votos por parte das famílias tradicionais?**

- A compra de votos e as ações do assistencialismo é sem dúvidas o grande trunfo dessas famílias nesse jogo político, mas a não politização da população também é um dos fatores que

contribuem para as mesmas. É fato que esses grupos são muito inteligentes e ao mesmo tempo muito cruéis, pelo fato de que se utilizam da miserabilidade da população para galgar sua chegada ao poder. Os políticos da elite se aproveitam das emoções e das necessidades dos votantes, é... Da população mais carente mesmo, aquelas pessoas que em muitas das vezes não tem nem o que por no prato na hora do almoço, assim, uma cesta básica ou duas já fazem com que aquela família se torne “dependente” daquele político que fez aquele gesto de bondade. Isso é triste, mas é a realidade da população patoense de hoje, que por sua despolitização se contentam com tão pouco.

**8. Você se sente representado por estes governantes? Se a resposta for sim, como?**

- Não, apenas os que disputam o pleito são piores, e ruim por pior, deixa o ruim. Esse é o principal pensamento de hoje para a população que vive no município, né?! Há um descrédito por parte da população da cidade, né?! O povo não acredita mais na política ou nos políticos, isso é uma visão geral do país. Todo mundo está desacreditado, com o pensamento sempre em que todos são iguais, iguais na ruindade mesmo. Eles não representam, não se tornam políticos que buscam fazer isso também, há uma desesperança da população na política e essa política oligárquica tem culpa nisso. Porque a cidade nunca se renova na sua estrutura de poder. É... É difícil se sentir representado nessas circunstâncias, os próprios políticos nos fazem desacreditar de tudo.

**9. Como você enxerga a divisão da população frente aos candidatos no período eleitoral?**

- É... Bem, é engraçado tudo isso que acontece na cidade. A população estar completamente dividida entre vermelhos e amarelos (risos). Toda campanha é isso: “sou do vermelho, jamais vou votar no amarelo” (risos) e assim continua sempre a se perpassar por muito tempo, né?! Há uma teatralização das forças políticas, os candidatos são muito atores, cara. A população entra nessa atuação e ela se divide mesmo, polarizando as eleições, mesmo que tenha mais de dois candidatos. É como se as cores representassem um tipo de poder, um poder que não dá para se enxergar, é... É... É... É engraçado tudo isso, existe caso de parente que até deixou de se falar por conta disso, existe uma divisão clara na população patoense quando se trata de política, os dois grupos oligarcas são muito fortes por aqui e fazem com que a sua disputa política passe a ser tratada como uma rixa que as pessoas comprem essa briga.

**10. Você acha que a população como um todo busca uma mudança pra esse cenário político?**

- Não, a população ainda precisa se politizar mais, se informar mais, para que possam mudar essa realidade na nossa cidade. Como eu já falei, né?! Há uma despolitização e uma falta de trabalho de base no município. Ninguém age para tal coisa acontecer. A população tá em inércia (ar de riso), ninguém se move para fazer tudo isso mudar. Então, é... Não vejo a população buscando mudança para essa política. Todo mundo reclama, reclama, mas nada fazem para isso mudar. É complicado.

**11. Na sua opinião, como seria possível uma mudança neste revezamento de cadeiras no nosso município?**

- Seria possível colocando alguém capacitado e com boas intenções de verdade, para mudar a situação de Patos-PB. Não apostar mais nas oligarquias seria o jogo. A gente tá acostumado a jogar o jogo Deles. Esse é o jogo da elite. A população nesse jogo é como um peão no jogo de xadrez, vão para o embate para proteger as peças maiores. É uma comparação que nos faz pensar mesmo nisso tudo, nesse jogo de poder. Existe um revezamento há bastante tempo e a gente só contribui pra que isso continue a acontecer. As bases tem que ser trabalhadas, né?! Tudo isso tem que mudar! Como eu falei, temos que quebrar a roda. Caso não haja uma politização, e não somente uma politização, a sociedade e a grande massa, como um todo tem que criar essa consciência para essa mudança.

## **A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVESAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB.**

Higor Porfírio Ferreira de Oliveira

Entrevistado: P.J.A. – Entrevista III. Arquivo.mp3 [5min]. Patos, 26 de Outubro de 2019.

### **Questionário da entrevista**

#### **1. De que modo você se envolve com a política municipal?**

- Já me envolvi bastante, tanto em movimentos a partidários como através de partidos políticos. Participando de audiências públicas e de outras formas. Hoje me envolvo com menos intensidade.

#### **2. Você vota em que segmento político local? Por qual motivo?**

- Independente de partidos e pessoas. Busco votar em ideias. Sempre voto em candidatos com viés liberal.

#### **3. Você enxerga Patos-PB sendo governada, um dia, por alguma pessoa que não pertença às oligarquias Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley?**

- Gostaria bastante. Independente de ser Motta, Wanderley ou outra família, gostaria de ver Patos-PB ser governada por pessoas competentes, pessoas que entendam de gestão e que deixem de atrapalhar o setor privado de nossa cidade, dificultando o nosso crescimento e desenvolvimento.

#### **4. O que você acha do fato de, até hoje, termos apenas governantes provindos de uma pequena elite?**

- A culpa é totalmente da população que troca o crescimento da sua Cidade e sua independência financeira por troca de favores políticos e um emprego de favor na prefeitura.

#### **5. Como você enxerga a formação dessa política oligárquica na nossa cidade?**

- Na verdade historicamente pessoas de outras famílias já governaram nossa cidade. O momento atual dessa alternância de poder entre apenas dois grupos políticos pertencentes a duas famílias é culpa exclusivamente de quem vota.



**6. Você acha que por serem médicos, engenheiros e juristas, essas pessoas largam na frente dos outros candidatos?**

- Acho que não. As pessoas não votam neles por competência, mas por favores políticos e compra de votos. Na verdade ser qualificado é uma obrigação para alguém que quer exercer um cargo de gestão pública. Independente da condição social.

**7. Quais as ações você considera mais eficientes para a conquista de votos por parte das famílias tradicionais?**

- Compra de votos direta e indireta. E também a falta de inteligências das pessoas que votam neles.

**8. Você se sente representado por estes governantes? Se a resposta for sim, como?**

- Na verdade não me sinto representado por político nenhum. Infelizmente sou obrigado a atura-los.

**9. Como você enxerga a divisão da população frente aos candidatos no período eleitoral?**

- Vejo como uma atitude de grande idiotice. Política jamais pode ser tratada como futebol, colocando a paixão a frente da razão.

**10. Você acha que a população como um todo busca uma mudança pra esse cenário político?**

- Vejo uma pequena melhora nos últimos anos a nível nacional em relação aos eleitores. Aqui ainda é pouca essa mudança, mas tem ocorrido.

**11. Na sua opinião, como seria possível uma mudança neste revezamento de cadeiras no nosso município?**

- Obviamente escolhendo um candidato diferente, mas se esse candidato for um Dr. Érico que tem ligação política direta com eles ou um candidato de esquerda acostumado a praticar a velha política, não vai mudar nada! Precisamos de aceitamos com ideias novas que deixem o povo em paz e não atrapalhem os nossos empreendedores.

## **A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVESAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB.**

Higor Porfírio Ferreira de Oliveira

Entrevistado: **M.L.** – **Entrevista IV.** Arquivo.mp3 [10min]. Patos, 27 de Outubro de 2019.

### Questionário da entrevista

#### **1. De que modo você se envolve com a política municipal?**

- Bem, o nosso envolvimento é através dos Movimentos Sociais na nossa luta co... Cotidiana, e participando também, dos processos é... Eleitorais. Através das... Das no... De... De... Postular o nosso nome aqui enquanto candidato a Vereador, né?! Buscando aí uma cadeira na casa legislativa pra que a gente tenha, de fato, oportunidade de defender as nossas ideias, é (estendido) mesmo dentro das dificuldades, mas na busca de ocupar esse espaço pra defender a minoria aqui na cidade.

#### **2. Você vota em que segmento político local? Por qual motivo?**

- Bem, a gente ultimamente tem votado no segmento que muita das vezes, é, congrega com as nossas ideias, ou seja, que... Que segue também as nossas ideias em um projeto eleitoral que sempre tá beneficiando a... A... A coletividade, então, nos... Nos pleitos eleitorais em que a gente é (estendido) senta e debate uma carta proposta que contemple aí a... A grande maioria nos projetos de desenvolvimento pra cidade na geração de... De emprego, de inclusão social, então a gente costuma, né, diante disso, digamos assim, caminhar junto com esse grupo político que venha dialogar no melhor pra nossa cidade.

#### **3. Você enxerga Patos-PB sendo governada, um dia, por alguma pessoa que não pertença às oligarquias Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley?**

- Sem dúvida! Trabalhamos pra isso cotidianamente através da conscientização, dos debates políticos que a população, porque acho que a política, ela tem que ser mais dinâmica. Ela tem que ser mais... É... Diversificada do ponto de vista da quebra das oligarquias, então, eu acho que novos nomes, inclusive nomes oriundos do povo. Nomes oriundos daqueles que prestam, de... De fato, o serviço social no município, né?! Não só essa corrente oligarca que sempre governou a cidade de Patos-PB.

**4. O que você acha do fato de, até hoje, termos apenas governantes provindos de uma pequena elite?**

- Bem, eu acho que... Por isso que a cidade, no meu ponto de vista... Por isso que a cidade não teve nenhum desenvolvimento, é, porque acaba se pegando nas brigas de oligarquias e lutando através disso por interesses próprios, né?! Por exemplo, poderíamos ter aí já, é... Uma cidade com mais de cento e dez mil habitantes, onde tivesse a geração de empregos através de... De muitas indústrias, de fábricas, né?! Mas inclusive, há dificuldade, justamente pelas oligarquias terem tomado de conta, né, da governança da nossa cidade que tem esse entravamento de desenvolvimento, seja na parte estruturante, bem como e... Ec... Econômica.

**5. Como você enxerga a formação dessa política oligárquica na nossa cidade?**

- É... É... Bem, eu enxergo essa po... Política de uma forma ultrapassada. É uma política que a gente pode chamar de obsoleta, né?! É uma política antiga e que só... Só... Só ben... Bene... Beneficia os que já estão no poder e quem os apoia. Isso é ní... Nítido! Então, a gente costuma olhar pra trás e ob... Observar tudo que já foi construído dessa velha política. Hoje é uma forma antiga de se go... Gov... Governar, aonde os pobres, a massa popular mesmo, né, ela não se localiza dentro do plano de representatividade dos... Dos grandes nomes políticos da cidade. Eles só governam pra eles mesmo, a população continua aí, esquecida. Prin... Prin... Principalmente os mais carentes. Então, eu enxergo essa política como uma política antiga e que não se pode mais conviver com essa estru... Estrutura de po... Poder na nossa cidade.

**6. Você acha que por serem médicos, engenheiros e juristas, essas pessoas largam na frente dos outros candidatos?**

- Não tenho dúvida! Não tenho dúvida que, a... A... Hi... Hierarquia através dos... Dos cargos que eles exercem, cargos não, das profissões que eles exercem, né?! Seja ele médico, advogado, né?! Claro que tem sido o... O grande pontapé inicial pra que eles sa... Saiam à frente, né?! As pessoas ainda têm pouco... São pouco formadas com relação ao que, de fato, é um grande político, se pega, né, nas carências ainda existentes do po... Poder público, né, que é a saúde, achando que porque o cara é médico, porque o cara é advogado, enfim, tem uma formação acadêmica, né, vai influenciar na governança de uma cidade, então, eu acredito sim que eles saiam na frente por terem aí historicamente, né, cidades governadas por médicos e por também advogados, enfim.

**7. Quais as ações você considera mais eficientes para a conquista de votos por parte das famílias tradicionais?**

- Eu acho que é o... O assistencialismo, né?! Através do assistencialismo Eles têm abarganhado cada vez mais os eleitores, né?! Que de forma é... Inconsciente, não consciente, na... Na... Na verdade, acaba votando por achar que eles estão, digamos assim, atendendo, né, as suas ne... Necessidades ali. Seja ela através de favores, seja ela através de empregos no próprio... No próprio governo, né, porque é uma cidade que ainda não se desenvolveu economicamente através de... De... Dessa Ge... Ge... Geração de empregos como fábricas, indústrias, etc. e tal, então, sem sombra de dúvidas eles utilizam do assistencialismo, né, aonde Eles tem mais condições e um po... Poder aquisi... Aquisitivo melhor, né?! Eles acabam saindo na frente e an... Ang... Angariando votos através de... Des... Desse assistencialismo.

**8. Você se sente representado por estes governantes? Se a resposta for sim, como?**

- Não. De forma nenhuma. A gente não se sente porque a gente se sente, de fato, excluído, né?! Por isso o nosso envolvimento na política, por isso o nosso envolvimento dentro do pro... Pro... Processo de disputa, né, de espaço. É justamente por não nos sentimos, assim, representados por uma elite que só favorece aí, né, uma determinada classe.

**9. Como você enxerga a divisão da população frente aos candidatos no período eleitoral?**

- Bem, eu tenho um entendimento e enxergo essa di... Di... Divisão justamente por entender que não apareceu ainda na cidade uma terceira via, uma terceira via que possa, de fato, quebrar a oligar... As oligarquias que sempre disputaram esse poder, então, eu acho que é um mo... Mom... Momento de se fazer uma reflexão do porquê uma cidade tão grande como a nossa, no sertão paraibano, ainda sobrevive, né, de... De... Das oligarquias. Então eu acho que é um momento importante de fazermos uma reflexão dentro desse campo, e, que se apresente, de fato, uma terceira via, pra que a população possa também ter aí uma oportunidade de fazer uma boa escolha.

**10. Você acha que a população como um todo busca uma mudança pra esse cenário político?**

- Bem, dentro do cenário e da conjuntura hoje, atual, a conjuntura nacional, política nacional hoje, né, tendo em vista é, um governo também, um Governo Federal, um governo do Bolsonaro que se elegeu através também de uma ondinha que... Que ac... Aconteceu, mas em um ano desse governo já se desapontaram, eu acredito que esse, justamente, é o momento de... Dessas mudanças. Dessas mudanças que virão através do voto mais consciente, de uma

análise que... Que a pop... População, agora, vai poder fazer as suas escolhas através dos debates que irão ser... Que irão ser promovidos, e daqueles que estão, de fato, se comprometendo. Primeiro que tem serviço prestado na sociedade, né?! Segundo, aqueles que se comprometem definitivamente com a pauta popular.

**11. Na sua opinião, como seria possível uma mudança neste revezamento de cadeiras no nosso município?**

- A mudança, acho que ela vai se dar do ponto de vista de lançar, né, novos nomes. Que a gente possa fazer uma articulação aqui no mun... Município, em que agregue várias outras ideias, nas... Ah, nas... Diferentemente das que vem sendo apontadas aqui no mun... Município, mas eu acredito que... Eu acho que esse é o momento que a população patoense se conscientize e possa fazer de fato, dessa terceira via, uma via que possa, de fato, representar o nosso povo. Então, eu acho que nesse momento, é um momento de a gente aguçar cada vez mais no nosso povo, né, a... A... O debate e fazer com que eles possam fazer uma reflexão maior dentro desse campo e fazer das próximas eleições, das eleições de 2020 o pontapé para a nova política.

## **A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVESAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB.**

Higor Porfírio Ferreira de Oliveira

Entrevistado: **J.O.** – **Entrevista V.** Arquivo.mp3 [4min]. Patos, 28 de Outubro de 2019.

### Questionário da entrevista

#### **1. De que modo você se envolve com a política municipal?**

- Eu estou envolvido de todas as formas, tanto como cidadão e como iniciante da vida política. Sempre usando as redes sociais para cobrar e fiscalizar e bem como participando de atos políticos o legislativo e executivo. Acho que todo cidadão deveria se interessar mais por política.

#### **2. Você vota em que segmento político local? Por qual motivo?**

- Não entendi bem a pergunta... Mas eu não me amarro a seguimentos específicos, mas sim as melhores propostas e ideias para o momento da cidade como toda.

#### **3. Você enxerga Patos-PB sendo governada, um dia, por alguma pessoa que não pertença às oligarquias Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley?**

- Sim. É questão de tempo para que novos nomes apareçam, pois, a cidade precisa disso.

#### **4. O que você acha do fato de, até hoje, termos apenas governantes provindos de uma pequena elite?**

- Elite, que elite? Não acredito nessas narrativas prontas. Acho a política bem eclética e com representantes de quase todas as classes sociais, aqui em Patos-PB a gente tem até políticos de origens pobre e semianalfabetos e etc.

#### **5. Como você enxerga a formação dessa política oligárquica na nossa cidade?**

- A cidade de Patos-PB vem sendo governada pela mesma família a décadas. Isso é muito ruim para a cidade e o povo está aprendendo na prática. Patos-PB precisa de novos nomes, não podemos aceitar essa oligarquia que aqui governa a mais de 30 anos.

**6. Você acha que por serem médicos, engenheiros e juristas, essas pessoas largam na frente dos outros candidatos?**

- Sim. A popularidade da classe médica é um dos fatores para terem popularidade, por outro lado não acho que seja o melhor perfil para administrar a cidade. A história prova que vários médicos passaram pela prefeitura e o resultado foi péssimo para a cidade, principalmente na área da saúde. Acredito que o perfil ideal seja um gestor

**7. Quais as ações você considera mais eficientes para a conquista de votos por parte das famílias tradicionais?**

- (Não entendi bem a pergunta). Mas eu acredito que os eleitores sempre visam a vida regressa do candidato, é natural que o povo tenda a votar em pessoas que sejam das famílias mais conhecidas e ou tradicionais na cidade e ou região

**8. Você se sente representado por estes governantes? Se a resposta for sim, como?**

- NÃO. É praticamente impossível um cidadão que tem um conhecimento razoável se sentir representado por esses Governantes desqualificados.

**9. Como você enxerga a divisão da população frente aos candidatos no período eleitoral? A pessoas votam nestas famílias, por quê?**

- A divisão da população sempre vai existir, isso é muito ruim, mas temos que lutar contra isso. Se você fala das famílias políticas (oligarquia), o povo vota por submissão, essa gente não tem votos, o que eles tem são cargos e empregos que eles barganham por voto no período eleitoral.

**10. Você acha que a população como um todo busca uma mudança pra esse cenário político?**

- Como toda não, mas uma grande parte quer mudança sim.

**11. Na sua opinião, como seria possível uma mudança neste revezamento de cadeiras no nosso município?**

- O revezamento de poder é saudável para a democracia, sei das dificuldades de surgir um novo grupo político na cidade de Patos-PB, mas as dificuldades e problemas atuais levam a sociedade a clamar por novos nomes e projetos para o nosso município.

## **A GENEALOGIA DO PODER PATOENSE: A FORMAÇÃO DE UMA ELITE POLÍTICA LOCAL E O REVESAMENTO DO EXERCÍCIO DO PODER EM PATOS-PB.**

Higor Porfírio Ferreira de Oliveira

Entrevistado: **I.R.** – **Entrevista VI.** Arquivo.mp3 [13min]. Patos, 26 de Outubro de 2019.

### Questionário da entrevista

#### **1. De que modo você se envolve com a política municipal?**

- Eu me envolvo com as minhas opiniões. Eu trabalho num veículo de comunicação e eu tenho que acompanhar, é... Dia a dia, primeiro todo o contexto, todas as notícias, todos os acontecimentos, na ordem em que essas coisas acontecem, e tenho a obrigação de formar uma opinião sobre esses fatos.

#### **2. Você vota em que segmento político local? Por qual motivo?**

- O entrevistado preferiu não responder.

#### **3. Você enxerga Patos sendo governada, um dia, por alguma pessoa que não pertença às oligarquias Wanderley-Motta ou Medeiros-Wanderley?**

- Sim! Porque, na verdade, é... Nada é impossível diante de uma participação popular. Se a população perceber que realmente já deu, e há pesquisas que indicam... Números que indicam isso de que a cidade de Patos está cada vez mais cansada das oligarquias, né, desses lados que há décadas tomam conta da política do município de Patos, como uma tradição também em outros municípios, é... É uma cultura, mas eu... Eu vejo que se nós tivermos uma... Uma frente popular que não pense só na campanha eleitoral, porque tem gente que chega só na hora de dizer: “Pronto! Eu sou candidato” e acabou. Assim, se criarmos uma luta, e se... Se for algo constante, é possível uma pessoa vindo do... Do chão mesmo conseguir crescer e governar essa terra.

#### **4. O que você acha do fato de, até hoje, termos apenas governantes provindos de uma pequena elite?**

- É... Na verdade, é constrangedor pra uma grande maioria. Porque nós precisamos entender



que tudo isso se dá justamente por uma questão cultural, mas acima de tudo, principalmente, por causa de um poder aquisitivo, de um poder financeiro. Isso é... É o que sempre decidiu as campanhas eleitorais e o que sempre deu visibilidade, principalmente nos moldes da legislação eleitoral anterior. Hoje a gente tem tentado diminuir isso em tempo de campanha eleitoral, algumas proibições, algumas vedações no processo eleitoral, mas antigamente era o “Vale-Tudo”. Antigamente, inclusive tinha Showmício<sup>28</sup>. Você chamava o povo pela atração da banda, ou seja, não pelas propostas de um candidato, e isso ao longo do tempo, a gente vê um desgaste nesse sentido, a gente vê que hoje os critérios são outros e é por isso que se dá uma esperança de... De... A gente mudar essa história.

### **5. Como você enxerga a formação dessa política oligárquica na nossa cidade?**

- É, como eu disse, é... É... Não é fácil, porque o povo muitas vezes não tem condições de... De ingresso e isso depende sempre daqueles que sempre “apitam o jogo”, daqueles que tão lá em cima. Porém, o que a gente precisa ponderar também é que: a política é um ambiente democrático, essas forças, elas são forças políticas legítimas, elas têm representatividade, elas têm espaço no poder, seja no contexto municipal, estadual ou até mesmo no contexto nacional. E, elas têm opiniões que muitas vezes agradam o povo, e isso não os exime da responsabilidade social que eles têm. E é isso que fica na... Em tempos eleitorais, na mesa da... Da... Do cidadão para que ele escolha se deu certo ou se não deu certo. Então, não é porque é uma oligarquia, não é porque é uma grande força que ela não possa ter um apego popular.

### **6. Você acha que por serem médicos, engenheiros e juristas, essas pessoas largam na frente dos outros candidatos?**

- Não. Não necessariamente. Eu acho que não é esse o critério, eu acho que o critério é sempre a condição de popularidade. Essas pessoas elas poderiam não ter formação superior nenhuma, mas por causa do berço, por causa das questões, por exemplo, dos relacionamentos, como aqui nós temos questões claras com relação a isso, como alianças e tudo mais, é... Mas principalmente, esses dois lados políticos aqui da cidade de Patos herdaram questões de décadas atrás, muito antigas, de famílias que já... É... Construíam base aqui no município, portanto, é...

---

<sup>28</sup> Eventos políticos que serviam e se referenciavam como comícios, atos normais em tempos eleitorais, porém, os showmícios eram como o próprio nome já diz: um show, um espetáculo. Espetáculo esse no qual, os candidatos para chamar o público para o seu “palanque” contratavam bandas de renome nacional para atrair a população.

Eu acredito que o critério é sempre esse, a velha política. A política feita na prática, e não necessariamente a formação do cida... Do camarada.

**7. Quais as ações você considera mais eficientes para a conquista de votos por parte das famílias tradicionais?**

- Infelizmente, uma verdade, é que o processo de convencimento pra essas pessoas, elas são extremamente por ligações, algumas por interesses particulares, muitos por troca de empregos, por barganhas na... Na... Na prefeitura municipal, por exemplo, né?! É assim que se faz o poder, por acordos, por secretarias, enfim... As grandes famílias tradicionais ou principalmente, por uma ligação antiga e isso, é difícil de se quebrar, e quando se quebra, geralmente passa pra um outro lado, nunca um lado de neutralidade, e sempre um dos pólos de força políticas aqui.

**8. Você se sente representado por estes governantes? Se a resposta for sim, como?**

- Sim! Em alguns momentos, sim. É... Há nossas discordâncias, mas é como eu digo, é... É... Não necessariamente por causa do poderio que se conquistou obrigatoriamente são pessoas ruins, não de tudo, há questões sociais, há questões de um trabalho desenvolvido e a gente se... Lida muito com fatos, se um governo, por exemplo, foi um governo que conseguiu dar assistência ao povo, se o governo naturalmente, é um governo que conseguiu, é... Obras estruturantes, é um governo que conseguiu otimizar os recursos públicos. Ao mesmo tempo nós temos governos na história de Patos que pouco fizeram, que sucatearam ou que historicamente nos primeiros mandatos fazem sempre aquela... Aquela beleza, aquele paraíso, mas no desgaste do tempo vai perdendo também a condição de governar.

**9. Como você enxerga a divisão da população frente aos candidatos no período eleitoral? As pessoas votam nestas famílias, por quê?**

- Bem, eu vejo pelo lado assistencialista, sabe?! As pessoas sempre precisam de coisas; os políticos sempre precisam do apoio popular para se elegerem, então uma coisa vai completar a outra, né?! É fato que, os políticos se apropriam disso, dessa condição de uma massa pobre, em sua maioria, assim, logo eles utilizam das práticas assistencialistas mesmo para se locupletarem. A elite precisa da massa, isso é fato, enquanto a massa vai demonstrar precisar da elite no período de campanha por coisas mínimas que a fazem mudar o pensamento sobre a sua escolha.

**10. Você acha que a população como um todo busca uma mudança pra esse cenário político?**

- A gente... A gente vive num determinado meio, que a gente, de certa forma, acaba analisando que a população quer uma mudança, num é?! Quer uma mudança! Quando acontece as eleições aí vem um “balde de água fria”, porque você ver que as pessoas por mais um determinado grupo da sociedade queira não vai influenciar um todo. A gente tem um exemplo, a Câmara Municipal de Patos, a avaliação que se faz, é uma das piores câmaras que já aconteceu aqui na cidade de Patos. Uma das piores que já foi eleita. Mas essas pessoas, desses dezessete, acabam dez, doze, voltando. Então, as pessoas reclamam, reclamam, reclamam, mas na hora de votar, acabam ou votando no que estão ou escolhendo alguém pior. Então, é uma pequena margem que faz com que se tenha uma representação qualitativa, mas a grande maioria acaba votando por isso mesmo.

**11. Na sua opinião, como seria possível uma mudança neste revezamento de cadeiras no nosso município?**

- Olha, a uma necessidade da organização social. Que ela é muito difícil. Muito difícil. Você trabalha a formação política, fortalecer sindicatos, associação de moradores, grupos de serviço, essas coisas todas. Então, eu creio que a gente só ia dar um salto de qualidade fortalecendo mesmo esses setores de formação política. Setores sociais, dá consciência. Lembrando que grande parte desses setores ou a grande maioria hoje, Associação de moradores, sindicatos, tão quase todos corrompidos. Associação de Patos, de moradores, das trinta e seis que tem, trinta e cinco são ligadas a estrutura que já está instituída no próprio município. Sindicato, você tem dois ou três que lutam, o resto são parasitas, pelego mesmo, que tira proveito do trabalhador. Então, a única forma da gente mudar não é do dia pra noite, não é num estalar de dedos, é se dedicar mesmo a formação de consciência das massas que são oprimidas, e a partir daí a gente pode esperar alguma mudança.

## **ANEXOS**

## Operação da PF determina prisão e afastamento de prefeitos no Sertão. Patos é alvo.<sup>29</sup>

---

Foi deflagrada nas primeiras horas desta sexta-feira, 9 de setembro, a Operação Veiculação, que tem por objetivo apurar irregularidades em licitações e contratos públicos, em especial ao direcionamento de procedimentos licitatórios e superfaturamento de contratos, em razão de serviços de locação de veículos, realizados pelas prefeituras municipais de Patos, Emas e São José de Espinharas, todas no Sertão da Paraíba.

Os prefeitos dos três municípios estão sendo afastados cautelarmente dos cargos e dois deles presos temporariamente, informou a assessoria de comunicação do Ministério Público Federal (MPF), um dos integrantes da Operação.

Além do MPF, a força-tarefa é composta pela Polícia Federal e Controladoria-Geral da União (CGU). Estão sendo cumpridos oito mandados de busca e apreensão, cinco de prisão e afastamentos de funções públicas de sete envolvidos, sendo quatro secretários municipais, além dos três prefeitos.

Todos os mandados foram expedidos pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF-5). As fraudes envolvem mais de R\$ 11 milhões em recursos aplicados em ações dos Programas de Transporte Escolar (PNATE), Fundeb, Pró-Jovem Trabalhador e Bloco de Média e Alta Complexidade (Saúde).

Com a decisão de afastar os prefeitos, as câmaras municipais serão oficiadas para dar posse aos substitutos legais. Um mandado de prisão preventiva contra chefe de gabinete também está sendo cumprido.

**Investigações** – As investigações da Operação Veiculação foram iniciadas pelo Ministério Público Federal no ano de 2015, a partir de informações da CGU, que em 2012 realizou fiscalizações, detectando contratação irregular de serviços de locação de veículos no Município de Patos, sendo indicado pelo relatório da Controladoria uma possível fraude licitatória e o não cumprimento do objeto pactuado, com consequente desvio de verba pública. Ao ser iniciado o procedimento investigatório criminal pelo Ministério Público, a CGU e a Polícia Federal passaram a atuar durante toda a apuração.

**Desumanidade** – Nos pedidos feitos para subsidiar o TRF-5, o MPF utilizou-se também de informações da Operação Desumanidade – deflagrada em dezembro passado em Patos, em parceria com CGU e Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público do Estado da Paraíba (MPPB) -, para demonstrar que as práticas de corrupção nos municípios alvos da Operação Veiculação são recorrentes, não só em contratos de obras, mas em outros tipos de contratos. A Desumanidade apura irregularidades em obras custeadas com recursos federais nos municípios de Patos, Emas e Quixaba.

**Mandados** – Os mandados da Operação Veiculação estão sendo cumpridos nas prefeituras de Patos, Emas e São José de Espinharas, na sede de uma empresa localizada em Recife, capital pernambucana, e nas residências de seis investigados (agentes públicos e empresários) nos

---

<sup>29</sup> Cf.: <http://www.paraibaconfidencial.com.br/2016/09/operacao-da-pf-determina-prisao-e-afastamento-de-prefeitos-no-sertao-patos-e-alvo-veja-as-fotos/> Acessado em: 24/10/2018

municípios de Recife, João Pessoa, Cabedelo e Patos. Em Recife, estão sendo cumpridos 2 mandados de prisão preventiva e 4 de busca e apreensão.

Participam da Operação Veiculação 60 policiais federais, 11 auditores da CGU, um procurador regional da República e um procurador da República.

Os investigados deverão responder pelos crimes de fraude à licitação, desvio de recursos públicos, lavagem de dinheiro, entre outros.

Mais informações serão oportunamente divulgadas pelos órgãos envolvidos.

Cf.: <<http://www.patosonline.com/post.php?codigo=55912>> ACESSADO DIA 09 DE SETEMBRO DE 2016.

---

## **Justiça Eleitoral nega registro de candidatura de Nabor Wanderley a prefeito de Patos<sup>30</sup>**

---

Juiz da 28ª Zona Eleitoral, José Milton Barros de Araújo, indeferiu nesta sexta-feira (9) o registro de candidatura do deputado estadual Nabor Wanderley (PMDB), que disputa a Prefeitura de Patos. O candidato a vice, Zé Lacerda (PSB) também teve seu registro impugnado. A decisão cabe recurso.

A promotora eleitoral Lívia Vilanova Cabral havia acolhido o pedido de impugnação do PSDB contra a postulação do peemedebista.

Os tucanos alegam que Nabor foi condenado em oito processos pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE) em ações que tratavam de fraudes, ausência de licitações e outras irregularidades que resultam em improbidade administrativa.

A promotora ainda encaminhou à Procuradoria Regional Eleitoral os autos do processo para que se adote medidas pertinentes quanto à inelegibilidade de Nabor Wanderley, que ocupa o mandato de deputado estadual.

Nabor entrou na disputa de Patos em substituição a prefeita Chica Motta (PMDB), que foi afastada da gestão hoje pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região.

Texto - Blog do Gordinho

---

<sup>30</sup> Cf: <<http://www.patosonline.com/post.php?codigo=55914>> Acessado no dia 9 de Setembro de 2016.

# Grupo político dos Motta é investigado em operação<sup>31</sup>

---

## Jefferson Saldanha

Uma força-tarefa composta pelo MPF, Polícia Federal e Controladoria Geral da União (CGC), desencadeou nas primeiras horas da manhã dessa sexta-feira (9), a operação “Veiculação”, que investiga irregularidades em licitações e contratos públicos, em especial a procedimentos licitatórios e superfaturamento de contratos, em razão de serviços de locação de veículos, realizados pelas prefeituras de Patos, Emas e São José de Espinharas, todas ligadas ao esquema político da família Motta. Entre os presos está Ilanna Motta, filha da prefeita Francisca Motta, afastada do cargo, e Renê Caroca, marido de Ilanna. Francisca e Ilanna são avó e mãe, respectivamente, do deputado federal Hugo Motta (PMDB), que presidiu a CPI da Petrobras na Câmara.

De acordo com a nota divulgada pela Assessoria de Comunicação da Procuradoria da República na Paraíba, durante a operação foram cumpridos 8 mandados de busca e apreensão, 5 de prisão e afastamento de funções públicas de 7 envolvidos, sendo 4 secretários municipais, além dos três prefeitos das cidades alvo da operação, Patos, Emas e São José de Espinharas, que têm como gestores, Francisca Motta (PMDB), Segundo Madruga (PMDB) e Renê Caroca (PSDB), respectivamente.

Todos os mandados foram expedidos pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF-5). As fraudes envolvem mais de R\$ 11 milhões em recursos aplicados em ações dos Programas de Transporte Escolar (Pnate), Fundeb, Pró-Jovem Trabalhador e Bloco de Média e Alta Complexidade (Saúde).

Os mandados da Operação Veiculação foram cumpridos nas prefeituras de Patos, Emas e São José de Espinharas, na sede de uma empresa localizada em Recife, capital pernambucana, e nas residências de seis investigados (agentes públicos e empresários) nos municípios de Recife, João Pessoa, Cabedelo e Patos. Em Recife, foram cumpridos 2 mandados de prisão preventiva e 4 de busca e apreensão.

## Suspeita de fraude licitatória em Patos

As investigações da Operação Veiculação foram iniciadas pelo Ministério Público Federal no ano de 2015, a partir de informações da CGU, que em 2012 realizou fiscalizações, detectando contratação irregular de serviços de locação de veículos no município de Patos, sendo indicado pelo relatório da Controladoria uma possível fraude licitatória e o não cumprimento do objeto pactuado, com consequente desvio de verba pública. Ao ser iniciado o procedimento investigatório criminal pelo Ministério Público, a CGU e a Polícia Federal passaram a atuar durante toda a apuração.

---

<sup>31</sup> Cf.: [https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno\\_politicas/grupo-politico-dos-motta-e-investigado-em-operacao](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_politicas/grupo-politico-dos-motta-e-investigado-em-operacao)  
Acessado em: 24/10/2018



## **Desumanidade**

Nos pedidos feitos para subsidiar o TRF-5, o MPF utilizou-se também de informações da Operação Desumanidade – deflagrada em dezembro passado em Patos, em parceria com CGU e Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público do Estado da Paraíba (MPPB) -, para demonstrar que as práticas de corrupção nos municípios alvos da Operação Veiculação são recorrentes, não só em contratos de obras, mas em outros tipos de contratos. A Desumanidade apura irregularidades em obras custeadas com recursos federais nos municípios de Patos, Emas e Quixaba.

Durante toda a manhã dessa sexta-feira dia 9, foi grande a movimentação de jornalistas e curiosos em frente à sede da prefeitura de Patos, que mais uma vez foi ocupada pelos agentes da PF e demais autoridades ligadas às investigações, permanecendo fechada durante toda o dia, bem como em frente à sede do Ministério Público Federal, que fica vizinho à prefeitura, mas nenhuma informação, além da nota divulgada, foi repassada para imprensa, tendo em vista que as investigações estão sob sigilo.

Outro local que teve uma grande concentração de jornalistas foi em frente à sede da Delegacia da PF em Patos, onde um grupo de jornalistas esperava por informações mais detalhadas. No local estariam a Secretária Ilanna Motta, filha da prefeita Francisca Motta e mãe do deputado federal Hugo Motta, e o marido dela, Renê Caroca, prefeito de São José de Espinharas, ambos presos durante a operação.

Por volta das 10h, Ilanna Motta e Renê Caroca foram levados para sede do Ministério Público Federal onde os envolvidos estariam sendo ouvidos pelas autoridades. O casal chegou no mesmo momento, mas em viaturas diferentes da PF, sendo conduzidos pelo braço para dentro da sede MPF.

Por volta das 10h15, a prefeita de Patos, Francisca Motta, afastada de forma cautelar do seu respectivo cargo, chegou acompanhada de dois advogados e também foi vista entrando na sede do MPF, mas nenhuma informação sobre a presença da prefeita foi repassada.

## **Lenildo assume prefeitura**

O vice-prefeito do Patos, Lenildo Morais (PT), foi notificado para assumir o cargo de prefeito no lugar de Francisca. A posse de Lenildo ocorreu por volta das 15h, na sede da Câmara Municipal, as portas da sede do Poder Legislativo estavam fechadas e foi preciso a presença de um chaveiro para abri-las. A cerimônia foi rápida e contou com parte da imprensa local e alguns vereadores e militantes petistas.

Ele disse que não tinha conhecimento das irregularidades na prefeitura, pois apesar de vice-prefeito, nunca teve acesso às ações da administração. “O Ministério Público teve a competência para fazer a investigação e vamos ver se tem alguma irregularidade”, declarou Lenildo.

Em seu discurso, o prefeito empossado afirmou que pretende recolocar Patos nos trilhos, no caminho do crescimento. Ele ainda anunciou a exoneração de todos os secretários da gestão da prefeita Francisca Motta, além de anunciar o nome de Arnold Medeiros para a secretaria de Finanças e Administração.

## Dois prefeitos e mãe de deputado são presos na Paraíba em operação da PF<sup>32</sup>

---

Dois prefeitos de municípios da Paraíba e Ilanna Motta, mãe do deputado federal Hugo Motta (PMDB), foram presos na manhã desta sexta-feira (9) durante uma operação realizada pela Polícia Federal. De acordo com o órgão, a operação “Veiculação” apura irregularidades em licitações e contratos públicos de locação de veículos realizados pelas prefeituras de Patos, Emas e São José de Espinharas. As fraudes investigadas, ainda não detalhadas, envolvem mais de R\$ 11 milhões em recursos públicos.

Segundo o Ministério Público Federal (MPF), foram expedidos mandados de prisão preventiva e temporários contra cinco pessoas. Do total de mandados de prisão cumpridos na operação, dois são contra os prefeitos Renê Caroca, da cidade de São José de Espinharas, e Segundo Madruga, de Emas, ambas no Sertão, e a mãe de Hugo Motta, que é chefe de gabinete da prefeitura de Patos. Os dois prefeitos alvos da operação foram afastados, assim como a prefeita de Patos, Francisca Motta, avó de Hugo. O parlamentar presidiu a CPI da Petrobras.

O assessor jurídico do gabinete chefiado por Ilanna Motta disse que "ela é uma pessoa de reputação ilibada, servidora efetiva do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, cedida à Prefeitura de Patos, tem moradia fixa, trabalho comprovado e sempre colaborou com investigações". "Dizemos, desde já, que essa prisão é considerada arbitrária", diz Jackson Lucena.

O **G1** entrou em contato com a procuradoria-geral do município de Patos. O procurador Walber Mota confirmou que acompanhou a operação da PF, mas preferiu não dar entrevista. O **G1** não localizou os advogados dos prefeitos de Emas e São José de Espinharas, e as ligações para as prefeituras não foram atendidas. A reportagem também tentou falar com o deputado Hugo Motta, por meio do gabinete e da assessoria, mas as ligações não foram atendidas.

Lenildo Moraes (PT) tomou posse como prefeito de Patos, na tarde desta sexta-feira (9), após o afastamento de Francisca Motta. As primeiras medidas anunciadas por ele foram exonerar todos os secretários municipais e instaurar uma sindicância para apurar irregularidades na gestão anterior.

Os mandados da operação foram cumpridos nas prefeituras das cidades do Sertão da Paraíba, em uma empresa localizada em Recife, capital pernambucana, e nas residências de seis pessoas investigadas em Recife, João Pessoa, Cabedelo e Patos. Na capital pernambucana também estão sendo quatro de busca e apreensão. Todos os mandados foram expedidos pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF-5).

Ainda de acordo com o MPF, as pessoas investigadas devem responder pelos crimes de fraude em licitação, desvio de recursos públicos, lavagem de dinheiro, entre outros crimes. As câmaras

---

<sup>32</sup> Cf.: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/09/tres-prefeitos-de-cidades-do-sertao-da-pb-sao-afastados-em-operacao-da-pf.html> Acessado em: 24/10/2018

municipais vão ser oficiadas da decisão, para dar posse aos substitutos legais. Um mandado de prisão preventiva contra chefe de gabinete também está sendo cumprido. Participaram da operação 60 policiais federais, 11 auditores do Ministério da Transparência, Fiscalização e Controle (MTFC), um procurador regional da República e um procurador da República.

## **Investigação**

As irregularidades investigadas pela ‘Veiculação’ são relacionadas ao direcionamento de procedimentos licitatórios e superfaturamento de contratos em razão de serviços de locação de veículos realizados pelas prefeituras. As fraudes envolvem mais de R\$ 11 milhões em recursos aplicados em ações dos Programas de Transporte Escolar (PNATE), Fundeb, Pró-Jovem Trabalhador e Bloco de Média e Alta Complexidade (Saúde).

O trabalho de investigação da operação começou pelo MPF em 2015, a partir de informações da Controladoria Geral da União (CGU) que, em 2012, realizou fiscalizações e detectou a contratação irregular de serviços de locação de veículos no município de **Patos**. O órgão, então, indicou uma possível fraude licitatória e o não cumprimento do objeto pactuado, com consequente desvio de verba pública.

Nos pedidos feitos para subsidiar o TRF-5, o MPF também utilizou informações da operação “Desumanidade”, deflagrada em dezembro de 2015. Segundo o órgão, a operação deflagrada no ano passado demonstra que as práticas de corrupção nos municípios alvos da “Veiculação” são recorrentes e não só em contratos de obras, mas também em outros tipos. A operação “Desumanidade” apura irregularidades em obras custeadas com recursos federais nas cidades de Patos, Emas e Quixaba.

## **Habeas corpus de Nabor Wanderley no STJ movimentando bastidores da política na cidade de Patos<sup>33</sup>**

---

O pedido de habeas corpus impetrado pelo Deputado Estadual Nabor Wanderley (PMDB) junto ao Supremo Tribunal de Justiça (STJ) tem movimentado o cenário político na cidade de Patos, pois muitos acreditam que o fato está relacionado à tentativa de se livrar de ações que o poderiam deixar inelegível devido a “Lei do Ficha Limpa”.

Nesta quarta-feira, dia 13, o pedido deu entrada no STJ e na quinta-feira (14) a cópia já circulava em várias redes sociais causando diversos comentários do pedido de habeas corpus antes de julgamento das instâncias regionais da Justiça Federal. Consta nos autos processuais que o pedido está inserido no Crime da Lei das Licitações.

Em contato com a assessoria de comunicação do Deputado Estadual Nabor Wanderley, a redação do Patosonline.com recebeu a seguinte explicação:

“O deputado Estadual Nabor Wanderley da Nóbrega Filho, esclarece a opinião pública, que ingressou com um habeas corpus no STJ, tendo em vista que o Ministério Público moveu uma ação penal que tramita no Tribunal Regional Federal da 5ª Região em virtude de um convênio para a construção de Poços nos anos de 2004 e 2005. Todavia, O MP alegou problemas na primeira fase convênio quando o Prefeito de Patos à época era Dinaldo Wanderley, portanto, de sua única e exclusiva responsabilidade.

O período de execução do convênio quando Nabor Wanderley era prefeito de Patos, na gestão seguinte, foi totalmente aprovado pela Funasa, tendo o órgão afirmado que inexistia qualquer irregularidade no período da gestão de Nabor Wanderley. Acontece que quando do ingresso da Ação Penal contra o ex-prefeito Dinaldo Wanderley, o nome de Nabor foi incluído também. Assim, o habeas corpus impetrado por Nabor Wanderley visa única e exclusivamente excluir o seu nome da ação Penal, tendo em vista que no período de sua gestão nada de irregular na execução do convênio foi constatado pela Funasa que, repita-se, aprovou o convênio referente ao seu período de gestão como Prefeito.

Assim, o Deputado espera que o STJ exclua o seu nome da ação penal por medida de justiça e de direito”. *A nota está assinada pela assessoria Jurídica.*

---

<sup>33</sup> Cf.: <https://radioespinharas.com.br/post.php?codigo=20241> Acessado em 24/10/2018



*Superior Tribunal de Justiça*

O **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, com base nos seus registros processuais eletrônicos, acessados no dia e hora abaixo referidos

**CERTIFICA**

que, sobre o(a) **HABEAS CORPUS** n° 354083/PB, do(a) qual é Relator o Excelentíssimo Senhor Ministro **FELIX FISCHER** e no qual figuram, como **IMPETRANTE**, **SOLON HENRIQUES DE SA E BENEVIDES**, advogados(as) **SOLON HENRIQUES DE SÁ E BENEVIDES (PB003728)** e, como **IMPETRADO**, **TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 5ª REGIÃO** e, como **PACIENTE**, **NABOR WANDERLEY DA NÓBREGA FILHO**, constam as seguintes fases: em 07 de Abril de 2016, **PROTOCOLIZADA PETIÇÃO (ORIGINÁRIA) EM 07/04/2016**; em 08 de Abril de 2016, **DISTRIBUÍDO POR SORTEIO AO MINISTRO FELIX FISCHER - QUINTA TURMA**; em 08 de Abril de 2016, **CONCLUSOS PARA DECISÃO AO(À) MINISTRO(A) FELIX FISCHER (RELATOR) - PELA SJD**. Certifica, por fim, que o assunto tratado no mencionado processo é: Crimes da Lei de licitações.

Certidão gerada via internet com validade de 30 dias corridos.

**Esta certidão pode ser validada no site do STJ com os seguintes dados:**

Número da Certidão: **900950**

Código de Segurança: **12F1.D06C.77AA.C8B2**

Data de geração: **13 de Abril de 2016, às 23:34:25**

## MPF/PB move ação de improbidade contra prefeito e ex-prefeito de Patos<sup>34</sup>

---

Encontra-se na 6ª Vara da Justiça Federal ação de improbidade administrativa contra o ex-prefeito de Patos (PB) Dinaldo Medeiros Wanderley, por irregularidades no uso de verbas da Fundação Nacional da Saúde (Funasa). Também são réus na ação o atual prefeito, Nabor Wanderley, além de Hermano Medeiros Wanderley, Manoel Dantas Monteiro, Deczon Farias da Cunha e a construtora Transamérica Construtores Associados Ltda.

A ação foi proposta pelo Ministério Público Federal (MPF) em Campina Grande (PB) e pede a condenação dos réus por dispensa indevida de licitação e enriquecimento ilícito. As irregularidades foram cometidas na execução do Convênio nº 1263/2002, firmado com a Funasa para a construção de 44 poços. O convênio possuía vigência inicial de 17 de dezembro de 2002 a 17 de dezembro de 2003, contando com a liberação de recursos federais no valor de R\$ 799.975,54 e contrapartida municipal no valor de R\$ 16.492,66. No entanto, as obras só foram concluídas em março de 2006, já na gestão de Nabor Wanderley.

O convênio foi assinado por Dinaldo Wanderley em 2002, que contratou, através de dispensa de licitação, a construtora Transamérica Construtores Associados Ltda. A prefeitura justificou a dispensa baseada em decreto estadual de estado de calamidade pública em Patos. No entanto, somente três dias após os convites terem sido recebidos pelas empresas, o município apresentou parecer jurídico justificando a dispensa.

Em 2004, a prefeitura pagou à construtora R\$ 479.985,54, quantia correspondente a 59,86% do valor total do convênio. Entretanto, em vistoria técnica, feita imediatamente após o pagamento à empresa, a Funasa constatou que somente 29,1% dos serviços haviam sido executados e, ainda assim, fora das especificações técnicas.

Em 2005, já na gestão de Nabor Wanderley, a prefeitura recebeu a última parcela do convênio e novamente dispensou a licitação, contratando a ACS América para concluir as obras, visto que o contrato com a Transamérica já havia expirado. As obras foram finalmente acabadas em março de 2006 e as contas aprovadas.

**Improbidade** - Para o Ministério Público, apesar da aprovação das contas e da execução integral do objeto do convênio, os gestores Dinaldo Medeiros Wanderley e Nabor Wanderley cometeram atos de improbidade gravíssimos, tendo Dinaldo liberado recursos antes de sua execução, contrariando as normas de execução financeira, com a participação do secretário Manoel Dantas Monteiro, que atestou falsamente que as obras correspondiam ao valor do pagamento.

---

<sup>34</sup> Cf.: <https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/2224610/mpf-pb-move-acao-de-improbidade-contra-prefeito-e-ex-prefeito-de-patos> Acessado em 24/10/2018

Além disso, Dinaldo Wanderley, dolosamente, permitiu o enriquecimento ilícito da construtora Transamérica, administrada por Deczon Farias da Cunha, que recebeu por serviços incompletos. Também houve, nas duas gestões, dispensa indevida de licitação. Para o MPF, tais irregularidades não podem ficar à margem de uma reprimenda judicial.

O MPF/PB pediu a condenação dos réus nas penas do artigo 12 da Lei 8.429/93 (Lei de Improbidade), em que se inclui também o ressarcimento ao erário.

**Empresas de fachada** - Segundo apurou-se, a construtora Transamérica, convidada pela prefeitura na gestão de Dinaldo Wanderley, encontra-se envolvida em diversas fraudes, sendo apontada como empresa de fachada pela Operação Carta Marcada na Ação de Improbidade nº 2007.82.00.006723-8, que tramita na 3.<sup>a</sup> Vara Federal, em João Pessoa. Tanto a Transamérica como a AGL Construções Ltda. apresentaram propostas cujos textos eram exatamente iguais, sem alterar uma vírgula sequer, e cujos valores diferiam em apenas R\$ 204,00.

Já as empresas ACS América Construções e Construtora Ipanema convidadas pelo atual prefeito, Nabor Wanderley, também encontram-se envolvidas em diversas fraudes, sendo apontadas como empresas de fachada pela Operação I-licitação. As empresas apresentaram propostas em formatação bastante semelhante, apenas alterando os valores.

Ação de Improbidade Administrativa nº 0003701-13.2009.4.05.8201, ajuizada em 25 de novembro de 2009.



## **Justiça condena Francisca Motta por improbidade em contratações de excepcional interesse público<sup>35</sup>**

---

A ex-prefeita de Patos, Francisca Gomes de Araújo Motta, foi condenada pela prática de improbidade administrativa. A sentença faz parte de mais um lote do Mutirão da Meta 4, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e foi divulgada nesta sexta-feira (04) pelo Tribunal de Justiça da Paraíba. Ela teve os direitos políticos suspensos por quatro anos, além do pagamento de multa civil de 40 vezes o valor da última remuneração percebida.

Consta nos autos que durante a gestão da ex-prefeita foram contratados servidores sem prévia aprovação em concurso público para exercício das funções de cargo próprio da atividade administrativa municipal. A então gestora firmou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), no qual ficou estabelecida a possibilidade de contratação excepcional apenas para suprimento das necessidades da atenção básica à saúde e somente enquanto se concluída o concurso público que estava em andamento, com prazo de prorrogação até setembro de 2014.

Ainda de acordo com a denúncia, Francisca Motta teria descumprido o TAC, uma vez que diversos servidores continuaram ocupando cargos de forma ilegal, por prazo excedente ao previsto no termo de ajustamento de conduta. Em 2015, foi firmado um acordo com o Ministério Público para rescindir os contratos excessivos e injustificados.

Porém, apesar de realizar rescisão em massa dos contratados em dezembro de 2015, em janeiro de 2016 a ex-gestora não nomeou o número necessário de efetivos para os diversos cargos, segundo o MP. Examinando o caso, o juiz Antônio Carneiro, destacou que não restou justificada a situação de excepcionalidade a autorizar a contratação temporária para prestação de serviço público. “A ilegalidade (inclusive a inconstitucionalidade) das contratações é manifesta, na medida em que ausente excepcional situação de interesse público, tampouco verificada situação de urgência, transitoriedade e indispensabilidade”, ressaltou. Cabe recurso da decisão.

### Absolvição em outro processo

A ex-prefeita Francisca Motta foi absolvida em uma outra ação, que apontava a prática de nepotismo. De acordo com o advogado dela, Joanilson Guedes, a defesa vai recorrer da decisão ao Tribunal de Justiça. “Vamos apresentar recurso porque todas as contratações entre 2013 e 2016 foram realizadas com base em Termos de Ajustamento de Conduta firmados com o Ministério Público. E ela cumpriu todos os TAC’s. Mas nós respeitamos a decisão da Justiça”, observou.

---

<sup>35</sup>Cf.: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/plenopoder/2019/10/04/justica-condena-francisca-motta-por-improbidade-em-contratacoes-de-excepcional-interesse-publico/> Acessado em: 05/10/2019

## Nabor Wanderley é investigado pelo MPF por uso de sistema de comunicação na campanha<sup>36</sup>

---

O Ministério Público Federal (MPF) instaurou inquérito civil com o objetivo de apurar o uso ilícito do Sistema Itatiunga de Comunicação para benefício da candidatura política do Deputado Estadual Nabor Wanderley.

A decisão foi publicada no Diário eletrônico do MPF desta quarta-feira (2). A portaria é assinada pelo procurador da República Tiago Misael de J. Martins.

De acordo com o texto da portaria, o inquérito visa regular e formal coleta de elementos destinados a auxiliar a formação de convicção ministerial acerca dos fatos. Nabor Wanderley é proprietário do sistema de comunicação e poderia tê-lo usado em favor de sua campanha política.

### PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DA PARAÍBA

PORTARIA Nº 57, DE 1º DE OUTUBRO DE 2019

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo procurador da República signatário, no exercício das atribuições constitucionais conferidas pelo art. 129 da Constituição da República, e:

- a) considerando o rol de atribuições elencadas nos arts. 127 e 129 da Constituição Federal;
- b) considerando a incumbência prevista no art. 6º, V e art. 8º, da Lei Complementar nº 75, de 20 de maio de 1993;
- c) considerando que o objeto do presente procedimento se insere no rol de atribuições do Ministério Público Federal;
- d) considerando o disposto na Resolução nº 77, de 14 de setembro de 2004, do Conselho Superior do Ministério Público Federal;
- e) considerando a presente NF instaurada com o objetivo de "apurar o uso ilícito do Sistema Itatiunga de Comunicação para benefício da candidatura política do Deputado Estadual Nabor Wanderley"

Converta-se a Notícia de Fato nº 1.24.003.000226/2019-10, em INQUÉRITO CIVIL, com base nas razões e fundamentos expressos na presente Portaria, para a regular e formal coleta de elementos destinados a auxiliar a formação de convicção ministerial acerca dos fatos, autuando-a e procedendo ao registro da presente instauração na capa dos autos e no sistema informatizado de cadastro (Único) desta Procuradoria da República.

Após os registros de praxe, publique-se e comunique-se esta instauração à respectiva Câmara de Coordenação e Revisão, para os fins previstos nos arts. 4º, VI, e 7º, § 2º, I

TIAGO MISAEEL DE J. MARTINS  
Procurador da República

---

<sup>36</sup> Cf.: <https://www.clickpb.com.br/politica/nabor-wanderley-e-investigado-pelo-mpf-por-uso-de-sistema-de-comunicacao-na-campanha-268971.html> Acessado em: 05/10/2019.